



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

*Trabalhadores da carnaúba: paisagem cultural e modos de
vida dos camponeses em Russas-Ce na primeira metade do
século XX*

Adriana Ribeiro de Lima

Fortaleza
2007



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

*Trabalhadores da carnaúba: paisagem cultural e modos de
vida dos camponeses em Russas-Ce na primeira metade do
século XX*

Adriana Ribeiro de Lima

Dissertação apresentada como exigência parcial para a
obtenção do grau de mestre em História Social à
Comissão Julgadora da Universidade Federal do Ceará,
sob a orientação do Prof. Dr. Almir Leal de Oliveira.

Fortaleza
Dezembro de 2007



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Adriana Ribeiro de Lima

Dissertação examinada, em 19 de dezembro de *2007*, em sua forma final, pelo orientador e membros da banca examinadora, composta pelos professores:

Prof. Dr. Almir Leal de Oliveira - UFC
Orientador

Prof. Dr. Eurípedes Antonio Funes - UFC

Prof. Dr. José Olivenor de Sousa Chaves - UECE

Fortaleza
2007

Dedicatória

Dedico este trabalho:

- À Lia,

Para que no futuro possa compreender melhor a história de sua terra, sua gente e de tempos tão distantes do seu.

- Ao Eduardo

Pelo companheirismo e apoio à vida intelectual.

Agradecimentos

A Deus agradeço minha existência.

O momento de agradecer é sempre muito difícil, principalmente pelo medo de acabar sendo injusta com alguém. De toda forma, tentarei.

Começo justamente pelos **trabalhadores e moradores das comunidades rurais de Boa Vista, Ingá, Malhadinha, Timbaúba dos Simplícios, Poço Redondo e Borges de Russas**, que compartilharam comigo suas experiências de vida. Sou imensamente grata a todos que me concederam entrevistas, conversaram e me conduziram pelas “trilhas” dos carnaubais e suas histórias, bem como, sempre demonstraram total apoio e interesse em colaborar com a pesquisa. Também, agradeço aos **funcionários da Biblioteca do Espaço Cultura Banco do Nordeste e do NUDOC** pela boa vontade e disposição na busca por livros, artigos e documentos que foram essenciais na produção deste trabalho.

Tenho uma enorme gratidão para com o professor **Dr. Almir Leal de Oliveira**, meu orientador, pelas vezes que precisou me mostrar qual o verdadeiro ofício do historiador. Seu decisivo apoio, renovado interesse, orientações motivadoras e, sobretudo, pela flexibilidade e compreensão em lidar com meu “tempo de mãe”.

Os comentários dos professores **Dr. Eurípides Funes e Dr^a. Adelaide Gonçalves** no exame de qualificação, foram valiosos. A eles, o meu agradecimento por tamanha contribuição de intelectualidade. Sou grata ainda aos professores, **Luigi Biondi, Edilene Toletto, Frederico de Castro Neves e Ivone Cordeiro Barbosa**, por terem acreditado em mim e no meu trabalho, além de me fornecerem informações importantes e permanente estímulo. Quero que saibam que tenho muito orgulho de ter sido aluna do Mestrado em História Social da UFC.

Aos meus companheiros de mestrado e parceiros de linha de pesquisa: **Yacê Carleial, Eltern Campina, Rodrigo Pinto e Airton de Farias**, com certeza sempre lembrarei com carinho das animadas conversas, regidas a cafezinhos e pastilhas de menta, durante os intervalos das aulas.

As amigas **Georgina Gadelha e Gláubia Cristiane** meu carinho especial e a certeza de que não fomos somente colegas de mestrado.

Meu carinho e admiração a **Sílvia e Regina Jucá**, secretárias e amigas da Pós-Graduação, pela sempre calorosa recepção e, sobretudo, pela competência na realização de suas atividades, o que nos ajuda na organização e cumprimento das obrigações para com o Departamento de História.

Aos amigos de outras datas e companheiros da História, onde sempre encontrei incentivo, apoio e com quem compartilhei diversas reflexões sobre os “meus” trabalhadores e seus modos de vida: **Gláubia Cristiane, Hider Albuquerque, Sandra Regina, Valfisia da Silva, João dos Santos e Maria Janete**.

Aos professores, do período da graduação, e amigos: **Olivenor Chaves e Josberto Montenegro** pelo permanente incentivo a pesquisa, troca de experiências e companheirismo.

Meus sinceros agradecimentos aos colegas de trabalho que me “substituíram” brilhantemente durante todo o período que estive ausente de minhas atividades profissionais: **Sirneto Vicente, Silvana Xavier, Elis Deire Mendonça e Suely Cruz**.

Agradeço aos meus “pais adotivos” **Chagas e Salete**, pela estada e por todo conforto proporcionado a mim durante o período que permaneci em Fortaleza. Os mimos e cuidados com minha gravidez tornaram-me mais forte para suportar a saudade de casa e de minha família.

A **Sandrelena de Jesus** pela ajuda diária e pelo carinho que tem por Lia. Obrigada por tudo, pela dedicação, por muitas vezes deixar sua família pra atender as minhas necessidades de pesquisadora.

De certa forma, esta dissertação começou em casa, quando ainda criança ouvia meus pais contarem histórias e aventuras de sertanejos. Portanto, escrevê-la é contar um pouco da história de meus pais, agricultores, e a minha própria. Por isso, e por muito mais, agradeço ao meu pai, **Arimatéia Ribeiro**, à minha mãe, grande guerreira, **Maria Aparecida de Lima** e aos meus irmãos, **Aureliano, Adriano (in memorian) Arimar, Aldiana e Aldoberto**.

Ao meu companheiro **Eduardo**. Seu apoio, compreensão, carinho e amor são inestimáveis em todos os momentos de minha vida.

Agora, o momento mais difícil, o que dizer para minha pequena **Lia**. Ela que esteve comigo desde o início de tudo, pois duas semanas antes do processo de seleção descobri que estava grávida. Senti minha ansiedade e nervosismo diante de cada etapa vencida. Pegou comigo muitos ônibus coletivos a caminho da

Universidade, ficou incomodada com a agitada rotina de aulas e palestras. Porém, mesmo diante de tantas dificuldades, sei que você veio no momento certo, pois em teu sorriso encontrei paz e tranquilidade para enfrentar a angustia das dificuldades com a pesquisa e escrita.

Finalmente agradeço ao apoio financeiro fornecido pela **FUNCAP**, ao proporcionar a bolsa de estudos que permitiu a realização desta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo central analisar experiências sociais dos trabalhadores no processo de extração e produção da cera da carnaúba no município de Russas, na primeira metade do século XX. Nossa pretensão inicial foi buscar as representações de cronistas, viajantes, historiadores e geógrafos sobre o espaço natural do Baixo Jaguaribe, e como este foi lido e interpretado como uma paisagem cultural na qual estão situados os camponeses da região. Nesse sentido, procuramos documentar as experiências destes trabalhadores quanto à organização social do trabalho, seus modos de vida: alimentação, moradia, lazer, religiosidade e formas de solidariedade vividas na comunidade rural. Assim, buscamos uma abordagem que valoriza as histórias e experiências destes sertanejos, tendo como objetivo apreender o sentido atribuído à paisagem cultural deste lugar para compreender a teia de relações sociais e de poder existentes no meio rural, sobretudo, entre proprietários de terras, arrendatários e trabalhadores da extração e produção da cera da carnaúba.

Palavras-chaves: cera da carnaúba, trabalhadores rurais, modos de vida, Baixo Jaguaribe – CE.

ABSTRACT

This research work has as its main goal to study the workers' social experiences in the process of the extraction and production of carnauba wax in Russas city in the first half of the 20th century. The initial objective was to search for the representations of chroniclers, travelers, historians, and geographers, about the natural space of the Jaguaribe lowlands, and how it was read and interpreted as a cultural landscape in which the countrymen of the region are settled. In this sense, a documentation of those experiences was done, related to the social organization of the work and lifestyles: food, housing, leisure, religiosity and forms of solidarity lived in the rural community. Thus it was sought an approach which values those countrymen's stories and experiences, having as objective to apprehend the meaning given to the cultural landscape of that place, in order to understand the web of social relations and power existing in rural areas, mainly among the land owners, the land renters, and the workers in extracting and producing carnauba wax.

Key-words: carnauba wax, rural workers, lifestyles, Jaguaribe-CE lowlands

Sumário

Introdução.....	11
1. Capítulo I - Homem e natureza: a ocupação do espaço e o redesenhar da paisagem no vale do Jaguaribe.....	23
1.1. Viajantes: descrição científica da carnaúba.....	23
1.2. O uso da terra e as relações de poder.....	41
2. Capítulo II – Rusticidade e relações sociais: os trabalhadores da cera da carnaúba e seus modos de vida.....	50
2.1 - A hierarquia da divisão do trabalho de corte das palhas, produção e comercialização da cera da carnaúba.....	50
2.2 – Alimentação, recursos alimentares e agricultura de subsistência.....	67
2.3. Tipos de moradia nos bairros rurais.....	75
3. Capítulo III – “A vida social” dos trabalhadores da carnaúba.....	84
3.1. O tempo além do trabalho: cantorias, dramas, Boi, festa do padroeiro.....	84
3.2. Mutirão e serões de trança da palha de carnaúba: formas de solidariedade.	96
3.3. A festa do padroeiro na comunidade rural.....	100
Considerações Finais.....	108
Fontes.....	111
Bibliografia.....	114
Anexos.....	119

Introdução

A ribeira do Jaguaribe foi uma das principais unidades produtivas da capitania do Ceará ao longo do século XVIII. Desde o processo de conquista e colonização, iniciado na segunda metade do século XVII, que a região, agora conhecida como Baixo Jaguaribe, ocupou um lugar estratégico na consolidação da montagem de uma estrutura colonial ligada à pecuária. Ligação primeira entre os sertões da capitania e o litoral, o Baixo Jaguaribe foi desde então, um espaço alterado pela exploração econômica dos colonizadores e sua paisagem foi sendo modificada nesse processo histórico. Os diferentes usos destas terras transformaram a paisagem natural. Assim, as relações sociais criaram o próprio sentido da região como espaço vivido, absorvido e transformado pelo homem, constituindo, desse modo, a paisagem cultural.

A paisagem composta pelos carnaubais esteve presente nos processos históricos da região do Baixo Jaguaribe, não só pela utilização das diferentes partes da planta na montagem das moradias, dos currais, e até mesmo no uso para a alimentação, mas como fonte de exploração econômica sazonal. A extração do pó de suas folhas, com o qual se prepara a cera de carnaúba, explorada a partir da segunda metade do século XIX, no formato da indústria extrativa, possibilitou a inserção da região na economia mundial.

A extração da cera da carnaúba, nos baixios do Vale do Jaguaribe, como atividade associada ao comércio internacional, se tornou a mais importante atividade econômica para a população local, gerando lucros extraordinários, principalmente para os grandes proprietários de terras. Ao trabalhador rural, cabia a realização das diferentes atividades em torno do corte da palha e extração do pó para produção da cera da carnaúba. Esta atividade sazonal, realizada de agosto a dezembro, envolvia trabalhadores rurais, que no restante do ano, se dedicavam à agricultura de subsistência e à pecuária, trabalhando como rendeiros ou agregados nas grandes propriedades.

Assim, a atividade sazonal da cera da carnaúba, pode ser considerada como uma outra forma de exploração do trabalho no interior das grandes propriedades,

mobilizando a força de trabalho que, durante o período da estiagem, se organizava em função do corte das folhas de carnaúba e da extração do seu pó, bem como do preparo da cera.

Quando iniciei esse trabalho de pesquisa no ano de 2000, em comunidades rurais do município de Russas, minhas primeiras inquietações eram com respeito ao que chamava de fragmentação da cultura tradicional sertaneja, em relação ao trabalho com a carnaubeira. Minhas observações iniciais me indicavam que, com a expansão da economia capitalista, com o acesso a novas tecnologias e meios de comunicação, havia uma tendência para a incorporação progressiva das áreas caracterizadas pelos círculos fechados, pela economia autônoma, aos processos produtivos globalizados e voltados para atender as demandas do mercado internacional.

O crescimento do latifúndio produtivo, o crescimento urbano, o emprego do trabalho assalariado, a impossibilidade de mobilidade espacial, fizeram com que o sistema de equilíbrio mínimo entre as necessidades e os recursos naturais mantido pelo sertanejo, assim como os traços de solidariedade existentes em todas as áreas da vida social, se desestruturasse culturalmente.

Para aqueles que migravam em direção à cidade, incorporando-se ao sistema do trabalho assalariado urbano, a cultura sertaneja remodelou-se. Porém, elementos da vida rural ainda estavam presentes em seus modos de vida, reproduzindo nos bairros periféricos do centro urbano de Russas, as culturas experimentadas ao longo de décadas, nos bairros rurais do mesmo município ou em outras localidades do Baixo Jaguaribe.

Observei ainda, que para os camponeses que permaneciam no campo, restava-lhes renunciar aos padrões tradicionais em favor da aceitação plena das novas disciplinas de trabalho. Também neste caso, observava que havia elementos de ruptura com a cultura sertaneja tradicional: ruptura quando a integração econômica e a demarcação de terras exigiam do sertanejo um maior esforço físico, bem como, o emprego de novas técnicas para a garantia de uma lavoura mais produtiva e voltada para a aquisição de excedentes, modificando, sobretudo, a hierarquia nas relações de trabalho e na forma como a produção se dava.

A dependência da produção da agricultura de subsistência era gradativamente substituída pelas compras de mantimentos na cidade, onde se encontram os estabelecimentos comerciais. Tratava-se de um acentuado

crescimento de dependência dos recursos urbanos que alterava significativamente as relações entre as pessoas da comunidade ou vizinhança.

O camponês, morador da grande propriedade explorador da terra e dos recursos naturais na agricultura de subsistência, passava por um processo de crescente dependência dos circuitos da cidade. Não era mais na comunidade e na solidariedade do grupo do bairro rural, que a experiência camponesa buscava adquirir os produtos indispensáveis à sua sobrevivência.

Neste sentido, observei que a vida tradicional sertaneja, baseada na agricultura de subsistência e na extração e produção da cera da carnaúba, bem como, outras atividades extrativistas, estavam num amplo processo de mudanças, onde os traços da cultura rústica que a marcava, cedia lugar ao avanço da economia capitalista e do mundo urbano e industrial. Desestruturava-se, assim, naquele meu primeiro olhar investigativo das solidariedades dos camponeses de Russas, a cultura rústica que havia marcado a experiência histórica daqueles camponeses que, sazonalmente, se organizavam dentro de uma complexa organização sócio-cultural da extração do pó da carnaúba para a produção de cera e outros produtos.

Foi percebendo esta progressiva desestruturação da cultura sertaneja que, ao ingressar no curso de mestrado, encaminhei minhas discussões, objetivando documentar as relações tradicionais dos sertanejos, bem como, sua cultura rústica. Meu aporte teórico, partiu da história social e da sociologia rural, como a idéia de bairro rural, desenvolvida por Antonio Candido em seu clássico *Os Parceiros do rio bonito*¹. Busquei definir meus procedimentos metodológicos e temáticas de estudo, num espaço interdisciplinar, situado entre a história, a antropologia e a sociologia. Esse suporte metodológico que visava documentar a realidade social a partir da análise da estrutura social do trabalho e da cultura sertaneja foi algo extremamente fascinante e que me influenciou profundamente na definição dos recortes que utilizei neste estudo.

As comunidades rurais pesquisadas: Boa Vista, Ingá, Malhadinha, Timbaúba dos Simplícios, Poço Redondo e Borges de Russas estão localizadas no distrito

¹ CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do rio bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Duas Cidades, 1987. p. 36. Vale ressaltar que por acréscimos de informações e fontes duas das edições deste livro são utilizadas neste trabalho, a edição de 1971 e 1987.

sede do município e distam aproximadamente 6 km do centro da cidade. Durante a primeira metade do século XX, esta distância tornava-se ainda maior devido à dificuldade de acesso aos meios de transporte que se restringiam basicamente aqueles puxados por animais.

As moradias de pequenos agricultores e agregados eram simples e pequenas, quase sempre de taipa. Já as casas pertencentes aos fazendeiros destacam-se pela grandeza de sua altura, bem como, pelo tamanho dos cômodos. A distância entre as casas fazia com que os moradores se encontrassem com mais frequência em situações de trabalho ou nas rodas de conversas que se formam nos alpendres de uma ou outra casa ao anoitecer.

Na verdade, as relações de trabalho estão presentes na vida desses moradores até mesmo nos momentos de lazer e diversão, como veremos mais adiante. Agricultores rurais que retiravam da natureza seus meios de sobrevivência e que buscavam na extração da cera da carnaúba mais uma fonte de renda durante o período de estiagem.

As práticas religiosas estavam presentes nas cinco comunidades estudadas como uma das mais fortes formas de sociabilidades existentes entre os moradores das comunidades rurais e se apresentavam como uma das organizações comunitárias mais empenhadas na busca da realização de um interesse comum a todos os moradores, a festa do padroeiro.

Assim, a primeira forma de análise aventada, foi a de considerar a estrutura rural dos camponeses de Russas, como bairro rural. Segundo Antonio Candido, *os bairros rurais eram os agrupamentos de famílias afastadas da povoação, do centro populacional e comercial urbano, porém territorialmente subordinados a ela. As famílias formavam uma unidade devido à convivência, à solidariedade e às atividades lúdico-religiosas e à rusticidade dos modos de vida*². A palavra rústica, assim como também observou Antonio Candido, não vem sendo utilizada nesta pesquisa como sinônimo de atraso, mas para expressar a figura de um sujeito possuidor de uma cultura rica em especificidades e originalidades, constituídas historicamente de acordo com a sua interação com o meio físico e com as estruturas de poder e de exploração do trabalho e da hierarquia de distribuição das terras.

²CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do rio bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Duas Cidades, 1971. p. 71.

Candido buscou na figura do parceiro da primeira metade do século XX, elementos que caracterizavam uma cultura rústica, isto é, tradições que se ajustaram ao ritmo da urbanização e da modernidade. Para ele, a base desta cultura estava na necessidade de prover o grupo de alimentação e de ocupação no trabalho agrícola. Esta necessidade de suprimento de alimentos para a comunidade, que ocorria no bairro rural, era o motor social que movia a sociedade, promovendo elementos organizativos do trabalho e das solidariedades, para que a necessidade do alimento fosse suprida. Esta foi a realidade que Antonio Candido documentou nos chamados bairros caipiras, no interior de São Paulo. Estes bairros se mantinham com o que Antonio Cândido chamou de *mínimo vital* e *mínimo social*³.

Segundo ele, além da agricultura de subsistência de baixa exploração dos recursos naturais e da força de trabalho, ou seja, uma produção de subsistência que, raramente produzia excedente para comercialização, o bairro rural dependia também de outras formas de exploração da natureza para adquirir alimentos, como a coleta de frutos silvestres, a caça e outros recursos. O mínimo vital está relacionado à alimentação, enquanto que o mínimo social, diz respeito à sociabilidade entre as famílias e os bairros. Esta foi uma definição que procurei desenvolver na minha pesquisa. A idéia de uma cultura de subsistência que, quando não estava associada à geração de excedentes, como exige a agricultura comercial buscava no mínimo vital e no mínimo social as suas formas de sobrevivência. Esta conceituação de Candido foi por mim utilizada, na definição do que chamei em Russas, de bairro rural.

Antonio Candido nos mostra, também, que a constituição dessa cultura caipira rústica se deu a partir dos processos históricos e sociais da colonização do Sudeste brasileiro. A formação de uma cultura caipira, fruto inicialmente da miscigenação do branco português com o indígena brasileiro, se desenvolveu historicamente. Esta cultura, posteriormente incorporou alguns elementos da cultura africana, presentes no Centro Sul. O processo de formação da cultura caipira confunde-se assim, com a própria colonização do Brasil. Os bandeirantes paulistas que abriram frentes de colonização no interior, posteriormente ocupadas por pequenos agricultores, foram os responsáveis pelas formatações culturais dos modos de vida presentes na cultura caipira.

³ Idem, Ibidem p. 25.

Aos poucos, foram incorporando os caipiras paulistas, na sua maneira de viver, os traços culturais de outros povos conquistados que já habitavam a terra. Assim, foi se moldando uma cultura peculiar em seus vários aspectos: culinária, língua, costumes, valores, técnicas de trabalho etc. Esta também foi uma questão teórica que marcou a definição do meu trabalho, ou seja, buscar compreender na cultura rústica dos camponeses de Russas, notadamente daqueles que tradicionalmente se organizavam na extração da cera da carnaúba, os elementos históricos acumulados desde o processo de colonização.

Antonio Candido percebe, que além da devastação propiciada no processo de colonização com o extermínio ou escravização das populações indígenas dos interiores do Brasil, o bandeirismo trouxe consigo determinado tipo de sociabilidade, com suas formas próprias de ocupação do solo e determinadas por relações intergrupais: *A linha geral do processo foi determinada pelos tipos de ajustamento do grupo ao meio, com a fusão entre a herança portuguesa e a do primitivo habitante da terra [...]*⁴. Antonio Candido mostra detalhadamente que os modos de obtenção dos meios de subsistência, aparecem como forma social organizada de atividades, criando-se uma relação entre a sociabilidade do grupo e as formas de se obter alimento. O autor afirma que existem “mínimos vitais de alimentação e abrigo e mínimos sociais de organização” e que o equilíbrio social, depende da equação destas duas determinantes. Assim, entrelaçam-se aspectos biológicos, econômicos, lúdicos, religiosos e sociais a partir da manutenção da subsistência.

A necessidade de sal e querosene, fazia com que o caipira fosse até o centro comercial mais próximo, para a aquisição desses produtos, permitindo um contato com outras pessoas e outros grupos sociais ou bairros. A igreja também aparece como ponto de sociabilidade, por conta das missas, rezas, terços e festas, que demandam certa organização, logo, relações sociais.

A sociedade caipira tradicional elaborou técnicas que permitiram estabilizar as relações do grupo com o meio (embora em nível que reputaríamos hoje precários), mediante o conhecimento satisfatório dos recursos naturais, a sua exploração sistemática e o estabelecimento de uma dieta compatível com o mínimo vital – tudo

⁴ Idem, Ibidem. p. 36.

*relacionado a uma vida social de tipo fechado, com base na economia de subsistência*⁵.

Determinados costumes da cultura caipira, foram se ajustando a uma nova conjuntura, a uma nova sociedade e à urbanização crescente. Uma das modificações ocorridas é o *mutirão*. O mutirão consiste em uma espécie de ajuda mútua entre os moradores de um determinado bairro. São as atividades da lavoura, roçados, plantações e indústria doméstica que proporcionam o mutirão, o qual sempre termina com uma festa. O favor nunca é esquecido e é retribuído assim que solicitado. As atividades ligadas a vida religiosa, também, são quase sempre realizadas em forma de mutirão, deste as novenas de santos, os terços tirados nas casas dos compadres, a reforma da igreja ou mesmo a realização da festa do padroeiro.

Os elementos que Candido registrou em sua pesquisa sobre o trabalhador rural paulista, são também elementos da cultura rústica que procurei documentar na região de Russas. Se o mínimo social não era observado ali, uma vez que estas comunidades se organizam também em função da economia da extração da cera de carnaúba, as formas sociais da hierarquização do trabalho e da exploração sazonal dos carnaubais trazem consigo os traços culturais da rusticidade das relações.

Assim, para Candido, a cultura tradicional foi perdendo sentido e perdendo funções numa sociedade crescentemente organizada com base nas leis de mercado, pois, de certo modo, segundo ele, economia caipira e economia de mercado, estão numa relação de oposição. Porém, mesmo onde o mercado predominou, a cultura caipira permaneceu residualmente nas gerações mais velhas, que não se adaptaram completamente às novas formas de sociabilidade e aos padrões modernos e racionais de pensamento e ação. É nesse universo, que se constitui e se reproduz uma cultura da qual faz parte o que chamamos de cultura caipira. Mais uma vez aqui, a formação social e as transformações pelas quais passaram os trabalhadores dos carnaubais na segunda metade do século XX, me motivaram a documentar a relação desses com o meio natural e as suas formas de organização das solidariedades nos bairros rurais.

A presença da música na formação da cultura caipira, também foi analisada por Candido, como um dos elementos da cultura rústica. É possível pensarmos que

⁵ Idem, Ibidem. p.37.

a música se portou como um elemento mediador nas relações destas comunidades rurais. Nas festas religiosas, a música atua como o fio condutor de todo o processo ritual. É através dela, que os homens e as mulheres do lugar, se reúnem e se organizam para fazer com que ritos de celebração da vida e realizações pessoais sejam manifestos. Normalmente uma folia de reis envolve toda a comunidade, principalmente quando ela termina o seu giro e chega à igreja do local. Estas sociabilidades ligadas as festas religiosas e aos encontros sociais, também foram observadas na experiência dos camponeses de Russas.

Busquei assim, principalmente a partir desse referencial de Antonio Candido, mas também de outros estudos sobre o campesinato brasileiro frente aos processos de modernização capitalista, notadamente Maria Izaura Pereira de Queirós e Maria Silvia de Carvalho Franco, construir um mecanismo teórico e metodológico para a análise social e histórica daquilo que formulei como interpretação de uma cultura rústica dos trabalhadores rurais de Russas na primeira metade do século XX.

Entretanto, faltava-me a referência da organização social e histórica da tarefa sazonal da extração do pó para a produção da cera de carnaúba. Não era apenas a cultura rústica que me interessava, mas a relação sazonal que esta cultura rústica suportava na base de sua organização histórica e cultural, isto é, a relação com o meio físico e de como a transformação da paisagem natural em paisagem cultural desse trabalhador rural eram determinantes na conceituação de uma cultura rústica. As relações com o meio físico, com a sazonalidade da extração do pó das carnaúbas, realizadas em época de estiagem, enfim, a relação homem natureza fazia-se também a partir de seus condicionantes históricos. Busquei, portanto, documentar essa relação, no sentido da formação histórica da região do Baixo Jaguaribe.

Para além das leituras teóricas, o processo de pesquisa iniciou-se com visitas às comunidades rurais de Boa Vista, Ingá, Malhadinha, Timbaúba dos Simplícios, Poço Redondo e Borges de Russas. A seleção de entrevistados era determinada pela procura de pessoas que haviam nascido ou vivido entre as primeiras décadas do século XX, e que tivessem participado dos trabalhos no corte da palha ou na extração do pó para se fazer a cera da carnaúba. Inicialmente, a grande maioria dos entrevistados só falava do trabalho, porém a partir da leitura de Antonio Candido e outros autores que trabalham com a sociologia rural, passei a

fazer perguntas que levassem os entrevistados a falar mais de seus modos de vida e dos tipos de sociabilidade existentes no meio rural.

A partir do contato com as fontes documentais, passamos a analisar as representações que foram sendo construídas em torno da carnaubeira. Então, procurei também documentar a relação histórica do homem com o meio natural. É importante ressaltar, neste momento, que a ligação entre paisagem cultural, cultura sertaneja e atividade extrativista, estão intimamente relacionadas neste trabalho, pois busquei compreender as transformações ocorridas na paisagem, nas relações sociais de trabalho e na vida da comunidade que foram se configurando nesse espaço ao longo do tempo.

Trabalhar com a historicidade da região Baixo Jaguaribe é para nós historiadores, uma tarefa onde não se pode separar homem e natureza, principalmente, se tratando da história do trabalho de extração e produção da cera da carnaúba, aproximando a história ambiental da história social.

Segundo Victor Leonardi⁶ a tentativa de reaproximar a sociedade na natureza, da qual ela nunca esteve separada, é uma tarefa que alguns historiadores já vêm tentando, com dificuldade, há algum tempo, superar. Como referência de alguns historiadores que realizaram esta tarefa, também com dificuldades, mas com grande sucesso, temos os livros de Keith Thomas⁷ e Simon Schama⁸.

Considerando a grande extensão do período estudado e a dispersão das fontes, o esforço de pesquisa foi grande, haja vista, a falta de um arquivo público na cidade de Russas. Portanto, toda a pesquisa bibliográfica foi realizada na cidade de Fortaleza. Assim, no primeiro momento, foram realizadas entrevistas com trabalhadores da extração e produção da cera da carnaúba que viveram durante este período, que teve por objetivo a captação de informações que nos levasse a traçar a problemática central de cada capítulo do trabalho, bem como, nos “abrir portas” para questões, até então, desapercibidas.

Voltando à descrição das fontes utilizadas no trabalho, no Centro Cultural Banco do Nordeste, em Fortaleza, pude pesquisar em livros que reuniam relatórios da Assembléia Legislativa do Ceará e estudos produzidos por Órgãos Governamentais, como a SUDENE, que me possibilitaram uma visão dinâmica de todo o processo de

⁶ LEONARDI, Victor. **Os historiadores e os rios: natureza e ruína na amazônia brasileira**. Editora UnB, 1999. p. 15 a 24.

⁷ THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

⁸ SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

extração, produção e comercialização da cera da carnaúba no Ceará. Também busquei compreender os aspectos que indicavam a organização social dos trabalhadores em torno desta atividade de extração.

Nas bibliotecas do NUDOC e CAEN, da Universidade Federal do Ceará, tive acesso a uma extensa bibliografia, a qual me serviu de apoio para a redação desta dissertação e conhecimento do cenário não somente local, como nacional e internacional da comercialização da cera da carnaúba e de temas ligados à história do trabalhador rural. Além desse material, pude também ter acesso a uma bibliografia especializada que me fez compreender e redefinir conceitos a cerca do imaginário de Sertão, construído e incutido em nossa cultura como fatores históricos, e assim, pude entender a riqueza dos costumes e da cultura rural, sem supervalorizá-los ou desprezá-los. Também, foram de grande valia, relatórios do Ministério da Agricultura, reunidos no trabalho de Cunha Bayma⁹.

Procurei também documentar a divisão e a organização das tarefas de trabalho da extração do pó e da produção da cera de carnaúba, a partir do registro fotográfico. Acompanhei o cotidiano do trabalho extrativo para compreender a divisão das tarefas e a forma da organização social presentes no interior das turmas de trabalhadores. Assim, o leitor poderá visualizar com clareza toda a organização e divisão do trabalho existente na extração e produção da cera da carnaúba.

Portanto, a estrutura da dissertação encontra-se dividida em três capítulos. No primeiro, fazemos uma análise das diversas representações realizadas por viajantes, cronistas, historiadores etc., sobre a carnaúba e suas utilidades para a vida no sertão, isso por esta ser amplamente divulgada como a árvore da vida. Ao descreverem a carnaubeira e suas utilidades, estes escritores, também detalham a formação da paisagem natural com seu rio e vegetação natural, que a partir da ação do homem, no sentido de explorar a carnaubeira, deste a construção de moradias à alimentação, transformou-a numa paisagem cultural.

Para mostrar como Russas aparece na paisagem do Vale do Jaguaribe, mostramos sua posição no processo de ocupação da região, onde a existência do rio Jaguaribe foi fator indispensável para o estabelecimento das fazendas de criar, do desenvolvimento da pecuária e posteriormente, da exploração da carnaubeira, com a retirada do pó para produção da cera. Com as mudanças ocorridas na

⁹ BAYMA, Cunha. **Carnaúba**. In: Produtos Rurais nº 09. Ministério da Agricultura, 1958.

paisagem natural e os diferentes usos sociais que este espaço sofreu pelo homem, na busca de satisfazer suas necessidades, também veremos como a estrutura fundiária estabelecida durante o período de povoamento, contribuiu para as relações de poder nos usos da terra.

A partir de situado o espaço da pesquisa, passamos a exibir o quadro hierárquico na divisão do trabalho de extração do pó da cera da carnaúba, tanto as relações sociais vividas no campo (processo de extração), como as experiências vividas dentro das casas de prensa (processo de produção da cera bruta).

No segundo capítulo, veremos de que forma os trabalhadores rurais que trabalham com a palha da carnaúba, durante o período de estiagem, e na agricultura de subsistência, no período chuvoso, articulam seus modos de vida com o trabalho. Pois, é importante destacar, que os trabalhadores aqui estudados, têm nas atividades da cera da carnaúba, um tipo de atividade sazonal; portanto suas experiências são analisadas dentro de uma estrutura social, que vai muito além, das relações vividas somente durante o período de trabalho com a palha da carnaúba. Este capítulo analisa e descreve os modos de vida dos trabalhadores e qual a relação que estes mantêm com o meio em que vivem deste a moradia, alimentação e outras atividades de subsistência, como a caça e a pesca, percebendo, sobretudo, como todas as atividades sociais do homem do sertão estão diretamente ligadas ao trabalho.

Ainda no segundo capítulo registramos de que forma os trabalhadores rurais que trabalham com a palha da carnaúba, durante o período de estiagem, e na agricultura de subsistência, no período chuvoso, articulam seus modos de vida e o trabalho, pois, é importante destacar, que os trabalhadores aqui estudados, têm nas atividades da cera da carnaúba um tipo de atividade sazonal, portanto suas experiências são analisadas dentro de uma estrutura social, que vai muito além das relações vividas somente durante o período de trabalho com a palha da carnaúba.

Assim, este capítulo mostra os modos de vida dos trabalhadores rurais durante a primeira metade do século XX e a relação que estes mantêm com o meio em que vivem deste a moradia, alimentação e outras atividades de subsistência como a caça e a pesca, percebendo, sobretudo, como todas as atividades sociais do homem do sertão estão diretamente ligadas ao trabalho.

O terceiro capítulo analisa “a vida social” dos trabalhadores, na perspectiva de mostrar que o conceito de diversão para os mesmos está muitas vezes associado

às atividades de colheita ou à prática dos mutirões, que eram feitos no intuito de ajudar vizinhos e amigos que precisavam de ajuda na debulha do feijão, ou nos serões de trança, sendo estas práticas de solidariedade existentes no bairro rural. Ainda neste capítulo, descrevemos como os sertanejos vivem a fé, na realização e doação de prendas para a festa de Santa Luzia, protetora da visão. Outras práticas de diversão são apresentadas, como o bumba-meu-boi, bastante apreciado pelos sertanejos durante as festas religiosas e de fim de ano.

CAPÍTULO I – Homem e natureza: a ocupação do espaço e o redesenhar da paisagem no vale do Jaguaribe

1.1 – Viajantes: descrição científica da carnaúba.

*Uma árvore nunca é apenas uma árvore. A natureza não é algo anterior à cultura e independente da história de cada povo. Em cada árvore, cada rio, cada pedra, estão depositados séculos de memória.*¹⁰

Simon Schamma.

A paisagem cultural do vale do Jaguaribe é marcada pelas ações que o homem desenvolveu historicamente com a natureza. Mergulhar na busca da historicidade desta paisagem cultural é o nosso objetivo neste capítulo. Estudar as experiências dos homens no espaço da região do Baixo Jaguaribe durante a primeira metade do século XX é analisar as transformações do espaço a partir da sua conformação histórica.

A paisagem e espaço geográfico como resultantes das ações humanas no tempo, fornecem ao historiador elementos para compreendermos as particularidades do vivido e experimentado socialmente pelos sujeitos históricos. As transformações econômicas e sociais que ocorreram na região do Baixo Jaguaribe desde seu processo de povoamento, transformaram e alteraram a paisagem natural e construíram uma relação homem-natureza, onde estão situados os trabalhadores da cera da carnaúba.

No entanto, também devemos considerar que a paisagem cultural do carnaubal está presente nos sentimentos, nas impressões registradas pelos viajantes que descreveram a paisagem da carnaubeira, impressões estas que foram de encanto, medo, prazer, angústia, aproximação ou distanciamento do homem com esse ambiente. Assim, a paisagem também foi representada pelo visível e pela percepção dos sentidos¹¹. Testemunha dos longos processos históricos pelos quais passou os espaços dos sertões da região do município de Russas, a carnaúba, considerada por muitos como a árvore da vida, se pudesse falar, poderia nos contar sobre muitas histórias, ainda ocultas, do nosso passado. A história das paisa

¹⁰ SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

¹¹ CLAVAL, Paul. **Campo e Perspectiva da Geografia Cultural**. In: Geografia Cultural: Um século (3) org. Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendahl. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 133 a 186.

jaguaribanas, sobretudo dos imensos carnaubais que, ainda hoje, predominam nesta região, acaba se confundindo também com as inúmeras histórias de vidas dos habitantes dessa terra.



Foto 01 – Paisagem de matas nativas do Município de Russas, Fotografia de Mauro Angeli.

Antes da chegada dos europeus, a região do Baixo Jaguaribe, era povoada pelos índios: potiguar, paiacu, jenipapo e canindé, que tinham uma relação íntima com aquela natureza. Profundos conhecedores dos recursos naturais, esses grupos indígenas, considerados Tapuia pela crônica histórica, não praticavam a agricultura e em ocupações sazonais coletavam mel, frutos e raízes, além de praticarem a caça.

Geralmente ocupavam o litoral na época da safra do caju, com o qual preparavam bebida, utilizada em práticas mágicas. Da palha da carnaúba e do algodão nativo, faziam trançados para redes de dormir, utensílios domésticos e de caça. Nas margens dos rios Jaguaribe, Banabuiú e Palhano, desenvolviam seus modos de vida e sua cultura. Segundo Raimundo Girão, *“os índios do Jaguaribe tinham elementos culturais diferenciadores de outras tribos que residia, em que estes eram oleiros, trabalhavam com a cerâmica e dormiam de rede, diferenciando-se assim dos cariris que não o faziam. Adotavam o uso de ocultar o membro viril*

*com a pele dos testículos levantada e presa ao corpo por um atilho, sistema que os cariris, também, desconheciam”.*¹²

Outra característica bastante recorrente sobre os Tapuias era o conhecimento dos recursos naturais do sertão, o que possibilitava uma mobilidade nos seus deslocamentos. Segundo Frei Vicente de Salvador, os Tapuia tinham *“grande conhecimento da terra, e não só o caminho por onde uma vez foram atinam por mais cerrado que já esteja, mais ainda por onde nunca foram. Tanto que saem fora de seus limites e entram pela terra dos contrários, levam suas espias diante, que são mancebos mui ligeiros, e há alguns de tão bom faro que há meia légua cheiram fogo, ainda que não apareça o fumo”.*¹³

A conquista desta região, conhecida como Guerra dos Bárbaros, teve também no elemento geográfico, suas particularidades quanto às táticas de guerra, que tiveram que se adaptar ao território inóspito do sertão. Como a ocupação implicava em “limpar a terra”, ou promover a Guerra Justa contra o indígena, para criar gado e estabelecimento de roças, houve a quase completa eliminação dos povos indígenas ou aldeamento destas populações. Aglomerações se formaram em torno de arraiais militares ou casas-fortes de defesa, para garantir a ocupação pelo europeu. No caso de Russas, ergueu-se no final do século XVII, o forte de São Francisco Xavier, com esse objetivo.

A ocupação do vale do Jaguaribe pelo colonizador no início do século XVIII, se deu através da distribuição de sesmarias nas quais logo se estabeleceram fazendas para a criação de gado. A partir do final do século XVII e início do século XVIII, a região foi rapidamente repartida entre os conquistadores a partir das doações das terras da ribeira do Jaguaribe.¹⁴

As fazendas localizavam-se às margens do rio Jaguaribe, onde eram utilizadas para a pecuária extensiva. Os seus rebanhos eram conduzidos até ao

¹² GIRÃO, Raimundo – **A Marcha do povoamento do vale do Jaguaribe (1600-1700)**. Instituto do Ceará, Fortaleza: 1986, p. 14. Para uma análise das particularidades culturais dos Tapuia ver: MEDEIROS, Ricardo Pinto – **Povos indígenas do sertão do nordeste no período colonial: descobrimentos, alianças, resistências e encobrimento** IN: FUMDHAMENTOS, Publicação da Fundação do Museu do Homem Americano, São Raimundo Nonato: FMHA/Centro Cultural Sérgio Motta, volume 1, n.2, 2002, p. 7 a 52.

¹³ SALVDOR, Frei Vicente do. História do Brasil: 1500-1627, Belo Horizonte: Itatiaia, 1982, p. 77.

¹⁴ Para uma análise mais detalhada da chamada Guerra dos Bárbaros e as táticas de guerra particulares desenvolvidas nesses sertões, ver: PUNTONI, Pedro – **A Guerra dos Bárbaros – Povos Indígenas e a Colonização do Sertão Nordeste do Brasil (1650-1720)**, São Paulo: HUCITEC, 2002. E ainda ARAÚJO, Soraya Geronazzo – **O Muro do Demônio: economia e cultura na Guerra dos Bárbaros no nordeste colonial do Brasil (séculos XVII e XVIII)**, Fortaleza: Mestrado em História Social da UFC, 2007.

povoado de Santa Cruz do Aracati, e abatidos para a produção do charque. O rio Jaguaribe foi, assim, um dos principais caminhos para ocupação e povoamento do sertão da capitania do Siará.

A primeira sesmaria do Jaguaribe foi doada, em 1681, a Manuel Abreu Soares e seus catorze companheiros que vieram “combater” os índios no Ceará. A mesma estendia-se da foz do rio Jaguaribe, no atual município de Fortim, até o boqueirão da Cunha, no atual município de Alto Santo, numa extensão de aproximadamente, 180 km. Esta sesmaria foi dividida em quinze datas, cada uma com uma légua de largura de cada lado do rio, perfazendo um total de duas léguas de largura ao todo, com duas léguas ao longo do rio, formando, assim, aproximadamente, uma área quadrada de quatro léguas¹⁵.

Assim como a conquista, que teve que adaptar-se ao meio natural, desenvolvendo táticas próprias de guerra e combatendo os indígenas conhecedores do sertão, a colonização e a distribuição de sesmarias se adaptou ao meio natural, uma vez que as terras eram distribuídas pelas ribeiras dos rios e os currais eram construídos em áreas onde o meio natural oferecia recursos próprios para a criação de gado.

A divisão das terras partiu, então do princípio de que o rio e a vegetação ali existentes eram meios facilitadores para sobrevivência naquele sertão inóspito, coberto por grandes matas de carnaubeiras. Assim, cada sesmeiro ficou com uma légua de comprimento por uma de largura, do leito do rio para o sertão. Percebemos a importância do rio para desenvolvimento dessa nova paisagem e das novas relações estabelecidas entre homem e natureza.

Aliás, toda a colonização do Ceará foi feita através das ribeiras. A ausência de uma unidade administrativa formal fez a Coroa portuguesa organizar a colonização através das ribeiras. Por exemplo, o dízimo real da capitania era dividido em contratos de arrematação pelas ribeiras. A população, a divisão eclesiástica, as companhias de ordenanças, enfim, a vida colonial no Ceará era organizada pelas ribeiras.

A formação do espaço colonial e o redesenhar da paisagem do baixo Jaguaribe a partir das fazendas de criar, inseriu a região em um complexo comercial.

¹⁵ SOARES, Hidelbrando dos Santos. **Agricultura e Reorganização do Espaço: A Rizicultura Irrigada em Limoeiro do Norte – Ce.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós – Graduação em Geografia da UFPE. Recife, 1999. p. 16.

A criação de gado foi um elemento novo que passou a compor não só a paisagem como também as relações sociais. Alguns carnaubais foram devastados para a construção dos currais, outros permanecem imponentes servindo como recursos econômicos para os vaqueiros, seja para a construção de moradia, ou ainda para o uso da palha para a produção de variados utensílios, desde bolsas, chapéus, até cestas, esteiras etc. Com a colonização, alterou-se a paisagem natural e cultural da região.

Russas está situada na ribeira do Jaguaribe, em uma área que é o encontro dos rios Banabuiú e Jaguaribe. Desde o início da colonização era uma região estratégica de ligação com os sertões de Icó, Quixeramobim e Tauá, dentre outros. Como os deslocamentos eram feitos seguindo os leitos dos rios, todos os caminhos da ribeira do Jaguaribe se encontravam nos baixios da região de Russas. A partir daí, atingia-se o porto no Aracati, caminho natural e primeiro entroncamento para quem vinha do litoral para os sertões da capitania. Russas foi sede da administração religiosa na ribeira do Jaguaribe, na primeira metade do século XVIII, quando em 1707 foi criado o Curato de Russas. Esse Curato, como o do Acaraú (que incluía toda a chamada ribeira do Acaraú), tinha jurisdição de todo o Jaguaribe, pelo menos até a criação das vilas pelo sertão, incluindo também o Aracati, que se tornou vila em 1748, desmembrada do Curato de Russas.

Registros históricos datados da primeira metade do século XIX procedentes de viajantes que cruzaram o Baixo Jaguaribe, documentam a imponente presença da carnaúba na região, ocupando terrenos de aluvião, solos argilosos, mergulhando suas raízes nas margens dos rios ou em planícies embebidas de sal, numa demonstração de resistência e adaptação da carnaúba ao meio natural, mesmo em longos períodos de estiagem. Nos relatos dos viajantes, encontramos diversas percepções destes ao entrarem em contato com a paisagem formada pelas carnaubeiras. Foram essas descrições, esse olhar estrangeiro, que marcaram as primeiras representações dessa paisagem natural. De certa forma, ao registrarem os carnaubais do ponto de vista da natureza, marcaram com o seu olhar a própria definição da região. Mas não só o mundo natural foi registrado. Alguns cronistas, logo após o relato do meio físico, também registraram os aspectos humanos presentes na paisagem, criando também a própria paisagem cultural do Baixo Jaguaribe.

Henry Koster foi um dos primeiros a descrever a paisagem do carnaubal do ponto de vista de sua particular constituição botânica. Koster viajava do Recife para o Ceará havia alguns meses, enfrentou o sertão árido durante a viagem entre Natal e Aracati num período de grande seca. Ao chegar no vale do Jaguaribe, impressionou-se com a diversidade e resistência do carnaubal em contraposição ao semi-árido da caatinga. Segundo ele, a viagem que percorreu entre Cajuais e o Aracati, era marcada por uma natureza própria: *“grande parte da viagem nesse dia ocorrera entre charcos d’água salgada e várzeas cobertas de carnaubais. Os altos troncos, despidos de ramos, coroados no topo pelas palmas, como os coqueiros, fazendo rumor ao menor sopro de vento, a cor e a aridez do terreno onde nenhuma relva apontava e raramente alguns arbustos davam a impressão melancólica a esses plantios.”*¹⁶

Koster, ao identificar a melancolia na paisagem repleta de carnaúbas, identificou claramente, não só a resistência desta à seca, uma vez que as palmeiras dominavam quase que exclusivamente o solo, mas que o seu conjunto formava uma cobertura vegetal dominante naquelas paragens, ou seja, impactou-se com o carnaubal.

Uma das descrições mais detalhadas do município de Russas, sua situação geográfica e riquezas aparecem no século XIX, no livro *Corografia Brasília*, do padre português Manuel Ayres de Casal.

*A Vila de São Bernardo, ainda pequena, está situada junto a uma ribeira, que depois de meia légua se junta ao Jaguaribe pela margem ocidental, obra de dez léguas acima de Aracati, e quarenta abaixo de Icó. A sua matriz é dedicada a Nossa Senhora do Rosário: gado e algodão as riquezas de seus habitantes*¹⁷.

Segundo Ayres de Casal, Russas está situada às margens de uma ribeira. O riacho a qual se refere e não cita o nome é o riacho Araibú, que corta toda cidade e muito contribuiu para o desenvolvimento da criação de gado e posteriormente os plantios de algodão. Assim citado pelo Padre como uma das riquezas do povo dessa terra. Aires de Casal, mesmo sem descrever o carnaubal, relatou que na região de

¹⁶ KOSTER, Henry – **Viagens ao Nordeste do Brasil**, Rio de Janeiro/São Paulo/Fortaleza: ABC Editora, 2003, p. 167.

¹⁷ CASAL, Manuel Aires de. **Corografia Brasília ou Relação histórico-geográfica do Reino do Brasil**. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976. (Reconquista do Brasil, v. 27) p. 288.

Russas o encontro de dois rios e a riqueza do terreno tornava particular a região, ao denominá-la de ribeira.

George Gardner, botânico escocês que passou pelas terras do Baixo Jaguaribe no ano de 1836, ao sair da cidade de Aracati em direção a vila de São Bernardo, também admirou-se com a paisagem que o rodeava:

*Esta palmeira, da qual atravessei depois imensa floresta, alcança a altura de vinte a quarenta pés e, além de ser a mais abundante, é também uma das mais belas entre as de igual tamanho. Os troncos das mais novas são em geral inteiramente cobertos de folhas; mas à medida que às árvores envelhecem, as folhas inferiores caem, deixando apenas no alto um tufo que se dispõe em perfeita esfera*¹⁸.

Gardner, como botânico, enxergou no carnaubal a floresta, ou seja, o amplo conjunto formado por carnaúbas de diferentes idades e tamanhos e predominando em amplo território. Com um olhar metódico que esquadriava o vegetal do ponto de vista da sua idade biológica, mediu a altura das copas, verificou a abundância das palmeiras e a evolução do vegetal. Essa classificação métrica típica da história natural, serviu para que ele identificasse o carnaubal como uma floresta.

Os viajantes que vieram aos sertões nordestinos, surpreendiam-se por não encontrar apenas grandes extensões de terras secas e com poucas condições de vida. Ficavam admirados em encontrar mata tão suntuosa e com tantas utilidades para o homem sertanejo, que mesmo durante os períodos de seca, tinha de onde retirar o sustento de sua família e material para construir sua moradia onde quer que fosse. Por esta razão, não poupavam descrições e elogios às carnaubeiras.

Nas descrições de Kidder, inglês e pastor protestante em viagem missionária para divulgar a leitura das Escrituras Sagradas, a carnaubeira apareceu nas suas descrições como uma árvore divina pela sua beleza e utilidade. Representou a carnaúba como o principal meio de sobrevivência do homem sertanejo.

*Prolifera nesta província, em grande abundância, a carnaubeira (coriphæra cerifera). Essa palmeira, cuja beleza rivaliza com a dos coqueiros Itamaracá, nada lhes fica a dever em utilidades. Ao sertanejo ela fornece alimento, roupa e abrigo. Além de seu fruto comestível, o palmito que produz no topo é grande e delicioso*¹⁹.

¹⁸ GARDNER, George. **Viagem ao interior do Brasil: principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836 – 1841**. Ed. da Universidade de São Paulo. p. 81.

¹⁹ KIDDER, Daniel P. **Notícias Históricas e Geográficas do Império e das Diversas Províncias**. Coleção Reconquista do Brasil. Editora da USP. p. 156.

Kidder descreveu as várias partes da carnaúba e as suas diferentes utilidades. Tinha a concepção de que o homem do Ceará era indolente, corrupto e pouco dado ao trabalho, por isso, afirmava que a principal fonte de sustento era o que a natureza podia lhes oferecer. Assim, a carnaúba e os seus diversos usos era uma verdadeira dádiva, uma vez que mesmo sem cultivá-la poderia o homem obter variados recursos sem empregar para isso o labor do cultivo. Nos relatos dos membros da Comissão Científica de Exploração de 1859, as previsões para o futuro uso econômico da cera da carnaúba no Ceará foi destacado como bastante promissor.

*São palmeiras preciocíssimas; não há uma só de suas partes ou de seus produtos que não seja de utilidade; mas tratarei agora unicamente da cera. (...) Quando, como devemos esperar, forem continuadas e melhor sucedidas as análises começadas pelo Dr. Brande, e a cera de carnaúba for melhorada em sua cor e consistência, a província do Ceará terá mais um manancial de riqueza pública e particular.*²⁰

Ainda na perspectiva de mostrar na visão dos viajantes a paisagem do Baixo Jaguaribe e como esta foi se transformando a partir dos diferentes usos sociais deste espaço, vejamos o que nos diz R. da Cunha diante da paisagem que encontrou às margens do rio Jaguaribe.

*(...) espécie de palmeira que abunda por toda ribeira do Jaguaribe e faz hoje uma das riquezas de principal indústria daqueles povos. A carnaubeira é uma dessas plantas preciosas que prestam-se a muitos usos e formam por si só grandes recursos, pertencendo a família das palmeiras, formam uma espécie particular distinta pelo tronco, palmas e frutos; o tronco roliço e esbelto eleva-se com elegância até grande altura, abrindo no cone em forma quase de chapéu de sol, sua copa de palmas até a altura de suas braças, seu tronco é circulado em espiral por uma espécie de saliências ou restos dos talos há saís espinhosos sendo o tronco liso, daí para cima os espinhos são corvos, tortos e bastante agudos (...)*²¹.

O relato de Cunha descreve o carnaubal como uma área de refrigério no interior dos sertões. Como comerciante, fez uma longa descrição das possibilidades econômicas da carnaúba, visando sua exploração econômica.

²⁰ BRAGA, Renato. **História da Comissão Científica de Exploração**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004. p. 324 a 325.

²¹ JORNAL DO RECIFE. R. da Cunha – **Uma Excursão pelo Ceará, 23 de julho de 1859. (sem paginação)**

Uma questão recorrente na literatura sobre a carnaúba é a representação desta palmeira como uma árvore que se presta para diferentes usos, e como uma árvore da vida. As análises do naturalismo, do cientificismo, do romantismo, todas são unânimes ao considerar a carnaúba como útil desde a sua raiz até a sua copa. Essa visão construiu um verdadeiro estigma sobre a carnaúba, transformando o vegetal e artefato cultural, representado por cientistas e poetas. A relação da carnaúba com o homem que a explora foi inicialmente cunhada por Ferdinand Denis, em seu livro *Brésil*, de 1837. Ferdinand Denis esteve no Brasil entre 1816-1831, preocupou-se em apontar a influência do ambiente natural sobre as idéias de um povo.

É considerado uma das figuras importantes do Romantismo brasileiro. Publicou em 1824, *Scènes de la Nature sous les Tropiques*: “A carnaúba é uma das árvores da vida, como denominou M. de Humboldt (...) graças à solidez de sua madeira e a disposição da sua folhagem uma cômoda cabana pode ser construída com algumas carnaúbas (...)”²²

²².DENIS, Jean Ferdinand. **Brésil**. Paris: Firmin Didot Frères Editeurs, 1837. p. 276.



Paisagem natural com rio e carnaubais (Ferdinand Denis – 1837)

A partir dessa identificação naturalista, inclusive na iconografia, a carnaúba passou a ser descrita nas suas partes e nas suas diferentes aplicações. O desejo naturalista de considerar a relação do homem com a natureza, cobriu-se de uma justificativa científica. Foi Paulino Nogueira Borges da Fonseca, em 1887, em uma série de artigos sobre história natural, que, além de estudar do ponto de vista etimológico o significado da palavra carnaúba, especificou as utilidades das suas diferentes partes. Segundo ele, *“É uma palmeira preciosíssima, de préstimo espantoso.(...) Talvez não se encontre em nenhuma região arvore que se applique a tantos e variados usos; donde veio entre nós o nome de carnaúba ao político que presta-se à todas as políticas.(...) Parece que Deus, por abençoar tão utilíssima planta, deu-lhe a estampa precisa e perfeita da “costodia” em que se guarda a sagrada forma. Nada mais parecido.”*²³

Paulino Nogueira apontou detalhadamente os usos de todas as partes da palmeira. Tronco, folhas, raízes, frutos, enfim, todo o vegetal foi descrito segundo o critério do naturalismo cientificista, referenciando sob esse aspecto os seus diferentes usos. Essa elaboração cientificista por sua vez, encontrava nas descrições dos viajantes a sua base empírica. Paulino Nogueira, então sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e presidente do Instituto do Ceará, utiliza variada literatura para comprovar suas afirmações, como caberia ao intelectual da época comprometido com as construções da ciência. Citou desde compêndios de história do Brasil e do Ceará, como Robert Shouthey e Tristão de Alencar Araripe, até memórias econômicas e dicionários, além de relatos de viagem.

Thomaz Pompeu de Souza Brasil, filho do senador Pompeu, que em 1865 já havia falado da carnaúba em seu *Ensaio Estatístico da província do Ceará*, também se utilizou do cientificismo para classificar a carnaúba. Pompeu chamou a atenção para o potencial econômico que os carnaubais representava para o Ceará. Seu ensaio se destina a apresentar as riquezas do Ceará para o mundo industrial reunido na Exposição de Chicago. Assim, seu relato valorizava os recursos naturais capazes de ser explorados pelo capital externo:

A “coryplia ceritera” (carnahuba) é uma palmeira de crescimento demorado; gasta dezenas de annos para adquirir certa corpolencia. Propaga-se com enorme fecundidade nas

²³ FONSECA, Paulino Nogueira Borges da - **A Carnaúba**. In: A Quinzena: Propriedade do Club Litterario, 05 de julho de 1887. Edição fac-similar. Fortaleza-Ceará, BNB, 1984. pág. 94 e 95.

*margens dos rios da província em terrenos alluviaes. Todo valle do Jaguaribe, com excepção de uma pequena facha de terra entre Jaguaribe mirim, acima e abaixo 3 a 5 leguas, é dotado de vastos carnahubaes, que só por si constituem uma grande riqueza florestal. Nas ribeiras do Curu. Cauhype, Acaraú, etc. as carnahubas se estendem a perde-se de vista. Sendo de lenho duríssimo e resistente ao fogo, não é empregado como combustível, o que tem preservado esta palmeira de maior destruição Sua utilidade é immensa, a madeira serve de ripas, caibros e linhas nas construcções de casa e de cerca de curraes.o palmito produz vinho, vinagre e uma substancia saccharina. Qunado tenro é usado como alimentação por ser nutritivo,nas épocas calamitosas (...) o fruto da carnahuba é pequeno e sua polpa alimentícia. Deste fructo extrahe se uma farinha e um liquido branco, a que chamam leite e é usado nas preparações culinárias. (...) o tronco, alem de servir para as construcções, é excellente madeira, de longa duração , para trapiches e outras obras em água salgada.*²⁴.

A carnaubeira aflora em grandes aglomerados e produz a cera. Constituindo-se esta, uma auto defesa da palmeira contra na perda de água, cobrindo toda a superfície da folha, obstruindo, assim, os poros e impedindo a evaporação. Exigente de clima seco e temperatura elevada é encontrada em abundância em zonas de temperaturas que oscilam entre 26° e 35° graus centígrados. De tronco erecto e crescimento lento, a carnaubeira atinge, em média, uma altura de 8 a 10 metros, mas raramente atinge mais de 15 metros após 50 anos de crescimento²⁵.

Da carnaubeira, além da cera que é o principal produto de comercialização, também se aproveitam as outras partes para diversos fins. Pompeu descreve com precisão a tamanha riqueza de utilidades da carnaubeira para o homem do sertão, principalmente ao levantar sua moradia.

A Margem do Jaguaribe, os curraes de gado e cercas são feitos com sua madeira. Grande parte das casas sertanejas, que marginam as regiões de carnahubaes, quase são construídas, desde a coberta as paredes e seus compartimentos da mesma carnahuba. A coberta é

²⁴ POMPEU, Thomaz. **Estado do Ceará na Exposição de Chicago**. In: Documentos: Revista do Arquivo Público do Ceará: Ciência e Tecnologia/Arquivo Público do Ceará. Fortaleza, v 1 – 2005. p. 116 a 120.

²⁵ **BANCO DO NORDESTE DO BRASIL**. Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste. Tendências recentes em perspectivas da cera de carnaúba. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1970. p. 06. (BNB publicações).

*feita da palha trançada tão apertadamente que sobre ella deslisa a chuva sem a penetrar, como se fôra telha de barro*²⁶.

Portanto, o tronco da carnaubeira é empregado nas construções de casas como travessas, caibros, ripas, cuja duração é indefinida, servindo, também, na confecção de currais e cercas. Também é empregado no vale como tubo e bomba d'água, perfuram ou brocam-no, formando tubos de 10 a 12 metros de comprimento.

As fibras que formam a casca são anegradas ou cinzentas, rijas, resistentes ao corte, entrelaçadas umas nas outras e unidas por uma substância medular duríssima, esbranquiçada. Já a fibra extraída da palha, utiliza-se na confecção de tarrafas, escovas, cordas e mantas. Após a extração da cera, a palha é usada na fabricação de artigos de uso domésticos, tais como: chapéus, bolsas, esteiras, etc.

O fruto da carnaúba é pequeno, oblongo, agrupado em cachos pendentes, de cor esverdeada, passando para roxo quando maduro. Seu gosto é travoso quando verde e ligeiramente adocicado quando maduro. Após maduros e secos, podem ser esmagados para extração de óleo comestível. Torrada e pilada a amêndoa, resulta em pó, que pode inclusive substituir o café. Suas raízes têm conhecidas aplicações medicinais. Uma farinha alimentícia pode ser obtida do palmito.

O palmito, isto é, a parte superior da haste, produz vinho, vinagre e uma substância sacarina. Quando pequeno, entra para a alimentação, sobretudo nas épocas calamitosas, por seu valor nutritivo. Por lavagens repetidas se extrai grande quantidade de amido. Quando é mais desenvolvido e convencionalmente despulpado é extremamente procurado pelo gado que o prefere a outra qualquer forragem.

Os talos que são aparados das folhas durante o corte são aproveitados como colchões ou camas, por sua flexibilidade, bem como de portas e janelas a semelhança de venezianas. Esses talos são leves, revestidos de um polimento que lhes dá a aparência de envernizados.

Ao descrever uma das primeiras utilidades da cera, Pompeu destaca a excelente qualidade de velas, que desta cera eram produzidas entre os sertanejos para iluminação de suas casas.

²⁶ **O Ceará no Centenário da Independência do Brasil.** Org. Dr. Thomaz Pompeo de Sousa Brasil. Ceará. Fortaleza. 1926. p. 245 a 248

Com esta cêra, misturada ao sêbo animal, em pequena quantidade, fabricam-se vellas quedão bôa luz e queimam lentamente, e são de uso em todo o Estado e circumvisinhos²⁷.

Ao buscarmos a história da utilização da cera da carnaúba, encontramos em relatos de viajantes as primeiras descrições da introdução da carnaubeira como elemento do meio natural, fornecedor de matéria prima para a manufatura extrativa. Henry Koster, que chegou ao Brasil em 02 de novembro de 1809, menciona seu primeiro contato com a cera da carnaúba quando iniciava sua viagem aos sertões das capitanias do Norte do Brasil:

Durante minha estada em Natal, o Governador mostrou-me uma espécie de cera produzida pelas folhas da carnaúba, a árvore de que tenho frequentemente falado. (...) O Governador, durante uma de suas viagens pela Província, passou a noite, como sucede sempre, no casebre de um lavrador. Uma vela de cera fora colocada diante dele. Era toscamente modelada, mas dava uma ótima luz. (...) O Governador realizou experiências pessoais, ensaiando velas e se convencendo da importância da cera vegetal²⁸.

Ao que tudo indica, foi nesse período da ocupação, que descobriu-se o processo da extração da cera da carnaúba, pois em 1766, segundo Pedro Araújo, na relação das despesas e ofertas recebidas pela Igreja de Nossa Senhora do Rosário do curato de Russas, durante a Semana Santa daquele mesmo ano, estão arroladas oferendas de velas feitas de cera de carnaúba no valor de 800 réis.²⁹

Além das utilidades que tem a carnaubeira para o sertanejo, economicamente a cera da carnaúba sempre foi um produto valorizado por suas diversas utilidades na indústria, sobretudo, na indústria de polimento de assoalho e discos fonográficos, haja vista que nenhum substituto inteiramente satisfatório foi descoberto para esta cera. A fim de fazer uma análise comparativa entre as informações dos viajantes, encontramos nos relatos da Comissão Científica de Exploração de 1859, mais elementos que faz realmente conceber que as primeiras utilidades atribuídas à cera da carnaúba e seu processo de extração foram desenvolvidos e difundidos através do Rio Grande do Norte, chegando à região do Vale do Jaguaribe em 1843.

²⁷ Idem. p. 246.

²⁸ KOSTER, Henry. **Viagens ao interior do Brasil**. Tradução de Luis da Câmara Cascudo. 2ª edição. Recife – 1978. p. 168.

²⁹ ARAÚRO, Con. Pedro de Alcântara – **Capital e Santuário: miragens russano-nordestinas**, Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1986, p. 117 a 118. A informação da oferta de velas feitas com cera de carnaúba foram coletadas, segundo ele, no Livro de Tombo da Matriz de Russas.

Vejamos o que nos escreveu Francisco Freire Alemão, encarregado da seção de Botânica e presidente da Comissão.

Conta-se que no Ceará se começou a tirar a cera da carnaúba por ensino de um Manuel Antônio de Macedo, que do Rio Grande do Norte viera a Jaguaribe em 1843. Parece, pois, que foi no Rio Grande do Norte onde primeiro se extraiu a cera da carnaúba. E talvez que dali mesmo tivesse conhecimento daquela operação o Dr. Arruda. Há na Província do Ceará léguas de terras cobertas destas palmeiras; mas é principalmente no Vale do Jaguaribe onde fez colheita de cera para alguns mil arrobas³⁰.

Segundo Ivone Cordeiro Barbosa³¹ os discursos produzidos em torno da seca, não reconheciam outras experiências sertanejas que não fossem a seca. Assim, nossas reflexões corroboram com as críticas de Ivone Cordeiro, quando procuramos mostrar o sertão como um lugar vário e múltiplo. Um espaço que tem uma historicidade que vai muito além das experiências ligadas ao trabalho com a cera da carnaúba.

Ao mesmo tempo em que encontramos descrições do sertão da seca e dos períodos difíceis, também encontramos descrições do sertão chuvoso. Assim como relata Gardner.

Após longa noite de chuva, a manhã, embora nublada, estava seca e havia nos ares um toque de frescor como eu não havia sentido desde a partida da costa (...). Durante a estação das chuvas o leite é abundante e de excelente qualidade (...) aqui ao contrário do que esperava encontrei fartura, embora de alimentos grosseiros³².

Assim como Ivone Cordeiro, que demonstrou através da literatura o quanto o sertão é um lugar-incomum, este estudo busca descrevê-lo em sua pluralidade; ou seja, descrever as várias faces que tem o sertão. Não o sertão da seca, que segundo o imaginário construído estaria paralisado durante tal fenômeno, mas o sertão que encontra na própria seca mecanismos de sobrevivência, como no caso do trabalho com a cera da carnaúba, que é extraída somente nos períodos de estiagem.

³⁰ BRAGA, Renato. **História da Comissão Científica de Exploração**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004. p. 324 a 325.

³¹ BARBOSA, Ivone Cordeiro. **SERTÃO: UM LUGAR INCOMUM – O sertão do Ceará na literatura do século XIX**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. Fortaleza, Ce. Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000. p. 223 a 224.

³² GARDNER. Op. Cit. p. 85.

Neste sentido, os trabalhos com a carnaubeira representam para o homem sertanejo uma das principais atividades durante o período de não produção agrícola. Suas utilidades vão muito além da extração e produção da cera da carnaúba. Conhecida cientificamente por *Copernicia Cerífera*, os maiores e mais densos carnaubais são encontrados no Nordeste, principalmente nos estados do Ceará e do Piauí, que são responsáveis por cerca de 80% da cera produzida no Brasil. Não obstante seu habitat nativo ser o Nordeste, ela é encontrada também, em vários estados brasileiros, no planalto goiano e nas terras baixas do Mato Grosso.

A carnaubeira é uma planta nativa, ou seja, sua reprodução ocorre através de um processo natural, onde a própria natureza por meio de animais silvestres e da ação do vento realiza em solos favoráveis a proliferação desordenada da espécie, não necessitando de adubação, de agrotóxicos ou de mecanização agrícola e compõe a mata ciliar³³ característica da região nordeste.

Nas primeiras décadas do século XX, a cera de carnaúba passou a ser empregada na indústria, para assoalhos. A pesquisa, aliada ao desenvolvimento industrial, proporcionou um vasto campo de utilidade para esse produto: papel carbono, graxa para calçados e mobílias, cera para carro, isolantes térmicos, discos, polimento de couro, tintas e vernizes entre outros. Acreditamos que, com a utilização industrial da carnaubeira, estabeleceu-se um sistema técnico, cujos componentes se encontram em diferentes setores da economia, além de projetar-se na vida social econômica, política e cultural. Expande-se a indústria da cera, com tecnologias específicas, solidifica-se todo um circuito da produção da extração no comércio externo, com novas relações sociais³⁴.

³³ Além da carnaubeira, a mata ciliar compõe uma vegetação de porte médio, em forma de árvores ou em forma de arbustos. Geralmente, os rios de cava profunda dão árvores de maior porte e os de cava rasa dão árvores de menor porte e vegetações baixas, constituindo as chamadas várzeas. Porém, no caso do Rio Jaguaribe, a área de carnaubeiras é mais extensa. A importância desta vegetação ao longo das margens dos rios é que as raízes destas árvores ajudam a fixar o solo junto às margens, dificultando o desmoronamento dessas margens para dentro do rio, o que irá assoreá-lo, o que é ruim, pois ficará prejudicada a biota do rio, em especial a do fundo. A mata ciliar funciona, também, como uma espécie de barreira, segurando materiais terrosos que chegam com as chuvas, e com isso impede ou dificulta o assoreamento do curso d'água. Essa barragem pode estar segurando também toda espécie de materiais estranhos que irão afetar a qualidade das águas do rio, como sejam excessos de adubo e agrotóxicos utilizados na lavoura e outros lixos. As sementes das árvores citadas servem de alimento para os peixes do rio e fazem aparecer uma avifauna, isto é, as aves encontram ali moradia (árvores) e riqueza de alimentação para, também, cumprir o seu papel de semear outros sítios, longe dali, através de seus dejetos com sementes. Cf: ZULAUF, Werner E. **A ideologia verde e outros ensaios sobre meio ambiente**. São Paulo: Geração Editorial, 1995.

³⁴ LIMA, Luiz Cruz. **Produção do espaço, sistemas técnicos e divisão territorial do trabalho**. Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, vol. VI, nº 119 (63), 2002

Nas cidades do Baixo Jaguaribe, formou-se uma elite rural detentora de poder econômico e político, estas pessoas em sua maioria eram donos de grandes propriedades de terras, estavam ligados à política local e faziam parte das “famílias tradicionais”. Proprietários de terras que além de dedicar-se à exploração da cera da carnaúba, também eram senhores fazendeiros, com grandes rebanhos de gado e plantações, mantendo assim, uma relação paternalista com muitas famílias que viviam agregadas em suas terras.

Em relação ao desenvolvimento urbano do município, a arquitetura desse período se assemelha à fase da pecuária: com seus casarões residenciais, amplos prédios comerciais, galpões fechados do processamento artesanal, ainda hoje, são encontrados em algumas cidades da região do Baixo Jaguaribe.

Segundo relatório do Ministério da Agricultura no Município cearense de São Bernardo de Russas no ano de 1941 existiam 2. 941 carnaubais, número maior que o encontrado nos municípios de Limoeiro do Norte, com 1. 944, Jaguaruana, com 1. 548 e Morada Nova, com 842 carnaubais, sendo estes todos nativos³⁵.



Foto 03 – carnaubal cultivado na comunidade de Jardim de São José – Russas

Com a progressiva valorização da cera da carnaúba no mercado nacional e internacional o interesse pela exploração de cultivos ordenados de carnaubais começou a despertar em empresas americanas o interesse pelo produto que se

³⁵ BAYMA, Cunha. **Carnaúba**. In: Produtos Rurais nº 09. Ministério da Agricultura, 1958.p.17.

mostrava atender aos exigentes critérios de qualidades americanos, como a exemplo da Companhia Johnson S. A. No ano de 1937, estabeleceu-se no Ceará a empresa americana Johnson S.A, objetivando a exploração agrícola racional de carnaúbas. Mantendo uma relação de cooperação com agricultores, a Johnson S.A financiava o plantio ordenado de carnaúbas, tanto no município de Russas, como em outros municípios do estado.

O plantio da carnaúba é feito em terreno apropriado, pelo menos destocado, com espaçamento de 3,5 x 3,5 m, o que dá aproximadamente 830 palmeiras por hectare. O fruto de plantio (coquinho da carnaúba) deve ser recolhido quando maduro, posto para secar e em seguida plantado. Outro procedimento adotado é o do replantio. No município de São Bernardo das Russas em 1936 foram replantadas pela Companhia Johnson S.A mudas de carnaúbas procedentes de Cuba, das quais esperavam colher grandes resultados³⁶. Período este que levaria um prazo de sete a oito anos, tempo necessário para que as mudas ficassem adultas e prontas para exploração extrativista.

A exploração em escala industrial da cera de carnaúba no século XX, alterou a paisagem natural dos carnaubais com a introdução de carnaúbas cultivadas, adaptando o plantio as condições de produção exigida pelo mercado internacional. Nessas condições, alteraram-se também as formas de exploração da força de trabalho na região.³⁷

³⁶ Idem, p. 20 a 23.

³⁷ A progressão dos preços da cera da carnaúba no mercado externo a partir do ano de 1914, segundo relatórios do Ministério da Agricultura encontrava-se do seguinte modo:

ANOS	SAFRA EXPORTADA	VALOR TOTAL (Cr\$)
1914	3.316 t	5.512.000
1924	4.992 t	16.578.000
1934	6.146 t	27.362.000
1944	11.130 t	298.222.000
1954	9. 211 t	490.104.000

Ao observarmos o quadro acima percebemos que o aumento da safra não correspondeu à elevação dos preços tão acentuadamente vantajosos, isso ocorre, sobretudo, pela variação climática e natural da qual depende a produção do pó cerífero. Há uma diminuição na produção do decênio de 1954, em relação ao decênio de 1944. No entanto, esse fato não alterou o valor arrecadado em toneladas, ao contrário, mesmo com uma produção inferior, no decênio de 1954, chegou-se a arrecadar quase o dobro do total arrecadado no decênio de 1944.

1.2 – O uso da terra e as relações de poder.

Para compreendermos a estrutura fundiária da região do Baixo Jaguaribe é preciso que tenhamos conhecimento de sua formação histórica.

Nas áreas de várzeas do rio Jaguaribe, a sucessão hereditária e a própria forma de divisão da sesmaria em datas na ribeira do rio, contribuiu fortemente para a atual estrutura fundiária da região, onde predomina a pequena exploração e a agricultura familiar. No entanto, não se deve achar que o predomínio, em número, de pequenas propriedades, signifique que as mesmas ocupem maiores áreas que as grandes propriedades. Ao contrário, as grandes propriedades, constituídas a partir de heranças e da compra de diversas pequenas propriedades, são predominantes, no que diz respeito à concentração fundiária, no entanto, utilizam-se da pequena exploração econômica das terras³⁸.

Nas pequenas propriedades predominou a agricultura de subsistência, indicando assim, a pouca capacidade de investimentos dos agricultores, que, na busca de atender as necessidades básicas de suas famílias dedicavam-se às plantações de ciclo rápido de produção. Também era praticado o sistema de parceria entre moradores rurais e grandes proprietários de terras. A parceria se dava tanto nas atividades agrícolas, como na criação de animais.³⁹

Essa parceria entre grandes proprietários e os trabalhadores rurais pode ser notada, tanto no interior da pecuária durante o período colonial, como na produção de algodão no decorrer do século XIX. No Ceará, manteve-se o grande domínio dos proprietários rurais sem uma grande exploração da terra, como nas *plantations* do sudeste do país. Aqui, a pequena exploração da agricultura prevaleceu, ocupando os agregados, de forma familiar, na exploração de pequenas porções de terra na grande propriedade dos fazendeiros. Podemos observar isso para o caso do algodão.

No Ceará, o algodão, como planta nativa, era trabalhada pelos índios e, posteriormente na produção artesanal de "panos grosseiros". A partir do último

³⁸ SOARES, Hidelbrando dos Santos. **Agricultura e Reorganização do Espaço: A Rizicultura Irrigada em Limoeiro do Norte – Ce.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós – Graduação em Geografia da UFPE. Recife, 1999.

³⁹ O sistema de parceira configura-se quando um proprietário cede a terra a um agricultor, sendo por esta cultivada, repartindo os frutos entre ambos, na proporção que estipularem. Sobre as diferentes modalidades de parcerias e sua diferenciação ao sistema de colonato ver Antonio Candido. **Os parceiros do rio bonito.** p. 107- 109.

quartel do século XVIII é que o algodão adquiriu um caráter de atividade comercial fato relacionado à demanda têxtil européia⁴⁰. Com a Revolução Industrial floresceu a economia do algodão no Nordeste do Brasil, até a entrada de concorrentes, como o sul dos Estados Unidos, quando decaiu a produção. Na segunda metade do século XIX, a Guerra da Secessão, entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos, impediu a produção algodoeira desse país, favorecendo a retomada das exportações brasileiras, notadamente a nordestina. Rodolpho Theophilo nos descreve como esse fato contribuiu para o avanço sobre as terras cearenses e mudanças na paisagem.

De um anno para outro, a Província cobriu-se de algodoais; derribavam-se as mattas seculares do littoral às serras, das serras aos sertões; o agricultor com o machado em uma das mãos e o facho na outra deixava após si ruínas ennegrecidas. Os homens descuidavam-se da mandioca e dos legumes, as próprias mulheres abandonavam os teares pelo plantio do precioso arbusto; era uma febre que a todos hallucinava, a febre da ambição⁴¹.

O que queremos destacar é a forma de exploração da terra através de relações de trabalho que sempre dependeram da pequena exploração para se manter. Mesmo no momento da ampliação da agricultura comercial, foi o trabalhador agregado que deixou suas atividades de subsistência para dedicar-se ao cultivo do algodão.

De acordo com Frederico de Castro Neves foi a agricultura de subsistência responsável pela fixação do homem nas terras do semi-árido, muito embora tenha sido a pecuária aquela atividade econômica que atraiu os capitais dos grandes fazendeiros e a atenção dos administradores provinciais⁴².

Russas, uma cidade predominantemente rural na primeira metade do século XX, recorte dessa pesquisa. Segundo dados do IBGE⁴³ a população de Russas em 1950 estava dividida da seguinte forma: urbana – 7.517 rural – 26.560, totalizando 34.077 habitantes. Como podemos observar, no início da década de cinquenta, mais de 3/4 da população vivia no campo, uma tendência que permaneceu nas décadas posteriores. A divisão política administrativa do município é a seguinte: sede, o

⁴⁰ GIRÃO, Raimundo. **Evolução Histórica Cearense**. Fortaleza: BNB/ETENE, 1985.

⁴¹ THEOPHILO, Rodolpho. **História da Secca do Ceará (1877-1880)**. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922. p.22.

⁴² NEVES, Frederico de Castro. **A Lei de Terras e a Lei da Vida: Transformações do mundo rural no Ceará do século XIX**. Estudos de História, Franca, 2001. p. 04.

⁴³ Arquivo: Agência do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – da cidade de Russas. Pesquisa realizada entre os dias 04 a 08.06.2006.

centro urbano, e os distritos, zonas rurais, que são: Bonhu, Flores, Lagoa Grande, Peixe e São João de Deus.

É inegável que houve, nas comunidades rurais de Russas, um processo muito intenso de esvaziamento e de redução de sua população. Resultado, sobretudo, da expulsão em massa dos “tradicionais” habitantes do campo: trabalhadores assalariados, que residiam nas fazendas ou pequenos agricultores, não proprietários ou com acesso precário a terra. Este processo acontece freqüentemente nas áreas consideradas mais industrializadas – como nas áreas em que predominam as olarias, por exemplo – onde o modelo de modernização adotado termina por banalizar o esvaziamento e a desvalorização do espaço rural como espaço de vida. Tudo justificado em nome do progresso.

Consideramos nessa pesquisa as especificidades do meio rural, decorrente, sobretudo, de sua dupla face, simultaneamente natural e social, visto que o rural se define, precisamente pelo predomínio dos espaços naturais e pelas relações sociais específicas, baseadas nos pequenos grupos.

A sociedade estruturava-se no período estudado tendo no ápice os detentores das maiores e melhores extensões de terra dedicada à pecuária e ao extrativismo vegetal, extração da cera da carnaúba, os quais em alguns casos, também se dedicavam às atividades comerciais. Entre os maiores proprietários de terras com carnaubais e produtores de cera da carnaúba, foram: João de Deus, comunidade Passagem de Russas, Lino Gonçalves de Oliveira, Timbaúba, João Ivo Xavier e seu irmão Rafael Ivo Xavier, Miguel Pereira, José Agostinho de Santiago, Macambira, e Francisco das Chagas Sombra, Borges de Russas. Ao verificar em cartórios de Russas registros de inventários das posses destes proprietários ou mesmo testamentos, pude observar o não detalhamento nos documentos, no que diz respeito à medição das terras ou número de animais e objetos possuídos. Isso se dava pela cobrança de impostos que era feito de acordo com os bens declarados. Por isso, os donos de terras não faziam detalhamento dos bens possuídos, sendo que a divisão da herança era feita em comum acordo entre os membros da família. Entretanto, a pesquisa nos inventários, não foi autorizada pelos titulares dos cartórios. Assim, não podemos fazer uma análise específica desses bens, apenas apontar essa tendência observada no conjunto da documentação.

Na base da hierarquia destes grandes proprietários, estavam todo o restante dos trabalhadores rurais, constituída de pequenos proprietários e posseiros,

sobretudo de não detentores de terras que habitavam as fazendas como vaqueiros, agregados e arrendatários.

Com uma população predominantemente rural, a economia podia ser definida como fechada e auto-suficiente. A produção agrícola, tais como milho, feijão e diversos tipos de frutas – com exceção do algodão – geralmente se circunscrevia ao mercado local e a maior parte das necessidades dos moradores rurais, móveis, utensílios domésticos, calçados, redes, alimentos, quase tudo era produzido localmente, sobretudo com a carnaubeira.

Ressalte-se ainda, que o morador agregado de algum fazendeiro, dedicava-se principalmente à lida do gado: levar para o pasto, dar sal, fazer marcações com o ferro, chiqueirar, ordenhar, cuidar dos bezerros e curar bicheiras, além de manter uma pequena lavoura de subsistência, cultivando milho e feijão. A mulher cuidava de sua casa, dos filhos e ainda ajuda na cozinha do patrão. No período de estiagem, todos se dedicam aos trabalhos na coleta da palha e produção da cera da carnaúba. Assim, podemos inferir que, de uma forma geral, a família se torna o centro da organização dos meios necessários à subsistência.

Ao analisar o trabalhador, sua família e as relações que estes mantinham com os patrões e proprietários de terras, poderíamos até classificá-las como relações de cunho paternalistas. No entanto, é importante observar a advertência feita por Paulo Pinheiro Machado⁴⁴, ao estudar as relações de paternalismo existente entre os sertanejos e os coronéis da região envolvida na Guerra do Contestado. Segundo ele, é difícil caracterizar as relações de subordinação entre sertanejos agregados e pecuaristas. Denominações do tipo paternalista dizem muito pouco sobre esta forma histórica de relação social.

Thompson, apropriadamente, critica o emprego generalizado desse conceito, que pode ser aplicado a povos, desde a antiguidade até o período contemporâneo, de praticamente todos os continentes. *“O termo paternalismo pouco nos diz sobre a natureza do poder e do Estado, sobre as formas de posse e de propriedade, sobre a ideologia e a cultura”*⁴⁵.

Sem dúvida, as relações sociais praticadas no município de Russas eram sentidas como costumeiras e naturais para a maioria das pessoas. Essas relações

⁴⁴ MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004. p 95 e 96.

⁴⁵ THOMPSON. E.P. **Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional**. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p..29.

de produção, é preciso ressaltar, são experiências socialmente compartilhadas que chegam a ser lembradas com orgulho por algumas pessoas. Para alguns desses trabalhadores, como o Sr. João Batista Marques Neto ou João Miguel como é mais conhecido, seu patrão seria *um homem bom, porque facilitaria as coisas*.

É porque todos nós rendero, nós trabalhamos com um patrão, num sabe? Nós temos os nossos patrão, os donos de armazém, aqueles dono de armazém que compra a nossa cera, ele fornece o dinheiro pra nós, num sabe? (...) Aí, tem gente até que admira, porque a gente arruma esse crédito, mas é porque a cera de carnaúba é um minero.(...) Então, por esse interesse que existe, eles fazem o possível pra, todos os sábados, ter o dinheiro pro rendeiro. Num sabe? Desconta no final. Aí, é, por exemplo, que é o meu patrão, que eu trabalho com João Araújo lá do Quixeré. Aí, eu vou tirando, eu vou tirando o dinheiro e vou colocando mercadoria, né? (...) Muitas vezes, eu quem chamo, ele nunca me chamou pra prestar conta não. Aí, a gente balança, dá um balanço nas contas, né? A gente vê, qual é o saldo devedor da gente, e fica aquele total. A gente tem mais mercadoria e continua botando, né? A mercadoria. Aí quando é no final, que a gente finaliza tudo, a gente encerra. Mas, a gente num paga juro. Né? Não tem juro. Que também num é, como se diz, um dinheirinho não tão pouco. Eu mermo, nesse João, é lá no Quixeré, eu já tive de fazer vale lá com ele, de cinquenta mil contos⁴⁶.

Mesmo reconhecendo que a cera da carnaúba *era um minério*, ou seja, um produto de fácil comercialização, o Sr. João Miguel considera que seu patrão, o dono do armazém, era um homem bom, pois todos os sábados “dava” o dinheiro para pagar os trabalhadores, sendo que não demonstrava pressa em fazer a prestação de contas. Entretanto, o Sr. João Miguel não percebe que esta é uma das formas encontradas pelo patrão para manter uma relação de dependência com seu fornecedor. Como “Seu” João mesmo enfatiza, a cera era um produto valorizado, que despertava o interesse de vários compradores, sendo que, se o rendeiro não tivesse a obrigação de repassar o produto para tal armazém, devido à concessão de dinheiro já feita por seu comprador, poderia vendê-la facilmente a outros donos de armazéns.

Outro ponto a ser destacado, é o fato de que, enquanto o trabalhador rendeiro estava recebendo apenas o dinheiro para pagar seus trabalhadores, o dono do armazém já revendia a cera para o mercado exportador, ampliando sua margem

⁴⁶ João Batista Marques Neto (João Miguel), 50 anos, trabalhador rendeiro de carnaubais. Comunidade de Boa Vista, entrevista gravada em 27/02/2006.

de lucro, tanto pelo produto, quanto pelos juros cobrados pelas vendas a prazo do produto no mercado externo. Ao mesmo tempo, os donos dos armazéns tinham em mãos, como capital de giro, o lucro de seu fornecedor que vinha recebendo apenas o valor necessário para manter os trabalhadores e que recebia sua parte somente no final da colheita.

Ainda analisando as relações de trabalho e poder existentes no meio rural, passemos agora a ver o caso dos sitiantes, posto por Maria Sylva de Carvalho Franco⁴⁷, com os quais podemos fazer um comparativo com os sitiantes do município de Russas. Segundo a autora, de acordo com seus entrevistados, as relações entre proprietários e sitiantes eram aparentemente niveladas, para eles, “não havia desigualdade entre fazendeiros e sitiantes; havia mesmo amizade. Se um deles chegava à nossa porta, vinha para a mesa conosco”. Como prova dessa amizade, lembra que sitiantes e fazendeiros frequentemente eram compadres.

A prática do compadrio, também é observada entre trabalhadores, fazendeiros e políticos no município de Russas. O batismo nos moldes tradicionais, o padrinho passa a ser responsável por seu afilhado, ganha outra configuração, hoje os casais procuram parentes ou amigos muito próximos.

No entanto, o compadrio por muito tempo tornou-se uma instituição que permitia essa aparente quebra das barreiras sociais entre as pessoas por elas ligadas. Ainda segundo Maria Sylvia, os vínculos estabelecidos entre padrinho e afilhado eram tão ou mais fortes que os da consangüinidade: não apenas o padrinho era obrigado a tomar o lugar do pai, sempre que necessário, mas tinha que ajudar seu afilhado em varias ocasiões.

De acordo com Maria Sylvia, isto exprime uma relação de dependência: é a proteção que o menos favorecido procura fixar através do batismo. Mesmo no interior das famílias grandes, que compreendiam pessoas com posição social diferenciadas, o compadrio já se apresentava como um patrocínio do superior e uma decorrente submissão do inferior. Quando os ricos e influentes tomam sobre si as obrigações decorrentes do batismo de parentes pobres, as promessas religiosas são interpretadas no sentido de encaminhar a criança na vida. Como naturalmente o padrinho desejava cumprir sua promessa com a menor despesa possível, o que de melhor pode fazer senão promover o jovem, tão logo tenha idade adequada, com

⁴⁷ FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na Ordem Escravocrata**. Publicação do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo – Brasil. 1969. p. 78.

um emprego público, assim como no caso citado anteriormente. Para que se tenha presente o quanto esse recurso foi explorado, basta lembrar o significado que “apadrinhar” adquiriu na vida pública e o suporte político representado pelos “afilhados”⁴⁸.

Portanto, identificar apenas como traços destituídos de significados real, a consciência e a afirmação do “nivelamento” social do fazendeiro e do sitiante ou agregado e trato “igualitário” manifestado entre eles, seria empobrecer o conhecimento de suas relações e desconhecer o princípio da dominação.

O desenvolvimento rural não apenas no município de Russas, mas em todo o Brasil, sempre foi alvo de vários debates e questionamentos. O primeiro deles, consiste na precariedade social dos habitantes do campo, cuja base seria garantir à população rural um nível de renda socialmente aceitável e comparável ao obtido pela população da zona urbana. Na origem deste problema, está a questão fundiária ainda não resolvida em nosso País. Basta lembrar que a primeira Lei de Terras brasileira, de 1850, foi promulgada, justamente, para impedir ao trabalhador livre – ex-escravo ou imigrante estrangeiro - o acesso à propriedade da terra⁴⁹. Da mesma forma, mais recentemente, o Estatuto da Terra de 1964 – nossa Lei de Orientação Agrícola - tendeu muito mais a subordinar a atividade agrícola aos interesses dos grandes proprietários fundiários. Se, numa sociedade moderna, a existência de terras sem agricultores parece destoante, mais absurda ainda é a existência de agricultores sem terra, resultado da excessiva concentração fundiária, que a modernização da agricultura não conseguiu reduzir.

Assim, essa precariedade social em que vive o homem rural acaba favorecendo o fortalecimento das relações de poder existentes entre proprietários de terras e trabalhadores. Nesta mesma perspectiva Frederico de C. Neves observa:

Um tal padrão de limitações e pobreza parece favorecer um conjunto de relações sociais baseadas na interdependência pessoal e nas trocas imediatas. Visto “de cima”, tal modelo contém um “equilíbrio” entre obrigações sociais com que os grupos garantem suas posições de hierarquia e privilégios: os fortes protegem os fracos, os quais, por sua vez, devem-lhes deferência e submissão.

⁴⁸ Maria Sylvia de Carvalho. Op. Cit. p. 79.

⁴⁹ NEVES, Frederico de Castro. **A Lei de Terras e a Lei da Vida: Transformações do mundo rural no Ceará do século XIX**. Estudos de História, Franca, 2001.

Tal processo se agrava ainda mais pelo estado de pobreza em que se encontra o homem do campo, bem como pelo isolamento de algumas comunidades rurais.

Para mostrarmos apenas uma das muitas diferenças e especificidades da vida no campo, mas que de modo algum a torna inferior à vida urbana, tomemos como exemplo, a forma como os trabalhadores da produção de cera de carnaúba da cidade de Russas vivem e fazem a contagem do tempo nas atividades diárias. Uma vez que, para aqueles que não se utilizam do relógio, a marcação do tempo ainda é “natural”. Ou seja, muitos trabalhadores marcam seus tempos de acordo com a realização de suas tarefas diárias, tomando como base as atividades a serem desenvolvidas ao amanhecer e outras no crepúsculo do sol, ao entardecer.

Analisando a disciplina e o tempo do relógio na vida do trabalhador inglês do século XVIII, E. P. Thompson⁵⁰ nos revela vários elementos pelos quais podemos pensar o trabalhador do processo de extração do pó e produção da cera da carnaúba na cidade de Russas. Primeiro por ser uma atividade sazonal, dependendo o trabalhador do tempo da natureza, e segundo, por também exigir o controle do tempo do relógio que marcaria os horários das refeições, assim como o fim de um dia intenso de trabalho.

Dessa forma, podemos observar que o homem do campo realiza suas atividades, ainda, orientado pelo tempo da natureza. Durante o período chuvoso, quando se realizam as atividades ligadas à agricultura de subsistência, o trabalhador rural se apropria do tempo dedicado ao trabalho para contagem das horas.

Vejamos o exemplo do vaqueiro que logo ao amanhecer, dedica-se à ordenha das vacas e aos cuidados com a plantação que se estendem até o horário do almoço. O período da tarde é reservado para produção de queijos, alimentação dos animais, contagem das ovelhas e cabras que chegam do pasto, limpeza de bicheiras e verificação de alguma ovelha em trabalho de parto, e por fim, separar os bezerros que mamam das vacas leiteiras.

Para os trabalhadores que se dedicam à produção de cera, durante o período de estiagem, a contagem do tempo também está ligada à realização das atividades de extração e produção da cera da carnaúba que se iniciam no final do inverno e prosseguem até o final do verão. Mais uma vez são as condições da

⁵⁰ THOMPSON. E.P. **Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional**. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 271 a 280.

natureza que orientam o trabalho da cera de carnaúba, ou seja, o trabalho é sazonal⁵¹.

A agenda do corte das palhas, no município de Russas, corresponde a um corte anual, podendo se estender a dois cortes anuais, divididos no período de julho a dezembro. Do contrário, a multiplicação dos cortes (3 ou mais), para além de um custo superior das despesas com o corte de um milheiro de folhas, desencadearia também uma perturbação do ciclo vegetativo da palmeira, comprometendo, assim, a sobrevivência da plantação em caso de seca prolongada. E, finalmente, é preciso destacar que o teor de qualidade da cera, extraído dessas folhas, seria atenuado no caso de cortes múltiplos durante a mesma estação seca. Por esses motivos, não é aconselhável à realização de mais de dois cortes anuais nas palmeiras dos carnaubais.

⁵¹ Na região nordeste do Brasil existem apenas duas estações, a chuvosa, também chamada de inverno, que se estende de Janeiro a Junho, e a não chuvosa, chamada de verão que vai de julho a dezembro.

CAPÍTULO II – RUSTICIDADE E RELAÇÕES SOCIAIS: OS TRABALHADORES DA CERA DA CARNAUBA E SEUS MODOS DE VIDA.

2.1 – A hierarquia da divisão do trabalho de corte das palhas, produção e comercialização da cera da carnaúba.

Em torrentes salgadas o suor acelerado desce, cai dos anéis do cabelo, ou desce pela face.

E. P. Thompson⁵²

Na primeira metade do século XX, a organização hierárquica dos trabalhadores no processo de extração das folhas e do pó da carnaúba era dividida do seguinte modo: no topo estava o proprietário do carnaubal, que em alguns casos administrava o processo de extração do pó e produção da cera, enquanto outros preferiam vender a produção do carnaubal a um rendeiro, que contratava trabalhadores e apenas gerenciava os trabalhos. Existia também o trabalhador rendeiro, homem que alugava o carnaubal, coordenava as tarefas e ainda exercia alguma função junto aos trabalhadores, na maioria das vezes como vareiro ou carroceiro.

É importante definir o arrendatário, pois, este, mesmo sendo um trabalhador rural, não era totalmente desprovido de posses, uma vez que, para ser arrendatário era necessário possuir todos os instrumentos utilizados pelos trabalhadores no corte das palhas, como a carroça com os bois, que também, na maioria das vezes, pertencia ao arrendatário, ou seja, uma forma de não terceirizar muito a produção, o que diminuía ainda mais os lucros.

No entanto, isso não significa que o arrendatário era um homem rico, pelo contrário, alguns deles eram pequenos produtores rurais que, durante o período chuvoso, viviam da agricultura de subsistência. A pequena dimensão dessas propriedades fazia com que seus donos e familiares ficassem ociosos durante o

⁵²Poema citado em: THOMPSON. E.P. **Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional**. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.273.

período de estiagem, levando-os ao trabalho fora da mesma, nos carnaubais, para manter a família. A esse conjunto de trabalhadores, juntavam-se, também, aqueles que não dispunham de terra nenhuma e, por isso mesmo, eram moradores ou trabalhadores diaristas nas grandes propriedades⁵³.

Antes de apresentar o processo de extração da palha da carnaúba na primeira metade do século XIX, vejamos o que nos diz R. da Cunha em sua excursão pelo Ceará em 1859.

*... para se extrair a cera, corta-se as palmas enquanto novas e ainda fechadas por meio de grandes varas e postas a secar no terreiro batido depois sobre as esteiras; juntando-se o pó branco que delas sai, que é a cera, que por meio de certos processos se transforma na cera em pão...*⁵⁴

Durante a primeira metade do século XX, a divisão do trabalho era assim organizada: o corte das palhas era realizado manualmente por um trabalhador qualificado, o vareiro, que utilizava como instrumento de trabalho uma foice fixa à extremidade de uma vara de taboca de 10 m, era o encarregado de derrubar as folhas das carnaubeiras que chegavam a medir de 8 a 10 m de altura, que ao caírem no chão eram juntadas pelo aparador que utilizava uma faca ou facão para aparar o pêndulo que vinha junto com a palha durante o corte, vulgarmente chamado de talo, largamente utilizado em construções rústicas e artesanato.

Após cortar o talo, o aparador juntava as palhas em feixes de 20 folhas, que eram levadas para o palheiro, lugar onde as folhas ficavam estendidas ao sol. Durante estas operações de secagem e recolhimento das palhas até a extração do pó, estima-se que 25% do pó era perdido, sem haver nenhuma técnica que possibilitasse a sua fixação. Chamo a atenção também, para o fato de que a exposição ao ar livre acarretava maior quantidade de impurezas ao pó, que acabara contendo de 5 a 10% de argila.

Vale ressaltar que a hierarquia e a divisão do trabalho apresentadas, ainda são utilizadas nos dias atuais, embora com pequenas modificações, como por exemplo, a utilização de carro movido a motor em substituição aos animais de carga para transportar as palhas do carnaubal até o palheiro.

⁵³ SOARES, Hidelbrando dos Santos. **Agricultura e Reorganização do Espaço: A Rizicultura Irrigada em Limoeiro do Norte – CE**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós – Graduação em Geografia da UFPE. Recife, 1999. p. 66.

⁵⁴ JORNAL DO RECIFE. R. da Cunha – **Uma Excursão pelo Ceará, 23 de julho de 1859**.



Foto 04 – Aparador trabalhando no corte dos talos, após o corte da palha.

Nesta hierarquia, o vareiro e o aparador são coordenados pelo chefe da turma: um trabalhador cuja função é organizar o grupo de trabalhadores e resolver qualquer problema que venha prejudicar o andamento da extração. Para tanto, ele acompanha o grupo no corte do carnaubal e confere, no palheiro, a produção do dia, verificando principalmente o trabalho do aparador, que tem como função juntar as folhas da arrumando-as em 50 feixes, contendo cada feixe 20 palhas, de modo a formar o milheiro de palhas.

O aparador também faz o controle de sua produção, conferindo, junto ao chefe da turma, seu rendimento no final do dia. Sua contagem é realizada da seguinte forma: para cada milheiro de palhas juntadas, ele coloca no bolso um pedaço de palha. Assim, ao entardecer, o aparador confere o total de palhas existentes em seu bolso, o que corresponderá à sua produção durante o dia inteiro de trabalho.

Retomando a questão do controle da produção feita pelo proprietário do carnaubal ou arrendatário, percebemos uma atitude de resistência dos trabalhadores para com o dono das palhas, no momento em que o Sr. João Miguel nos revela que sempre existem alguns “engraçadinhos” no grupo.

*Ainda na varge eu dou uma corrigida nas enfieira que tem vinte palha, que tem aparador desses sabido, que é danado, num sabe? Que bota dezessete palha, dezoito palha, pra chegar o milheiro mais ligeiro, né? Aí, quando eu encontro aquelas enfieira com menos palha eu bato encima, num sabe? Aí eu bato encima deles, né? Aí digo, rapaz vamo trabalhar direitinho(...). É o seguinte, eu confiro no corador, milhero por milhero, né?(...) Mas um espertinho nunca falta, num sabe?(...)*⁵⁵

Diferentemente do mundo das fábricas, onde os trabalhadores colocam resistência frente à dominação por meio de greves, quebra das máquinas ou até mesmo sabotagem na produção, no meio rural, esta resistência é percebida, como nesse caso, de forma mais individual do que coletiva. Percebi, durante minha pesquisa de campo, relatos que com frequência descreviam casos de trabalhadores que burlavam a vigilância dos chefes de turma ou proprietários de casas de cera, contrariando a hierarquia da divisão do trabalho, para ganharem um pouco mais do que realmente produziam. Chamamos a atenção para o fato de que quase todo trabalho, envolvendo a produção da cera, é remunerado pela produção diária do trabalhador.

Voltando a hierarquia na divisão do trabalho de extração das palhas dos carnaubais, temos a importante figura do caborezeiro⁵⁶, homem responsável em recolher as folhas que ficam presas nas caracas⁵⁷ da carnaubeira ou que caem muito distante. Também é ele quem carrega os potes com a água de beber e o responsável por fazer a comida para todos os trabalhadores do grupo.

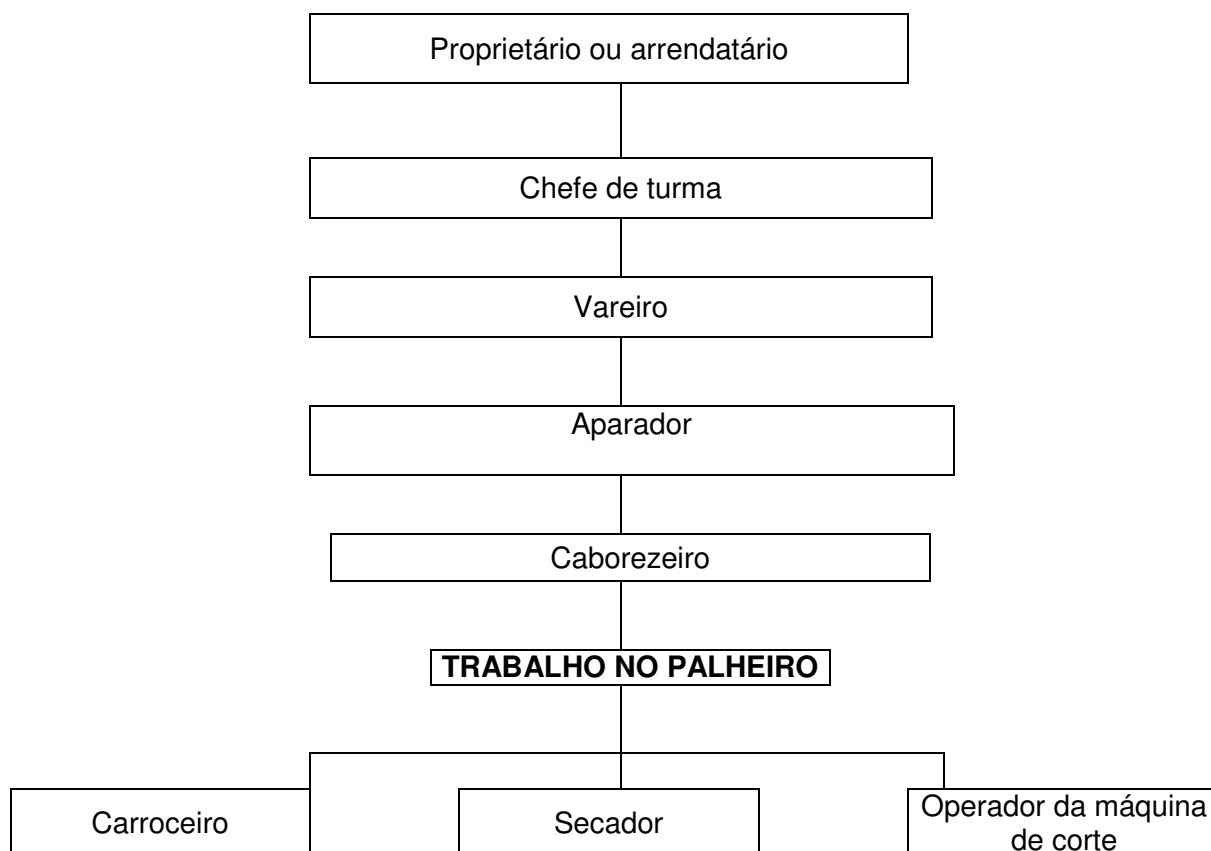
Além dos trabalhadores fixos nos carnaubais, temos a presença do carroceiro ou carregador, homem que utilizando uma carroça puxada por bois ou simplesmente jumentos com cangaiais é o encarregado de levar as palhas até o terreno de secagem. Estas serão recebidas pelo lasteiro que as espalha no chão para a secagem. Também é sua tarefa recolher as palhas que foram colocadas ao sol no dia anterior e logo após as levar para a máquina de extração do pó.

⁵⁵ João Batista Marques Neto (João Miguel) 50 anos, morador da comunidade de Ingá, Russas CE. Trabalhador rendeiro do processo de extração da palha e obtenção do pó da cera da carnaúba. Entrevista realizada em 27/02/2006.

⁵⁶ O nome caborezeiro refere-se a um pássaro típico da mata ciliar chamado de caboré.

⁵⁷ Na língua Tupi Guarani, carnaúba significa “árvore que arranha” em razão da camada espinhosa que cobre a parte mais baixa do tronco, sendo esta camada espinhosa conhecida popularmente por caracas. Cf: OLIVEIRA, Sheila. **Carnaúba: a árvore que arranha**. Fortaleza: Tempo d'Imagem, 2005. p. 27.

ORGANIZAÇÃO HIERARQUINA NO PROCESSO DE EXTRAÇÃO DA PALHA E DO PÓ DA CARNAÚBA



Vejamos como funcionava o esquema de pagamento entre o proprietário das palhas (o proprietário do carnaubal ou mesmo o arrendatário) e seus trabalhadores.

Dono do armazém	Fornecia ao proprietário ou arrendatário um adiantamento de 50% da produção estimada do carnaubal.
Proprietário ou arrendatário	Após o final de uma semana de trabalho, este fazia o pagamento ao chefe da turma.
Chefe de turma	Faz o pagamento da produção do vareiro, aparador e carroceiro.
Vareiro	Responsável em pagar o caborezeiro, pois este é seu funcionário.
Carroceiro	Faz o pagamento do lasteiro

Nesse processo de pagamento existem algumas produções que não são individuais, tais como a do vareiro que é pago por diária e neste valor é acrescido o pagamento do caborezeiro e o aparador, mas coletivas, pois a produção do carroceiro depende do lasteiro que retira as palhas da carroça e estende ao sol.

Assim, como podemos observar no quadro acima, uma das particularidades do processo de extração e produção da cera da carnaúba foi o surgimento das relações monetarizadas, e da prática do arrendamento, ambos com objetivos acumulativos. Há uma hierarquia extremamente organizada.

Ao contrário da agricultura, onde muitas vezes o pagamento se dava com metade da colheita, na atividade extrativista o proprietário pagava em dinheiro, além de ser notória a relação de dependência entre arrendatário e rendeiro, pois, o dinheiro que era adiantado para o pagamento dos trabalhadores, se tornava uma forma de controlar a venda do produto, definindo-se, assim, as primeiras relações de cunho, verdadeiramente, capitalista entre os produtores rurais da região do Baixo Jaguaribe.

No ano de 1948 o Jornal Avante de Russas, publicou um artigo do literato Róseo Oliveira, que descrevia o processo de trabalho existente dentro das casas de prensa e mostra a rotina de trabalho de homens que necessitavam de boas condições físicas para realizar as atividades de cozimento e prensagem da cera.

“Depois de recolhido o pó segue-se ao trabalho do cozinhamento. Um enorme taxo de bronze, em cima de uma fôrnalha, espera o sal azedo, a água e o pó da carnaúba, espera-os, recebe-os e cozinha-os, sendo, logo que derretidos, derramados no cêsto apropriado. Este é o processo mais rápido. Existe porem outro que, reputo, de laborioso e estafante. Até aqui, nada demais. O que se segue, porem, exige cuidados acurados, procedendo-se a um trabalho estafante e enfadonho. Torna-se, pois, necessário procurar para isto, um homem forte, com muita pratica, um verdadeiro Hercules, que faz o empresamento. Colocado dentro do cêsto pó, em estado líquido, entra o nosso herói em ação, fazendo movimentar, com seus músculos de aço um grande fuso, adaptado na prensa que esmaga o cesto, deixando escorrer o líquido para um deposito abaixo colocado, ficando desta maneira, a bôrra. Deste ultimo deposito, o liquido é transportado para fôrmas de flande, onde esfria e se torna rígido, capaz de ser lançado no comercio”⁵⁸.

⁵⁸OLIVEIRA, Róseo. **O Fabrico da Cêra**. Jornal Avante!, 30 de janeiro de 1948.



Foto 05 - Trabalhadores prensando cera, comunidade de Borges de Russas – CE
(21 de setembro de 1995)

Na fotografia, pode-se visualizar o momento da prensagem da cera, tarefa realizada com muito esforço. Também é importante destacar o espaço rústico onde esses homens trabalham e mesmo a imagem sendo do final do século XX observa-se que a produção de cera de carnaúba, ainda, utiliza processos mecânicos rústicos e as casas de cera se assemelham muito às casas de farinha, amplamente difundidas nas propriedades rurais para a produção de farinha de mandioca desde os tempos coloniais. Assim, ressaltamos mais uma vez, a observação de Antonio Candido, quando fala da dificuldade do homem caipira, ou sertanejo, em se desfazer de práticas de trabalho culturalmente construídas.

O espaço da casa de prensa é geralmente construído de taipa e raramente de alvenaria. Em alguns casos, um ambiente fechado e pouco iluminado o que impede a saída da fumaça que sai da fornalha onde a cera é derretida. Assim, as paredes ficam totalmente pretas pela fumaça que vai se acumulando no ambiente. Os instrumentos de trabalho são poucos, consiste nos caldeirões, uma grande colher de madeira, que se assemelha a um remo, e a prensa.

Trabalham na casa de prensa entre quatro a cinco homens, cada um exerce uma função. Um é encarregado de colocar a lenha na fornalha, enquanto outro mexe o caldeirão para diluir a cera, que após atingir uma temperatura de aproximadamente 100° C é colocada em sacos de tecido e depois prensada. Se voltarmos a imagem da fotografia, veremos o quando é perigoso o trabalho destes homens, que realizam suas atividades sem a mínima proteção de trabalho, assim como acontece com o trabalho no corte da palha. Podemos observar que a cera

quente escorre a poucos centímetros dos pés dos trabalhadores que não utilizam nenhum calçado como proteção.

Depois da cera resfriada e endurecida, um homem quebra com a marreta os pedaços de cera que são ensacados e levados para os armazéns. As funções na casa de prensa não são totalmente definidas, pois quando necessário, todos realizam as mesmas atividades. Ao falar do trabalho na casa de prensa, Manuel Maciel mostra que além do trabalho, existem as conversas e brincadeiras, uma das especificidades do trabalho que não depende do uso de máquinas que ditam a regra do tempo:

*Na casa a gente parava pra cumer, ouvia uma música no raidim, brincava uns com os outros, tem aquelas conversa num sabe? Quando para pra merenda tem que uns ficar chamando os outros, isso se o patrão num tiver, por que quando ele tava num precisa ninguém chamar a gente cuchia, dava aquele descanso e voltava pro serviço*⁵⁹.

A partir da fala de Manuel Maciel, percebemos a relação de poder existente na casa de prensa. O patrão não é figura freqüente no local de trabalho, haja vista, que muitas vezes está no carnaubal, fiscalizando o corte das palhas e retirada do pó. No entanto, *sempre que aparece* a rotina do lugar é alterada.

Na casa de prensa são produzidos dois tipos de cera, a cera tipo 01 e tipo 02. A cera de melhor qualidade é produzida a partir do pó extraído do “olho” da carnaubeira e chega a custar o dobro do valor pago pela cera tipo 02, produzida com o pó extraído das palhas da carnaubeira.

⁵⁹ Manuel Maciel de Lima, 58 anos. Entrevista gravada na comunidade de Borges, município de Russas, no dia 12/11/2003.



Foto 06 - Cera tipo 01, produzida da palha do “olho” da carnaúba.



Foto 07 - Cera tipo 02, produzida das palhas da carnaúba.

Durante o período em estudo (1910 – 1950) a dinâmica da economia foi dada pelas exportações do produto da cera da carnaúba que sobrepôs a função até então exercida pela atividade pecuária. Se, durante o século XIX, a base da economia de Russas fora a criação de gado e a permanência desta desenvolvera-se rudimentarmente com a agricultura de subsistência, na primeira metade do século XX, não só o município de Russas, mas o estado do Ceará de modo geral,

concretiza o objetivo de integração ao modelo nacional, passando a ocupar um lugar mais expressivo na pauta de produtos de exportação.

Compreender a participação da economia russana nesse período, a partir da atividade de produção da cera na carnaúba e comercialização, não é só o entendimento da natureza dessa inserção no mercado externo, mas compreender as relações sociais estabelecidas desde a comercialização do produto no armazém da cidade e as formas de pagamento, até a análise de dados que mostrem a valorização da cera no mercado internacional.

Nos anos de 1949 e 1950, Russas aparece em terceiro lugar entre os maiores produtores de cera do estado do Ceará.

QUADRO 1
PRODUÇÃO BRASILEIRA DE CERA DE CARNAÚBA POR MUNICÍPIO
ESTADO DO CEARÁ 1949 - 1950

Município produtor	Quantidade (kg) 1949	Quantidade (kg) 1950	Valor em Cr\$ 1949	Valor em Cr\$ 1950
Granja	730 000	1 200 000	15 500 000	28 000 000
Limoeiro do Norte	680 000	750 000	13 940 000	25 000 000
Russas	523 480	515 000	11 621 256	10 260 000

Fonte: Cunha Bayma. Ministério da Agricultura, 1958.

Estes três municípios aparecem numa lista de 52 municípios cearenses produtores da cera da carnaúba, como os maiores produtores do estado do Ceará. A boa produção não dependia somente da valorização do produto, mas, sobretudo, das condições naturais, pois em anos em que as chuvas terminavam mais tarde e começavam mais cedo, os produtores tinham consideravelmente sua produção prejudicada.

Ainda segundo o relatório, no ano de 1950, a Inspetoria Regional de Fomento Agrícola, no Ceará, mantinha máquinas extratoras de cera da carnaúba, sob a modalidade de aluguel. Entre os que alugavam aparece o nome de três agricultores russanos.

1- Extrator de cera da carnaúba, marca “Guarany” nº 2. 880, alugada ao Sr. João Rodrigues Pitombeira, agricultor em Russas.

2 - Extrator de cera da carnaúba, marca “Guarany” nº 2. 895, alugada ao Sr. José Xavier Ribeiro, agricultor em Russas.

3- Extrator de cera da carnaúba, marca “Guarany” nº 2. 887, alugada ao Sr. Francisco de Assis Maia, agricultor em Russas⁶⁰.

Com a introdução de máquinas na extração do pó cerífero, uma série de mudanças ocorreu nas relações de trabalho. Se por um lado, melhorou para os proprietários de carnaubais devido ao aumento da produção e otimização do tempo destinado à extração do pó, por outro, representou a diminuição dos postos de trabalho para os trabalhadores rurais. Já os pequenos produtores foram os mais afetados, pois, para aqueles que não disponham de recursos para alugar um extrator, a produção tornou-se tão cara, que a única saída era colher a palha e vender aos grandes proprietários para que estes fizessem à extração do pó.

A partir da relação acima, percebemos que somente os grandes proprietários conseguiam alugar ou comprar uma máquina extratora de pó da palha da carnaúba. Os demais produtores ficavam na dependência destes proprietários, que muitas vezes arrendavam seus carnaubais, para ficar somente na locação da máquina a pequenos produtores.

No entanto, a máquina extratora era utilizada somente no processo de extração do pó da palha da carnaúba. O pó do olho era extraído manualmente por mulheres que, utilizando trinchas ou facas bem finas, ripavam as folhas depois de secas em palhas bem finas, de modo que o pó soltasse das folhas. Durante esse processo, uma parte do pó já ficava no chão, o restante era extraído através da batedura das palhas em troncos de madeira. O local onde eram praticadas estas atividades, recebia o nome de batido. Assim, toda a extração do pó e preparação da cera era desenvolvida utilizando-se recursos rudimentares. Em todas as etapas, o processo de produção importava em desperdícios: no corte e secagem das palhas, na riscagem, na batedura, na fusão do pó e na coagem da cera. Embora poucas inovações tecnológicas tenham sido posteriormente introduzidas no processo produtivo, as perdas da matéria-prima, no período em estudo, eram significativas⁶¹.

⁶⁰ BAYMA, Cunha. **Carnaúba**. In: Produtos Rurais nº 09. Ministério da Agricultura, 1958.p.145.

⁶¹ QUEIROZ, Teresinha de J. M. **Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo**. 2ª ed. EDUFPI, 1998. p. 47

Após passar por todo o processo de produção na casa de cera, a cera é vendida nos armazéns da cidade, onde é separada e classificada para ser transportada às empresas refinadoras de Fortaleza e Rio Grande do Norte, principais compradores da cera produzida em Russas. Depois de terminado todo o processo de refinamento da cera, o produto era exportado pelos portos de Fortaleza e Camocim, de onde seguiam para países da Europa e América do Norte.

Durante a Primeira Guerra Mundial, abriram-se novas perspectivas para as exportações da cera, utilizada como um componente bélico – o ácido pícrico, de alto poder explosivo. Os altos preços então alcançados, colocaram-na, a partir de 1914, como a principal responsável pela pauta de exportação do Ceará.

Desde o ano de 1925, a maior parte da produção brasileira é exportada para o exterior. Sendo os principais consumidores da cera cearense, em ordem de importância, Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha e França. A partir do ano de 1926, o mercado consumidor internacional veio diversificando bastante, assim como podemos observar no quadro 02, a participação significativa de outros continentes compradores da cera cearense.

Cabe-nos ressaltar ainda, que embora as atividades descritas até esse momento tenham sido praticadas essencialmente por homens, não podemos deixar de mencionar também a importância do trabalho feminino no processo de extração das palhas da carnaúba, bem como, sua participação da aquisição de recursos, com a venda de bolsas e chapéus, para ajudar no sustento da família.

As mulheres também estavam incluídas na divisão do trabalho. Eram responsáveis por lascar as palhas, utilizando um instrumento denominado trincha, e em seguida, por batê-las fortemente em um rolo de madeira, chamado de banco, para que estas soltassem o pó. Raramente acontecia o caso em que o proprietário das palhas concedia a alguma comadre retirar no palheiro algumas palhas do olho branco, utilizadas na confecção de bolsas, chapéus, vassouras e etc.

Mas quando isso acontecia, antes de levar as palhas para sua casa, a mulher deveria passar no batido⁶², lascar as palhas, bater o pó e armazená-lo para seu dono. No entanto, a prática mais comum era o proprietário vender as palhas do “olho” da carnaubeira, após a extração do pó, para que as mulheres realizassem seus trabalhos. As palhas eram vendidas por cento (cem palhas).

⁶² Recebia o nome de batido, o lugar destinado ao corte e batedura das palhas.

Ao contrário do trabalho masculino que estava mais voltado para as atividades que necessitavam de maior esforço físico, o trabalho feminino estava direcionado à retirada do pó e à confecção de uma grande variedade de utensílios e artefatos produzidos a partir da palha da carnaúba. vejamos como era realizado seu trabalho com palha.

Durante o período de corte das palhas, as mulheres dedicavam-se à trinchagem das palmas e batedura para retirada do pó. Somente as palhas chamadas de “olho branco” e que tinham o pó retirado manualmente, poderiam ser utilizadas na confecção de bolsas, chapéus, esteiras, entre outros produtos. As palhas que são cortadas nas máquinas extratoras para retirada do pó, ainda hoje são utilizadas como adubo.



Foto 08 - Trabalho de trincar das palhas para retirada do pó para confecção de bolsas e chapéus (foto: Sheila Oliveira⁶³).

Algumas mulheres, juntamente com suas filhas, confeccionavam bolsas e chapéus, outras somente chapéus e outras preferiam e achavam mais fácil, a confecção de bolsas. Os produtos eram vendidos para comerciantes locais e do mercado público, onde os moradores da zona rural e da cidade tinham a prática de logo que chegavam ao mercado, comprar uma bolsa de palha para realizar suas compras. Pelo fato de ser um produto muito barato, comprar uma bolsa de palha era

⁶³ OLIVEIRA, Sheila. Carnaúba: a árvore que arranha. Fortaleza: Tempo d'Imagem, 2005.

rotina na vida de qualquer morador. Entre muitas das entrevistas ouvi a seguinte frase: *fazia algumas bolsas e deixava guardada em casa para dar de presente as minhas comadres.*

As mulheres também exerciam papel fundamental nas relações de trabalho e modos de subsistência do sertanejo. Pois, além do trabalho doméstico, elas se envolviam nas atividades da roça e na produção de chapéus e bolsas de palha para serem vendidas nas casas de comércio e no mercado da cidade. Assim como nos relata Dona Mundinha.

Lá em casa, todas trabalhavam com a palha da carnaúba. Eu mesma fiz muitas tranças e chapéu. Me sustentava, papai nunca soube o que foi comprar um vestido pra mim, um perfume. Fazia pra vender e ainda fazia pras comades da mamãe, quando iam lá em casa, aí a mamãe dava batata, um feijão, aí colocava numa bolsa. Quando o papai deixava, se reunia eu e minhas irmã, ia participar de serão de trança, sabe? Era muito bom⁶⁴.

Como podemos perceber, para além do trabalho doméstico, as mulheres se envolviam também nas atividades da roça, sendo que a grande maioria de senhoras, jovens, adolescentes e até mesmo crianças realizavam atividades ligadas à confecção de chapéus, bolsas, esteiras e vassouras para serem vendidas nas casas de comércio e no mercado público da cidade. Atividades estas que ajudavam na compra de objetos pessoais e no sustento da família.

Além do trabalho das mulheres, desde cedo as crianças eram levadas para a roça ou carnaubais, a fim de ajudarem na plantação de milho, feijão ou no corte da palha. Por este motivo, muitos dos filhos de agricultores e trabalhadores rurais não freqüentavam a escola. Assim muitos não chegavam a completar nem as primeiras séries do ensino primário.

No entanto, devemos compreender esta prática, como algo pertencente à cultura sertaneja, onde para os pais os valores e a moral cristã eram adquiridos através do trabalho, e para ser um adulto honesto e trabalhador, a criança deveria começar no ofício bem cedo, deixando de lado práticas, como brincar e estudar.

⁶⁴ Raimunda Angelita de Lima. Confeccionava bolsas e chapéus de palha. Casada e mãe de cinco filhos. Desde sua infância vive na comunidade de Poço Redondo – Russas. Entrevista realizada em 03 de março de 2006.

Analisando a transmissão do conhecimento e dos costumes, E. P. Thompson mostra certas características atribuídas às culturas tradicionais, entre elas está o aprendizado das habilidades do trabalho que são transmitidas entre as gerações.

A criança faz seu aprendizado das tarefas caseiras primeiro junto à mãe ou avó, mais tarde na condição de empregado doméstico ou agrícola. No que diz respeito aos mistérios da criação dos filhos, a jovem cumpre seu aprendizado junto às mães da comunidade (...). Com a transmissão dessas técnicas particulares, dá-se igualmente a transmissão de experiências sociais ou da sabedoria comum da coletividade⁶⁵.

Assim, percebemos que a transmissão dos costumes e saberes eram repassados, sobretudo, através da oralidade e das atividades práticas. O acesso à alfabetização era oportunidade de poucos, somente para aqueles que tinham uma pessoa da comunidade que se dispusesse a dar aulas em sua própria casa, muitas vezes sem remuneração alguma.

Outro momento em que a mulher assumia os trabalhos e sustento da família era nos casos de acidentes ou contendas de trabalho, quando o marido deixava de trabalhar num determinado grupo por causa da incompatibilidade com algum dos integrantes. Os casos de acidentes no trabalho eram causados, sobretudo, pelo excesso de ingestão de álcool, que está presente cotidianamente na vida destes trabalhadores.

Ao narrar com clareza o dia-a-dia dos trabalhos da cera da carnaúba, o Sr. João Miguel, nos fornece vários elementos e situações ocorridas no trabalho com a cera, sobretudo, as contendas e acidentes de trabalho. Nos casos de discussões, vale ressaltar que quase sempre estas se iniciavam em suas relações pessoais e se estendiam nas relações de trabalho.

É, sempre há aquela questõzinha, dum bate boca pra aqui, pra culá, mas é coisa que a gente ajeita e se acaba tudo ali, tudo fica bem. É porque o trabalho de olho é um trabalho agitado, entendeu? Como eu acabei de lhe dizer, num sabe? É um trabalho muito agitado, trabalho no sol. Porque é um trabai que todo mundo é armado, num sabe? É perigoso, né não? Todo mundo é armado ninguém anda

⁶⁵ THOMPSON. E.P. **Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional**. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

desarmado no corte de ôi, num sabe? Porque cada um é com uma faca, né? Se é os aparador, cada um tem uma faca, né? Se é o carroceiro, ele tem que usar a faca dele. Também, que é obrigatoriamente usar, né? Quando num é uma faca, é um facão; é uma foiça. Os cortador de ôi, da mesma maneira. Cada um tá armado com uma foiça, né? não só uma, como duas ou três. Então é uma coisa que a gente procura acatar, acomodar, pra num haver confrito com ninguém, porque é perigoso. Que Ave Maria sai uma briga⁶⁶.

Na verdade, resolver conflitos por conta própria sem a interferência de forças policiais é uma prática culturalmente construída no sertão cearense. Não só as contendas de trabalho, como qualquer intriga que ferisse a moral do ofendido, era suficiente para se fazer justiça com as próprias mãos.

Além das contendas no ambiente de trabalho, os acidentes causados durante o mesmo, também eram, e ainda são muito comuns, inclusive não são raros os casos de trabalhadores que perdem a visão durante o corte da palha ou sofrem com queimaduras durante o cozimento do pó para transforma-se em cera líquida.

Tem caso de palha no olho; palha na boca; palha em parte do corpo que precisa ir pro hospital, pra tirar, pontear, fazer curativo, mas graças a Deus eu até hoje, agradeço muito a Deus, por não ter, nunca ter acontecido nem um caso desse. Aparador se cortar-se também. É uma coisa que também eu acho, que eu também tenho muito cuidado, então eu não gosto de trabalhar com trabalhador bebido, né? Quando eu vejo que eles tão bebido, eu mando embora. Porque é um serviço arriscado, perigoso⁶⁷.

É certo que a ingestão de álcool contribui em boa medida para a ocorrência de acidentes. Mas, há de se considerar as péssimas condições de trabalho as quais são submetidas esses trabalhadores, que realizam atividades extremamente perigosas, sem nenhum equipamento de segurança. Sendo que os poucos mecanismos de segurança que existem são improvisados pelos próprios trabalhadores, como, ao invés de usarem botas para adentrar no mato, no intuito

⁶⁶ João Batista Marques Neto (João Miguel) 50 anos, morador da comunidade de Ingá, Russas-CE. Trabalhador rendeiro do processo de extração da palha e obtenção do pó da cera da carnaúba. Entrevista realizada em 27/02/2006.

⁶⁷ Idem.

proteger-se inclusive de picadas de animais, apenas amarram ligas de borrachas nas pernas.

Mas, já teve colega meu de queimaduras grave. De ter deles aí que chegou até a óbito, como o Bibia, aquele sobrinho do Valdete, foi um que chegou a óbito. Caiu dento duma caldeira, bebido. Foi subir na caldeira pra varrer o pó, porque o pó em cimento ele escorrega que é uma coisa horrível. Então ele subiu na caldeira e foi varrer, calçado de bota, num sabe? Oh! Só foi escorregar assim óia, caldeira em alta temperatura, caiu dento, foi só pra que deu. Aí levaro pra Fortaleza, mas... ficou só a cabeça de fora, minha irmã. Cozinhou o corpo todinho. A cera fervente minha irmã, viu? Ele tava calçado de bota, vestido duma calça stop. E... de brusa e tudo. Mas num tem, minha irmã, condições, porque a cera é das coisa, um dos objeto, mais... sei lá como é a quentura da cera, é horrível. A cera ela pinga encima de você, cê só falta correr doido, (...) quando pinga aquela gota encima de você, num vá pensar que é que nem água não, quando ela sai o buraco fica, num sabe? Leva logo a carne, com pele, com tudo. Fica um buraco, parece um buraco dum fogo. Imagine uma queimadura grande?⁶⁸

Praticamente, quase todos os depoentes relataram casos de acidentes de trabalho com parentes, amigos ou vizinho. Casos que quase sempre resultaram com a morte de suas vítimas, sobretudo, os acidentes com a cera em processo de cozimento.

Assim, os trabalhadores nos descrevem com tamanha clareza o seu dia-a-dia que, na busca pela sobrevivência, travavam uma verdadeira batalha na luta pela vida. Grandes homens, grandes feitos. Trabalhadores que, apesar de tanto sofrimento, tantas dificuldades, conseguem sorrir e achar que a vida é boa, que tudo é motivo de alegria e satisfação.

⁶⁸ Idem.

2.2 – Alimentação, recursos alimentares e agricultura de subsistência.

O homem não precisa apenas de comida, mas de uma organização para obter comida.

Antonio Candido⁶⁹

Procuramos aqui evidenciar como estavam organizados os meios de aquisição da alimentação dos trabalhadores do processo de obtenção do pó e produção da cera da carnaúba. Passemos agora, a discutir a organização destes trabalhadores em torno da produção e aquisição dos meios de subsistência.

Conhecer os tipos de alimentação de um grupo é fator fundamental para compreender sua formação social. Antonio Candido ressalta que, “*o homem não precisa apenas de comida, mas de uma organização para obter comida*”. Partindo desse pressuposto, podemos compreender a dupla tática do homem sertanejo de adaptar-se ao meio: durante o inverno, dedicava-se à agricultura e durante o verão, à colheita da palha e produção da cera.

Segundo Antonio Candido, os meios de subsistência de um grupo não podem ser compreendidos separadamente do conjunto das reações culturais, desenvolvidas sob o estímulo das necessidades básicas. Em nenhum outro aspecto da vida social vemos isto melhor que na alimentação, que é recurso vital por excelência⁷⁰.

Portanto, encontramos o homem e o meio numa interação indissolúvel, sendo a carnaubeira o elemento de ligação entre o homem e a natureza, pois a partir de suas inúmeras utilidades o homem retira o sustento de sua família. Assim, toda a mata nativa do sertão, os diferentes tipos de caça, os frutos nativos, são integrados à cultura alimentar do homem sertanejo e explorados de modo a atender às necessidades básicas, de acordo com o período de chuva ou de seca.

Para tanto, conhecer a dieta alimentar do sertanejo russano da primeira metade do século XX, é fundamental para compreendermos seus hábitos e costumes na vida em comunidade. Ainda durante o século XIX, o viajante George

⁶⁹ CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do rio bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Duas Cidades, 1987. p. 25.

⁷⁰ Idem, p. 139.

Gardner em sua passagem pelo vale do Jaguaribe, descreve a alimentação do homem sertanejo.

Durante a estação e mesmo nos meses depois, o leite é abundante e de excelente qualidade. Os habitantes fazem algum queijo, com o leite que sobra do almoço, porque só se ordenha as vacas de manhã, fica de lado até a noite, coalhando-se ao calor do dia. Este prato grandemente apreciado pela gente da terra, adoça-se com açúcar mascavo, a que chamam de rapadura (...) Que a preferia ao açúcar, como toda a gente desta zona, a quem vi muita vez fazer sua refeição só de rapadura com farinha.⁷¹

Na descrição de Gardner, vemos apenas algumas das inúmeras utilidades que tem o leite e a farinha de mandioca na alimentação do homem sertanejo. Destes dois produtos, eram feitas as mais variadas combinações, entre elas, pirão de farinha e leite morno, enormemente apreciado com a carne seca, além do pirão também ser o único a acompanhar qualquer tipo de carne. O leite, durante o período de chuvas, era consumido com quase todos os tipos de grãos e leguminosas. Era costume entre os sertanejos ter uma, entre estas combinações, para o almoço: feijão com leite, mungunzá com leite, jerimum com leite, batata com leite ou coalhada. A carne que poderia ser de gado, porco, carneiro, galinha, peixe ou até mesmo algum tipo de caça, ficava reservada para o jantar, servido sempre ao entardecer. Como dissemos anteriormente, a carne seca era acompanhada somente do pirão de farinha de mandioca que era preparado com o caldo da própria carne, por isso, esta era sempre cozida em grande quantidade de água.

Entre as famílias que possuía algum “criar”, era freqüente a prática de abater um carneiro ou porco no sábado para ser consumido durante toda a semana. As carnes que deveriam ser assadas ou fritas na gordura do próprio animal, que era retirada e derretida para diversos fins, eram conservadas em sal. As partes do animal, geralmente os pedaços com osso, que seriam cozidas, eram temperadas e pré-cozidas, ato que os sertanejos chamam de requeimar, para cozinhar com bastante caldo, para o preparo do pirão de farinha de mandioca. As vísceras dos animais também eram consumidas. Do porco, a cabeça era cozida dentro do feijão, e as vísceras assadas para se comer com o pirão de leite. Do carneiro, as vísceras

⁷¹GARDNER, George. **Viagem ao interior do Brasil: principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836 – 1841**. Ed. da Universidade de São Paulo. p. 85.

eram utilizadas para o preparo da buchada de bode, muito apreciada, ainda hoje, pelos nordestinos de modo geral.

O momento da refeição era sagrado, todos se reuniam ao mesmo tempo para saborear o alimento. Nas residências mais abastadas, utilizavam mesa e cadeiras de madeira para as refeições, já nas casas mais pobres, o costume era de se sentar em volta de uma esteira de palha da carnaúba, onde a comida era cozida em panelas de barro e servida em tigelas de barro, pratos de cabaças e auxiliados por cuias de farinha. Na falta de colheres, a refeição era feita com a própria mão.

Vejamos o cardápio de uma família de trabalhadores rurais, composta por 06 pessoas, com idade entre 16 e 45 anos, numa semana que havia sido abatido um porco de aproximadamente 20 quilos, todos trabalhadores do processo de produção da cera da carnaúba, moradores da comunidade de Boa Vista.

É importante ressaltar que este cardápio está sendo colocado mais como uma simulação das diversas combinações que poderiam ser feitas com o mesmo tipo de carne e com os outros alimentos que eram produzidos no próprio roçado. Não que o mesmo fosse seguido tal qual como está. Haja vista, que para o homem pobre do sertão, sobretudo no período de seca, muitas vezes faltava até o que comer.

✓ **Segunda feira**

Manhã – café com farinha.

Almoço – tripas de porco assada com pirão de leite e feijão.

Merenda – bolachas com rapadura.

Jantar – carne de porco cozida e pirão.

✓ **Terça - feira**

Manhã – café com beiju.

Almoço – feijão com farofa de torresmo.

Merenda – cuscuz com leite.

Jantar – carne de porco cozida e pirão.

✓ **Quarta - feira**

Manhã – café.

Almoço – feijão com cabeça de porco e farinha.

Merenda – farinha com leite e rapadura.

Jantar – carne de porco assada e batatas.

✓ **Quinta - feira**

Manhã – café com macaxeira.

Almoço – feijão com carne de porco cozida.

Merenda – nata de leite com farinha e rapadura raspada.

Jantar – carne de porco cozida com pirão.

✓ **Sexta - feira**

Manhã – café com leite e cuscuz.

Almoço – pirão de feijão com toucinho e verduras.

Merenda – café com farinha.

Jantar – mugunzá.

✓ **Sábado**

Manhã – café com mugunzá que sobrou do jantar.

Almoço – feijão, farofa e carne de porco frita na gordura.

Merenda – farofa de ovos.

Jantar – carne de porco cozida com pirão.

✓ **Domingo**

Manhã – café com cuscuz de milho seco.

Almoço – feijão, farofa, arroz e carne cozida.

Merenda – jerimum com leite.

Jantar – pirão de ovos⁷².

A partir do cardápio, podemos observar que o arroz aparece na dieta dos trabalhadores apenas no domingo, isso se justifica pelo difícil acesso ao produto, que só era vendido na cidade e como os homens vinham à feira apenas aos

⁷² Francisco José da Silva, 65 anos. Aparador de palhas da carnaúba. Comunidade de Boa Vista. Entrevista em 26 de setembro de 2005.

sábados, o arroz era consumido somente aos domingos. Já o feijão, o leite e a farinha aparecem diariamente, justamente por serem alimentos de produção familiar.

Vale destacar que este cardápio poderia ser alterado na medida em que tivesse na casa uma mulher de resguardo, ou seja, parturiente, sendo a carne de frango seu alimento exclusivo. O consumo da carne de frango por toda a família era feito somente uma vez na semana, isso se faltasse outro tipo de carne, pois as galinhas eram criadas mais para obtenção de ovos do que para o abate, sendo a galinha caipira e a carne de gado iguarias raras entre agregados e trabalhadores pobres da extração e produção da cera da carnaúba.

As verduras consumidas são frequentemente o cheiro-verde, coentro, pimentão, e em tempos de inverno, quiabo e maxixe, que também serviam de tempero para carnes e feijão. Com frequência, as mulheres cultivavam uma pequena horta, ou balcão de verduras como é conhecido, para o consumo da própria família.

O feijão e a farinha eram por excelência, a comida dos trabalhadores rurais. Outros alimentos eram considerados a “mistura” e complementava o cardápio do sertanejo rústico da primeira metade do século XX. De acordo com o Sr. João Felício Xavier, a farinha não podia faltar em casa nenhuma, pois se tinha a farinha, a *mistura aparecia depois*. O arroz não aparece aqui como integrante da alimentação sertaneja, por ser uma planta de cultivo mais delicado e por exigir grandes quantidades de água, por isso não era cultivado entre os sertanejos da primeira metade do século XX.

*Naquele tempo todo mundo tinha um caixão pra armazenar a farinha. Era um caixão grande, todo de madeira, preservava até aquele cherim de farinha nova. Lá em casa nunca faltou, se um vizim chegava pedindo uma cuia, eu sempre dizia: Enche aí muiê a cuia do nosso vizim. Logo a gente comia a farinha com tudo, até mesmo com o café da manhã, num sabe?*⁷³

Mesmo sendo a alimentação descrita por nossos depoentes considerada simples ou até mesmo grosseira, pois segundo eles *homem que trabalha no pesado precisa de comida que sustente no estômago*, podemos observar que a dieta era quase sempre farta, equilibrada e rica em nutrientes químicos, pois não só tinham eles em abundância a proteína da carne do boi, como também a carne do porco,

⁷³ João Felício Xavier, 80 anos. Trabalhava como vareiro no corte da palha de carnaúba, comunidade de Ingá, Russas-CE. Entrevista concedida no dia 13/03/2006.

que é rica em matérias gordurosas de grande valor, além da copiosa variedade na alimentação de cereais, como o milho, o feijão, o jerimum etc, plantações que semeavam em terrenos próprios ou arrendados, e que contém elevada porcentagem de hidrocarbonatos, muito ricos em calorias.⁷⁴

Agora é importante ressaltar que esta alimentação variada e rica não era acessível a todos os moradores da zona rural do município de Russas, era mais freqüente para os proprietários de terras e donos de rebanhos e para o trabalhador mais abastado, sendo mais abundante em períodos chuvosos. Pois, em períodos de estiagem, ficava o trabalhador a mercê apenas do que era oferecido pelo patrão e as dificuldades para obtenção do alimento da família eram enormes, chegando muitos a passarem fome.

O café da manhã era um desjejum bastante simples. Café com farinha, ou simplesmente o café, que muitas vezes era feito de mangirioba. A mangirioba é uma planta nativa da qual se extrai pequenas bajas que contém sementes miúdas de cor marrom. As sementes, depois de passarem por um processo de secagem, eram torradas em panelas de barro, piladas em grandes pilões de madeira, adquirindo uma consistência de pó. Com o café da mangirioba pronto, o sertanejo misturava-o a uma pequena quantidade de café tradicional, isso para que o gosto não ficasse tão diferente do gosto do café comum.

O café propriamente dito, era em muitas casas, reservado para visitas e ocasiões especiais. E quando era feito para própria família, o pó que era coado num pano de algodão, era reaproveitado inúmeras vezes, sendo recolocado em água fervente para se fazer um novo café. E assim era reaproveitado até que o pó não soltasse mais nenhum sabor.

⁷⁴ CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do rio bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Duas Cidades, 1987. p. 47



Foto 09 – A comida dos trabalhadores é preparada no meio do mato

No trabalho de corte da palha da carnaúba, o preparo do alimento e os horários reservados às refeições nos ajudam a entender como a divisão do trabalho e a contagem do tempo, se definem em torno da alimentação.

O trabalho começava quando o dia clareava, quando começava vê a palha da carnaúba já começava a cortar, sabe? Aí ali eles cortavam, quando dava oito hora, o almoço. Oito hora era o almoço, porque ninguém resiste não, o serviço é pesado, num sabe? oito e meia, no máximo nove hora. Já tá puxado pra nove hora, já tem gente reclamando. Aí a negrada, a turma almoça, né? Pega aquele almoço (...) Até as comida são diferente das outras comida, porque a comida de corte de ôi sempre é uma comida mais pesada, mais braçal, num sabe?⁷⁵.

Já nas casas de cera, espaço mais restrito aos homens, a hora das refeições era de grande animação, pois como diz o Sr. Bernardo Ferreira, o trabalho era muito pesado, por isso exigia uma alimentação mais reforçada. Ainda segundo ele, os que moravam mais distante traziam a “bóia”⁷⁶ pronta de casa, ou se reuniam, compravam o feijão e preparavam a comida no próprio trabalho.

Toda a vida a gente trabalhou pra dentro de casa. Graças a Deus. Pescava, caçava, né? Naquele tempo tudo isso era fácil, né? O tipo de caça era o tejo, preá, peba, num sabe? Essas caça, né? E peixe era... todo tipo, né? Só não peixe

⁷⁵ Bernardo Ferreira de Lima, 84 anos. Pequeno proprietário e trabalhador da cera da carnaúba. Sítio Boa Vista, Russas-CE. Entrevista gravada em 26/02/2006

⁷⁶ Fazer a bóia, para o sertanejo, significa fazer as refeições.

*do mar, que num existe na água doce. Mas a gente pegava a piranha, traira, cangati, cará, cascudo, tudo peixe de água doce*⁷⁷.

Outro elemento importante ligado ao trabalho, especialmente dos homens, é a aquisição da alimentação da família. Pois, além de se dedicarem à prática da agricultura de subsistência, durante o período chuvoso, os sertanejos tinham por prática cotidiana o exercício da caça do tejo, do preá, das aves ribeiras, do tatu; e da pesca nos rios e lagoas, de onde traziam peixes de várias espécies. Para muitas famílias, o complemento da alimentação dependia única e exclusivamente da captura destes animais, senão as refeições se restringiriam somente ao consumo de feijão, farinha de mandioca e de outros gêneros citados pelo Sr. João Felício Xavier.

*Por que, qual era a alimentação da gente naquela época? Era feijão com farinha, pão-de-mí, né? Na época do inverno, um jerimum, um peixe, carne raramente se via, isso quando acontecia, era fruta, né? Era muito difícil. As comida, como se diz, antigamente era o feijão e o pão-de-mí, aí tinha as mistura, tinha um peixe assado, um negócio e... tudo levava, num sabe? Dava pra levar, era as alimentação. E naquele tempo, minha irmãzinha, feliz quando a gente amanhecia o dia e tinha o café pra tomar e se tivesse uma farinhazinha pra comer com café, isso era uma felicidade pra gente. E quem não tinha? O jeito era tirar o tempo, e passar e esperar o outro dia*⁷⁸.

A alimentação, além de levar em conta sua importância na subsistência humana, tem também o aspecto agregador, pois era através de uma refeição que o beneficiado de um mutirão retribuía a ação coletiva da vizinhança, que se reunia em mutirão para efetuar determinado trabalho: derrubada, plantio, limpa, colheita, construção de casa etc, a fim de suprir as limitações do trabalho individual ou familiar.

Outro aspecto, também, encontrado na prática da caça nas zonas rurais, era o da diversão. Mesmo diante do perigo ao defrontar com uma onça do mato frente a frente, o homem matuto não resistia a uma boa caçada. Sendo esta praticada tanto por caçadores, como por vaqueiros que torcia para que nos momentos de busca pelo gado tivesse a sorte de encontrar com uma onça do mato. Com frequência as armadilhas de captura eram saqueadas, e quando o dono da mesma chegava para

⁷⁷ Idem.

⁷⁸ João Felício Xavier, 80 anos. Trabalhava como vareiro no corte da palha de carnaúba. Entrevista gravada na comunidade de Ingá, no dia 13/03/2006.

buscar sua presa, esta se encontrava vazia, restando apenas às pegadas de seus saqueadores. Ao fazer referência à prática da caça no meio rural, R. da Cunha observa.

A onça é um dos flagelos do criador, posto que não seja o pior; o terrível animal dizima sempre um rebanho, causando bastante prejuízo, também o vaqueiro é quase sempre seu perseguidor e não poucas vezes o prostá. O caçador não contente de investir com o animal frente a frente vai muitas vezes procurar na própria fuma, onde o acaba sempre a ferro. Desgraçado do caçador se tropeçar ou errar o golpe, o animal enfurecido se arremessa e o fere com as terríveis garras e com os dentes⁷⁹.

O ataque de animais selvagens a rebanhos de gado ou de ovelhas era freqüente no meio rural, sobretudo, quando as vítimas eram vacas e ovelhas paridas, o que fazia com que grupos de homens se reunissem para saírem à procura do animal que havia se distanciado do rebanho para ficar com sua cria. O ataque de animais a caçadores e a vaqueiros também é muito relato pelos trabalhadores rurais, que também viam na caça um dos meios de subsistência da família.

2.3 - Tipos de moradia nos bairros rurais.

A relação do homem com a casa é para o analista desse aspecto o que é a relação do homem com o ventre materno, o ventre gerador, o abrigo do útero.

Gilberto Freyre⁸⁰

Se durante o processo de ocupação, o município de Russas caracterizou-se pelo predomínio de propriedades rurais, advindas das fazendas de gado, outros tipos de moradias também se destacavam neste cenário, sobretudo, por sua precariedade e rusticidade. A fazenda de gado caracterizava-se pela existência de currais, pastos e reservatórios de água, as casas de morada de vaqueiros e

⁷⁹ JORNAL DO RECIFE. R. da Cunha – **Uma Excursão pelo Ceará**. 23 de julho de 1859.

⁸⁰ FREYRE, Gilberto. **A Casa Brasileira**. Grifo edições, 1971. Rio de Janeiro. p. 10.

fazendeiros materializavam a parcela mais significativa das edificações rurais sertanejas.

Dentre a bibliografia pesquisada o livro *Entre paredes e bacamartes: história da família no sertão*, de Antonio Otaviano Vieira Junior, destaca-se pelas descrições detalhadas da moradia sertaneja durante os séculos XVIII e XIX. O levantamento de fontes do autor, nos possibilita entender os tipos de moradia dos trabalhadores rurais da cera da carnaúba.

Segundo Otaviano, parte da rápida expansão da pecuária foi atribuída à simplicidade das fazendas. Existia uma casa, normalmente construída de madeira e palha de carnaubeira, onde residia o proprietário ou o administrador do gado. Havia, ainda, três toscos currais de madeira, cada um com utilidades diferentes: o primeiro era onde se recebia o gado indistintamente, o segundo era destinado ao recolhimento dos garrotes para ferrá-los e também dividir as partes do vaqueiro, pois naquele período existia o sistema de pagamento de “quarta”, onde para cada quatro bezerros nascidos, um pertencia ao vaqueiro, e por fim, o último curral era destinado à ordenha e reserva do gado de venda⁸¹.

Encontramos também nos relatos dos viajantes, elementos que nos mostram os costumes e tradições na construção das moradias do homem sertanejo rissano do século XIX. A partir das minuciosas descrições do botânico escosês George Gardner podemos visualizar mentalmente a região do vale do Jaguaribe e suas moradias. Em sua passagem pela então vila de São Bernardo, Gardner fez descrições das casas onde parava ao anoitecer para pernoitar, *sendo estas, casas com grandes alpendres e com acomodações para muitas pessoas, o que nos leva a pensar que estes casarões pertenciam a fazendeiros ou a proprietários de terras*⁸².

Ao analisar as múltiplas utilizações e representações sociais da moradia cearense, enfatizando suas relações com a família, Antonio Otaviano descreve os espaços internos domiciliares e as relações cotidianas no século XIX. Dos espaços descritos, tanto aparecem casas simples de trabalhadores rurais, como casas de famílias abastardas. Segundo Otaviano, a varanda era uma extensão da sala de

⁸¹ VIEIRA Jr. Antonio Otaviano. **Entre paredes e bacamartes: história da família no sertão (1780 – 1850)**. Fortaleza – CE, Edições Demócrito Rocha; Hucitec, 2004. p. 67 a 77.

⁸² GARDNER, George. **Viagem ao interior do Brasil: principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836 – 1841**. Ed. da Universidade de São Paulo. p. 83.

visitas, uma fronteira entre o mundo público e o privado, sendo utilizada para dar abrigo e refeições aos viajantes.

O autor continua a descrever os espaços da casa e suas utilidades no cotidiano das famílias cearenses. A sala, segundo ele, seria o segundo lugar destinado ao recebimento de pessoas alheias à vida cotidiana, em especial um lugar destinado às empreitadas artesanais e às discussões de negócios, além de servir como dormitório. Mais uma vez, podemos ver nesse mesmo espaço, as mulheres que trabalhavam com a palha da carnaúba fazendo tranças, chapéus e bolsas, além das debulhas de feijão que reuniam homens, mulheres e crianças em noites de lua cheia.

O quarto, aparece nas descrições de Otaviano de forma mais simplificada, isso, segundo o autor, por representar um espaço como *locus de uma incipiente intimidade, onde parcela do cotidiano familiar arrastava-se longe do olhar de estranhos*⁸³. Isso, não significava que este cômodo tivesse uma função fixa, pois seu uso se adequava às necessidades das famílias.

A cozinha se apresenta numa construção bastante simples, geralmente constituída numa “puxada” com teto de palha e chão batido. Fogão a lenha e poucos utensílios para o preparo da comida como panelas de barro, colher de pau e uma esteira de palha sobre o chão batido onde a família se sentava esperando a carne cozinhar ou o feijão ficar pronto, contemplavam o cenário das pequenas casas urbanas e rurais.

*A gente cozinhava em fogo a lenha, a cozinha ficava toda preta da fumaça, e as panelas tudo intornado. Mamãe gostava muito de tratar fato de criação de porco e agente ajudava. Ficava eu e minhas irmãs sentadas no chão, puxando e enfiando o espeto pra virar as tripas (...)*⁸⁴

O quintal era o lugar destinado ao trabalho das atividades domésticas. Nele se plantavam pequenas hortas ou plantas frutíferas maiores como mangueiras, goiabeiras etc. Era lá, talvez entre moitas e atrás de árvores, que uma incipiente intimidade poderia se confirmar. Assim, diante de quartos repletos de redes e onde a família, principalmente as mulheres, dormia reunida, de salas que serviam de

⁸³ VIEIRA Jr. Antonio Otaviano. **Entre paredes e bacamartes: história da família no sertão (1780 – 1850)**. Fortaleza – CE, Edições Demócrito Rocha; Hucitec, 2004. p. 67 a 77.

⁸⁴ Francisca Rosa de Oliveira, 79 anos. Moradora da comunidade de Boa Vista, Russas-CE, desde criança trabalha na confecção de bolsas e chapéus. Entrevista realizada em 16/01/2006.

dormitórios de viajantes ou outros moradores da casa, o quintal poderia ser uma alternativa para quem buscava um momento de intimidade. Para ilustrar tais acontecimentos, Antonio Otaviano, utiliza Autos de Querella de 1780 a 1823 e mostra um caso ocorrido na vila de Russas.

Em 1790, na periferia da vila de Russas, Anna dos Mártires pegou sua filha sendo deflorada por Jozé Barros no quintal de sua residência. O deflorador ao perceber a presença de Anna tratou logo de fugir.

O quintal poderia ser espaço de trabalho, de cozinha, de proteção e intimidade. Dentre as necessidades impostas pelo cotidiano das famílias ele representava uma alternativa para a ausência de privacidade, delimitando um muro espremido pelo olhar da vizinhança e a intensa circulação de pessoas no interior da casa, sobretudo pelo grande número de filhos dos casais, mas isso, entretanto, não significava que este espaço fosse um lugar consagrado para o íntimo, e sim, simbolizava em determinadas ocasiões, possibilidades para contatos pessoais mais intensos.

Pompeu Sobrinho também descreve a casa do homem do campo da primeira metade do século XX. Segundo o autor, *a casa do fazendeiro ou do vaqueiro é de taipa, mais ou menos ampla, com uma latada à porta e terreiro bem varrido. Algumas são de tijolos, mas sem reboco, baixas, escuras e pouco higiênicas. É que importa pouco semelhante abrigo; no ar livre e seco do sertão melhor lhes decorre a vida simples*⁸⁵.

Se durante o período de ocupação do vale do Jaguaribe, a criação dos currais definia a situação social dos moradores e por sua vez as características das moradias, no período de grande produção da cera da carnaúba, a arquitetura local sofreu muitas mudanças. Nesse sentido, a situação social dos trabalhadores da carnaúba, também, definia os tipos de moradia, bem como, a fase de ascensão dos preços da cera da carnaúba possibilitou não só o crescimento da cidade, como contribuiu para a construção de grandes casarões nas zonas rurais do município, que receberam inclusive toques da mais moderna arquitetura que chegava da Europa, na primeira metade do século XX.

⁸⁵ SOBRINHO, Pompeu. **Aspecto Fisiográfico e Antropogeográfico**. In: GIRÃO, Raimundo e FILHO, Martins. **O Ceará**. 3ª edição, 1966. Editora Instituto do Ceará. Fortaleza – CE. p. 21.

Durante o mesmo período, os trabalhadores da extração da palha e produção da cera da carnaúba, descrevem suas casas como um lugar de estrutura simples, feitas em sua maioria, com talhas de carnaúba, com revestimento de barro e chão batido, chegando, inclusive, a serem cobertas com palhas de carnaúba. Os maiores problemas encontrados nestes tipos de moradias eram os bicudos, responsáveis pela doença de chagas e durante o período chuvoso a frieza das casas, que ocasionava inúmeras doenças respiratórias.



Foto 10 – Casa construída com lascas da carnaúba, Distrito do Peixe, Russas -CE
(Foto: Mauro Angeli)

Para compreendermos melhor as principais características estruturais da casa rural, a funcionalidade de suas dependências e os diferentes tipos de casa que foram erguidas no município de Russas, sobretudo na zona rural, onde se situavam os grandes casarões dos proprietários de carnaubais, faz-se necessário conhecermos suas origens.

Segundo Joaquim Cardoso⁸⁶, a estrutura das casas brasileiras tem suas origens na arquitetura portuguesa, que por sua vez, recebeu influências francesas. Para ele, outros autores são unânimes em considerar que os alpendres e escadas exteriores são as duas principais características da casa portuguesa. Não há dúvida

⁸⁶ CARDOSO, Joaquim. **Um tipo de casa rural do Distrito Federal e Estado do Rio de Janeiro**. In: Modernidade da repartição. Org. Lauro Cavalcante. 2ª edição. Editora UERJ / MINC – IPHAN. p. 115 a 160.

de que os alpendres receberam pelos portugueses influências dos claustros franciscanos. Aliás, a origem das casas com alpendres está muito distante no tempo, pois já no século XV, palácios recebiam grandes alpendres que repousavam sobre emolduradas colunas.

Ainda segundo Cardoso, o ambiente calmo e tranqüilo transmitido pelos conventos e igrejas, teria inspirado arquitetos e mestres de obras que acabaram adaptando tal arquitetura na construção de moradias rurais como casas e fazendas.



Foto 11 – Casarão construído em 1940, comunidade de Pitombeira I, Russas-CE.
(Foto: Mauro Angeli)

Ao contrário das casas rurais, analisadas por Cardoso, onde as escadarias externas e alpendres se destacam, no município de Russas, podemos observar apenas os grandes alpendres com colunas ornamentadas com delicados desenhos e formatos em estilo barroco, sendo as escadarias externas observadas apenas nas construções das igrejas, como exemplo na matriz de Russas, que está erguida sobre um alto alicerce rodeado por calçadas com degraus que formam uma imensa escadaria.

Ainda trançando a linha das origens e principais características da casa rural no município de Russas na primeira metade do século XX, vejamos as considerações de Castro Neves a respeito da casa fortalezense de fins do século XIX.

Os lucros provenientes do algodão enriqueciam rapidamente uma elite de comerciantes que procurava “civilizar-se” conforme o modelo europeu e, mais especificamente, parisiense. As casas de exportação atraíam para Fortaleza uma ampla camada de trabalhadores qualificados – engenheiros, mestre de obras, pedreiros – que formavam um novo mercado de trabalho na cidade, ampliando as alternativas sociais e culturais⁸⁷.

É certo que Castro Neves refere-se às casas da capital Fortaleza, onde o fluxo de informações e novidades vindas da Europa chegavam com maior rapidez. No entanto, não podemos deixar de perceber as semelhanças entre os dois casos. Primeiro o fato de que, na capital, a economia do algodão impulsionou tal desenvolvimento arquitetônico, sendo que no município de Russas, este desenvolvimento se deu a partir do período áureo de produção da cera da carnaúba, sem deixar de mencionar que a cultura do algodão deixou muitos lucros em Russas também.

O outro ponto é que, mesmo estando distante 162 km da capital Fortaleza, as tendências na área da construção não deixaram de chegar a Russas, onde tanto na zona urbana, quanto rural, se observa construções do início do século XX, com as mesmas características descritas por Joaquim Cardoso, citado anteriormente, com influências portuguesas e francesas.

Assim como em outras regiões do Brasil, a casa nordestina foi sendo construída conforme o clima e exploração agrícola. No sertão, predominam as casas altas, com fachadas decoradas, grandes alpendres e com um grande número de portas e janelas, o que ajudava na ventilação do ambiente. Os compartimentos da casa estão divididos do seguinte modo: dormitórios, quarto do caixão da farinha, milho e feijão, quarto onde se guardavam os arreios dos animais, e se fosse o caso de pertencer a um produtor de cera da carnaúba, havia também, o quarto da batedura das palhas para retirada do pó.

⁸⁷ NEVES, Frederico de Castro. **A Lei de Terras e a Lei da Vida: Transformações do mundo rural no Ceará do século XIX**. Estudos de História, Franca, 2001. p. 07.



Foto 12 - Casa de alvenaria localizada na comunidade de Boa Vista, construída em 1940.
(Foto: Mauro Angeli)

É importante ressaltar que este tipo de casa, feita de alvenaria, pertencia na maioria das vezes, a um fazendeiro, comerciante ou proprietário de carnaubais. Pois, ainda no século XX, o homem pobre, agricultor posseiro ou trabalhador da extração do pó e produção de cera, desprovido da posse de terras, descreve o tipo de casa predominante no meio rural como uma simples construção de taipa, que consistia na armação de talhas do tronco da carnaubeira preenchidas com argila, sendo o telhado coberto com caibros, também extraídos do tronco da carnaúba, e as telhas de argila que eram produzidas manualmente, algumas cobertas, inclusive, com palhas de carnaúba.

As casas de construções simples pertencentes aos agricultores, eram construídas aos arredores da casa do fazendeiro e proprietário de terras de modo que facilitava ao trabalhador o acesso à fazenda e isso assegurava ao patrão uma fiscalização dos horários de seus trabalhadores na lida diária. Por isso que os trabalhadores agregados conseguiam sempre construir seu rancho num pedaço de terra próximo à casa do patrão. A esse conjunto de moradias e relações existentes nos modos de subsistência e sociabilidade entre a vizinhança, forma-se o “bairro rural”, assim como identificado por Antonio Candido.

Para o trabalhador, a concessão da terra significava um ato de bondade do senhor que queria apenas “protegê-lo”. Para o dono da terra, significava um controle maior dos empregados e de sua permanência no trabalho, além do que a mulher do agricultor e suas filhas “ajudavam” nas tarefas domésticas da “casa grande”⁸⁸.

Antônio Candido, ao descrever a casa do caipira paulista, nos dá características bem parecidas com a casa do sertanejo russo da primeira metade do século XX. *“A sua casa chamada por ele de rancho, como querendo exprimir o seu caráter de pouso, é um abrigo de palha, sobre paredes de pau-a-pique, ou mesmo varas não barreadas, levemente pousado no solo. Pobres cabanas de palha, algumas infestadas de baratas”*⁸⁹.

Diferente do caipira paulista dos séculos XVI ao XVII, que ainda assimilava e conservava elementos de sua origem nômade devido ao bandeirantismo, e que vivia nestas casas de modo provisório, no sertão cearense, estas casas eram moradias fixas dos sertanejos, que ao conseguirem concessão de um pedaço de terra, erguiam seu rancho para morar com toda a família, como agregado nas terras de algum proprietário, passando assim, a viverem da agricultura de subsistência.

Ao fixarem moradia, estes trabalhadores rurais dedicavam-se aos trabalhos na agricultura durante o período chuvoso⁹⁰ que se estende mais ou menos de janeiro a junho. Alguns viviam como moradores agregados de algum fazendeiro, sendo que o homem dedicava-se à lida do gado: levar para o pasto, dar sal, fazer marcações com o ferro, chiqueirar, ordenhar, cuidar dos bezerros e curar bicheiras, além de manter uma pequena lavoura de subsistência, cultivando milho e feijão.

⁸⁸ Escrevo casa grande entre aspas para deixar claro que não uso esse conceito nas mesmas proporções que Gilberto Freyre, mas por designar uma casa grande, comparada ao pequeno rancho do trabalhador rural.

⁸⁹ CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do rio bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Duas Cidades, 1987.

⁹⁰ Diferentemente de outras regiões do Brasil que apresentam as quatro estações, a região Nordeste apresenta apenas duas estações, que se classificam em período chuvoso e período de estiagem. Para os sertanejos, estes períodos são denominados de inverno e verão. Mas, mesmo assim, estes períodos não são bem definidos, e o homem nordestino ainda sofre muito com a seca.

CAPÍTULO III – “A VIDA SOCIAL” DOS TRABALHADORES DA CARNAÚBA.

3.1 - O tempo além do trabalho: cantorias, boi, festa do padroeiro...

Para obtenção de informações que pudessem nos dar uma maior visibilidade da uniformidade ou diferenciações das práticas de lazer existentes entre os moradores das comunidades pesquisadas, fez-se necessário uma longa e exaustiva pesquisa de campo, primeiramente, por considerarmos as práticas de lazer fator primordial para compreendermos as relações de sociabilidade no meio rural que estão diretamente ligadas às relações de trabalho, uma vez que em todas as comunidades pesquisadas os depoentes descrevem momentos de lazer e diversão que se relacionam às atividades de trabalho, como os serões de trança, a debulha do feijão e os preparativos da mandioca nas casas de farinha.

Conversei com senhores que tinham fama de boêmios e festeiros, que sempre arranjavam um pretexto para realizar uma animada reunião de amigos. Clubes e praças não existiam na zona rural, portanto os locais de reunião eram sempre nas casas dos vizinhos mais festeiros e animados.

A diversão naquela época era uma coisa muito difícil, era cantoria, né? Uma dispulha de feijão na casa dum compade, um boi, né? Era a diversão que existia, era coisa boa, né? Assim digamos um final de ano, quando era noite de festa, noite de ano. Ixe, era uma coisa muito boa e tudo.

As cantorias, tertúlias, festas de Natal e passagem de ano na praça da cidade, são lembradas, mas não tão detalhadas quanto às festas dos santos e padroeiros. As festas religiosas são para os sertanejos, os momentos mais importantes e significativos da vida individual e comunitária da cidade no passado. Assim, chamam a atenção para a *beleza* da festa, e, sobretudo, para o acontecimento social no qual as famílias tinham a oportunidade de reforçar seus laços de amizade e de obrigação religiosa.

Segundo Olivenor Chaves, *as imagens do respeito, da devoção, da humildade, do lúdico, da praça enfeitada com barracas para a realização do leilão, do povo se divertindo nas quermesses, são imagens representativas da tradição religiosa da cidade, que se manifestava na vida cotidiana dos sertanejos. Tanto por meio dos festejos a São José, que representam as expectativas e a motivação para a ocorrência de preces em prol de um bom inverno, quanto pela fé nas mãos dos curandeiros que utilizam seus dons divinos para a cura de diversas doenças existentes no meio rural*⁹¹.

Entre as diversas ocupações citadas pelos depoentes, que tinham como objetivo a diversão e a distração, a conversação é mencionada com frequência, sendo decorrência da falta ou limitação das diversões existentes no meio rural. Eram reuniões à porta das casas de família, cadeiras postas no terreiro ou na calçada da igreja, antes e depois da missa. Reuniões que agregavam grupos com características diferentes: uns que se reuniam por acaso, outros que dispendo de mais tempo ocioso, sobretudo nos períodos de não produção da agricultura de subsistência, reuniam-se em lugar certo para *tirar uma prosa*. Entre as mulheres, este tipo de passatempo era a atividade mais praticada, exceto, para algumas senhoras que, por considerarem esse tipo de diversão perda de tempo e uma forma de envolver-se em fuxicos e mexericos, disseram preferir as rezas e momentos de oração em casa, onde reunidos, os membros da família rezavam terços e rosários.

Outra prática bastante difundida entre moradores, tanto da cidade como do campo do município de Russas, era o divertimento dos jogos de baralho. Nesse caso, o ponto de apoio para os jogadores era a residência de um deles, onde várias pessoas não só jogavam, como também assistiam. Com frequência, a prática do jogo era motivada pelas apostas, que eram feitas com diversos produtos. Apostavam-se desde dinheiro, casa, cabeças de gado, ou até mesmo a mulher. Gardner em suas andanças pelo sertão cearense, observou a prática dos jogos de baralho em diferentes vilas e associou o ócio à baixa moralidade dos habitantes.

O jogo de cartas é sua ocupação principal durante o dia; quando faz bom tempo, vêem-se grupos de todas as classes, desde os que se

⁹¹ CHAVES, José Olivenor Souza. **Atravessando Sertões: Memória de velhas e velhos camponeses do Baixo -Jaguaribe - CE**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da UFPE. Recife, 2002. p. 166.

chamam “gente grúda” até as baixas, sentados no passeio, à sombra da rua, profundamente absorvidos no jogo. Os mais respeitáveis jogam dólares; os pobres jogam moedas de cobre ou usam grãos de feijão como tentos⁹².

É importante mais uma vez ressaltar, que as observações de Gardner estão totalmente carregadas de seus princípios morais, de quem vivia numa sociedade completamente diferente da encontrada no sertão cearense. Mesmo assim, a prática do jogo tem suas raízes históricas desde os primeiros registros da humanidade, desse modo, não seria a condição financeira do jogador, assim como associa Gardner, que iria definir quem possui ou não bons costumes e boa moral.

As festas dançantes, muito apreciadas, reuniam inúmeras pessoas para a comemoração de acontecimentos festivos, tais como casamento, batizado, festas religiosas, ou simplesmente para diversão. Vale ressaltar, que as festas no campo eram regidas a muita comida, galinha, carne de porco e carneiro. Portanto, alguns depoentes disseram não ter realizado festa de casamento por falta de condições dos noivos em oferecer um almoço para os convidados, pois mesmo que o casamento fosse acontecer durante a noite, era costume, os convidados e familiares chegarem logo ao amanhecer e irem embora somente à noite, após a cerimônia. Nesse sentido, R. da Cunha registrou suas observações a respeito dos casamentos no sertão em 1859.

No sertão, os casamentos são freqüentes e prematuros; ordinariamente os indivíduos casam ainda bastante moço, a razão talvez esteja na facilidade que há de viverse aí. Os costumes regrados, hábitos poucos dispendiosos e falta de distração que existe para os moços, porque unido ao sentimento natural de reprodução, leva-os ao casamento. Nas cidades, porém, onde a civilização e a comodidade traz consigo maiores despesas e necessidades além das naturais, onde as distrações formigam e os gozos são fáceis, o lar não pode oferecer os mesmos encantos, antes aparecerá como uma prisão a origem de oneroso encargo⁹³.

Em alguns casos, por falta de condições financeiras em realizar o casamento ou por proibição do namoro por parte dos pais da moça, acontecia de

⁹² GARDNER, George. **Viagem ao interior do Brasil: principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836 – 1841**. Ed. da Universidade de São Paulo. P. 94.

⁹³ JORNAL DO RECIFE. R. da Cunha – **Uma Excursão pelo Ceará**, 23 de julho de 1859. (sem paginação)

muitos rapazes raptarem a namorada, sobretudo, na zona rural do município de Russas. Com frequência, apareciam os boatos da filha do fulano de tal que havia fugido com o namorado. Antes de casar-se oficialmente, o rapaz roubava a moça da casa dos pais, numa fuga bem planejada, para que o pai da jovem só ficasse sabendo de seu paradeiro dias após o acontecido, tempo suficiente para o “casamento” ter-se consumado. Assim, a mão da moça nunca era negada ao pretendente, pois os pais jamais aceitariam dentro de casa uma filha que não fosse virgem perante a comunidade. Casos como estes eram correntes desde a primeira metade do século XIX, assim como podemos observar na citação de Antonio Otaviano Vieira Jr.

O professor Ximenes Aragão, no ano de 1834, na Vila Nova, às onze horas da noite, iniciou o rapto daquela que seria sua futura esposa. Durante a noite a vila estava em profundo silêncio, o professor saiu de casa com cuidado e foi bater na janela do quarto de sua pretendida esposa. Esta já estava esperando-o, abriu a janela e pulou nos braços de Aragão⁹⁴.

Desse modo, vemos que o raptor sempre agia altas horas da noite, isso para ter certeza de que todos da casa estariam dormindo, sobretudo, os pais da moça. Como era costume na zona rural do município dormir muito cedo, com frequência, a fuga era bem sucedida. Pelo menos foi o que não aconteceu com Dona Terezinha que teve seus planos entregues aos pais pela irmã mais velha.

Caí na bestêra de contar tudo pra Maria, pois num é. Eu quiria fugir com meu João, mas tava com medo, num sabe, tinha medo de papai descobrir. Logo era um home muito severo com as filhas, aí eu tinha medo. Eu até penso que ela num quiria que eu casasse premero do que ela, num sabe. Aí caí na bestera de contar a Maria, ela correu no cercado e contou tudinho a papai. Nossa! Ele quase me deu uma surra. Mas aí, de vagarim ele foi se acostumando com a idéia e deixou eu casar. Menina foi uma festa bonita, viu⁹⁵.

Dos divertimentos do sertão, a festa de casamento surge na memória dos mais velhos como o momento de maior alegria para o sertanejo. A chegada da noiva

⁹⁴ VIEIRA Jr. Antonio Otaviano. **Entre paredes e bacamartes: história da família no sertão (1780 – 1850)**. Fortaleza – CE, Edições Demócrito Rocha; Hucitec, 2004. p. 99.

⁹⁵ Maria Terezinha da Silva, 82 anos. Trabalhadora rural, comunidade de Malhadinha, Russas-CE. Entrevista realizada em 12/05/2006.

na igreja a cavalo, a celebração e benção do padre, mostram-se como rituais carregados de significado e simbologia para os sertanejos.

Estes aspectos da festa de casamento foram mostrados, inclusive, em músicas que retratam a vida no sertão. Entre elas, podemos citar a letra da música “O Casamento de Rosa” de Luiz Gonzaga⁹⁶.

*Se amonta Joana,
monta Mariquinha,
monta Siá Zefinha,
monta Juvená
Por esses burro vamos chegá cedo,
que hoje o forquedo vai ser de matá
Coroné Zeca com muita alegria
hoje casa a fia e pra festejá
Tá cunvindando toda a vizinhança
pra encher a pança, beber e dançar
Coroné Zeca matou três zebu,
muita galinha e muito peru
Se vai ter dança isso nem se indaga
Que o Seti e Gonzaga já foram pra lá
Vamos simbora que a viagem é dura
Que a noite é d'água e nessa estrada escura
Ou nós sai cedo e dá nas espora
Ou nós perde a hora de Rosa casá.*

Retomando as festas dançantes ou *sambas* no sertão, estas aconteciam sempre na casa de algum parente ou vizinho. A composição dos instrumentos utilizados pelos músicos era basicamente sanfona, triângulo e zabumba. Esses tipos de festas caracterizam-se pelas histórias de conflitos e contendas entre os participantes, pois com frequência, o excesso de bebida ou a disputa por alguma jovem cobiçada por mais de um rapaz, gerava situações de tumulto nas festas do sertão.

⁹⁶Luiz Gonzaga, **O Casamento de Rosa**. LP 1977.

Menina, teve um arrasta pé, na casa de Zé Branco, tava tudo bem. De repente chega Raimunda, mais de um queria dançar com ela, mais de um. Ela era dançarina, dançava comustodo. Aí quando cuida um fuzuê. Dois caba se agarro, brigando porque os dois queria dançar com Raimunda, um dos camarada queria era namorar com ela. No instante o samba se acabou, menina⁹⁷.

Conforme analisou Maria Sylvia, não são raros os casos de contenta no meio rural entre pessoas que mantinham uma relação amistosa para resolução de qualquer tipo de questão. Segundo ela, os termos de luta e de solução por meio da força, irrompe de relações cujo conteúdo de hostilidade e sentido de ruptura se organizam de momento, sem que um estado anterior de tensão tenha contribuído⁹⁸.

Dentre as formas de divertimento, a caça e a pesca aparecem entre os sertanejos, não apenas como recursos alimentares, mas também como uma prática de lazer. A caça ao tatu, preá, tejo e até mesmo raposa, configurava-se como uma diversão que exaltava a disputa e rivalidade entre os participantes que procuravam mostrar suas qualidades enquanto atirador e a potência de sua arma, que era tida como objeto de estimação.

Outro tipo de diversão citada por alguns depoentes menos inibidos, era as visitas às casas de encontros com prostitutas, os cabarés, embora esporadicamente, pois estas só se encontravam nos extremos da cidade e funcionavam aos sábados, domingos, vésperas e dias de feriados. O ambiente descrito não apresentava outro atrativo senão as mulheres, mas para o senhor José Otacílio Neto, estas casas traziam muito divertimento para homens solteiros e casados que as freqüentavam de forma bastante sigilosa.

A gente se reunia com dois ou três amigos e ia lá. Muitas vezes, era só pra brincar com as meninas, por que asseio não existia, não. Era uma bacia no quarto com água pra noite toda, quem entrasse lá se lavava com a mesma água, aí a gente tinha medo de pegar uma doença. Tinha conhecido meu que quando saía de lá, já ia tomar penicilina. Era uma brincadeira, mas muito perigosa. Caba casado rapaz, botava doença na mulher⁹⁹.

⁹⁷ João Felício Xavier, 80 anos. Trabalhava como vareiro no corte da palha de carnaúba. Entrevista gravada na comunidade de Ingá, Russas-CE, no dia 13/03/2006.

⁹⁸ FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na Ordem Escravocrata**. Publicação do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo – Brasil. 1969. p. 78.

⁹⁹ José Otacílio Neto, 62 anos. Agricultor e criador de animais. Comunidade de Boa Vista, Russas-CE. Entrevista realizada em 25 de julho de 2006.

Na zona rural, também era possível encontrar mulheres livres, que proporcionavam encontros sexuais, a troco de dinheiro ou um vestido novo, mas não chegavam a reunir-se numa casa mantida especialmente para tal fim. As visitas a pequenos botecos para encontros, também eram feitas por homens solteiros e casados. Mal vistas pelos membros da comunidade, estas mulheres eram ignoradas pelas ditas mulheres “direitas”, que inclusive, negavam-lhe cumprimento e não eram bem recebidas em celebrações religiosas. E, embora a moral cultural destas comunidades rurais não condenasse as experiências pré-matrimoniais dos homens, até os próprios solteiros evitavam ser vistos em tais companhias ou nas proximidades de tais casas, pois isso poderia manchar sua imagem diante dos pais de alguma pretendente com quem o jovem tivesse interesse em casar-se.

Dos tipos de diversão existentes no meio rural, a mais referida foi o bumba-meu-boi. Amplamente praticado por grupos de sertanejos, a brincadeira do bumba-meu-boi desperta até hoje, lembranças nostálgicas entre os velhos depoentes, que trazem na memória, histórias alegres dos divertimentos no sertão e relatam com precisão todo o enredo do drama vivido pelo boi.

O bumba-meu boi, assim como outras manifestações folclóricas brasileiras, pertence à forma de vida tradicional do país. De acordo com Maria Isaura Pereira de Queiroz, *os pesquisadores que têm estudado o bumba-meu boi, são unânimes em apontar a falta de fixidez do texto. A estrutura central se mantém mais ou menos semelhante, mas todas às vezes que o pequeno drama é representado, cenas secundárias são suprimidas, outras são criadas, segundo a vontade do organizador de espetáculo, ou segundo os acontecimentos importantes que se passaram e que se quer comentar*¹⁰⁰.

A brincadeira traz em seu contexto, características das três principais etnias que se miscigenaram durante a colonização. As linguagens artístico-religiosas das três culturas (música, dança, canto, linguagem, fé, cores, idéias, interpretação e moral) se complementam perfeitamente, constituindo uma linguagem original, uma peculiaridade absorvida e transformada no nordeste brasileiro. É a única manifestação que não restringe as suas apresentações a uma data específica do

¹⁰⁰ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil**. Petrópolis, Vozes: São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973. p. 160.

ano, podendo realizar-se mediante convite. No Ceará há muitas variações no nome: boi-bumbá, boi-de-reis, boi-pintadinho, reisado cearense, surubi etc.

Ao falar das variantes de enredo e das diferentes denominações que o bumba-meu-boi recebe em todo o Brasil, Câmara Cascudo aponta as origens e influências do folguedo.

No Brasil este folguedo teve origem no ciclo econômico do gado, sendo produto de tríplice miscigenação, com influência indígena, do negro escravo e do português. O enredo desse folguedo apresenta uma série de variantes¹⁰¹.

Maria Isaura também relata as origens do enredo. Para ela, o drama que então se apresenta é, provavelmente, originário de Portugal.

Durante as procissões religiosas antigas desse país, desfilavam figuras burlescas entremeadas aos santos e aos anjos. Bois, principalmente, com o corpo formado de diversas espécies de armações, ora em vime, ora de madeira, mas sempre cobertas por um saíote de algodão e com a cabeça de cartolina pintada; sob a armação escondiam-se indivíduos que faziam o animal dançar. Havia também em Portugal, noutras ocasiões, imitações de touradas, em que os animais eram semelhantes aos que saíam nas procissões.¹⁰²

Não obstante as manifestações folclóricas em torno do boi-bumbá possuam grandes variações na quantidade e denominação dos seus brincantes, todas seguem a linha central entorno da figura do boi, e através dos personagens de Matheus e Catirina pelos quais se desenvolve toda a trama. Inicia-se a apresentação com loas (louvações) de abertura, onde o grupo se movimenta em percurso ao destino determinado. Nesta parte da apresentação, o bumba-meu-boi assemelha-se a um cortejo de reisado, onde os componentes apresentam sua religiosidade nas canções que enaltecem alguma figura sagrada. Neste momento também, os brincantes interagem com o público, pedindo licença para iniciar o folguedo e desenrolar a trama. A parte teatral ou a trama, tem início quando se faz um círculo no terreiro escolhido para a apresentação. Acontece, então, a apresentação da história do boi e dos personagens que dão vasão a grande quantidade de signos em torno da morte e ressurreição do personagem.

¹⁰¹ CASCUDO, Luís da Câmara, 1898 – 1986. **Dicionário do folclore brasileiro**. 9ª ed. revista, atualizada e ilustrada. Globo, São Paulo. 2000. p. 70 e 80.

¹⁰² QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op.cit. p. 158-159.

É importante ressaltar que a história narrada no enredo do boi se passa no contexto social dos trabalhadores, onde aparece o fazendeiro e as relações de dependência existente no meio rural. Assim, vejamos o enredo da história.

A história se passa em uma fazenda. Um fazendeiro possui um bonito boi de raça que é admirado por todos. São trabalhadores da fazenda: Matheus (Pai Chico, Nego Chico.) e Catirina. Depois do boi, esses personagens são os responsáveis pela armação de todo o enredo. Tudo começa quando Catirina tem o desejo de comer a língua do boi. Sabendo que a mulher está grávida, Matheus tem medo de que se o desejo não for saciado, Catirina possa perder a criança. Então rouba o boi da fazenda para cortar sua língua.

O fazendeiro sente falta de seu boi e de Matheus, mandando seus vaqueiros procurarem por ambos. Não tendo sorte na primeira investida, o fazendeiro chama os Índios para que eles façam uma busca. Finalmente são encontrados e trazidos para a fazenda, entretanto, Matheus já havia cortado a língua do boi, e este, chega à fazenda já fraco e doente. Entram em cena o doutor, o curandeiro, o padre, a burrinha, o jaraguá, a cobra, o curupira, os papangus e outros personagens. Produzindo um ambiente mágico e cheio de ingredientes sobrenaturais para a recuperação do boi. O fazendeiro, depois de algum tempo, perdoa Matheus e manda sacrificar o boi para realizar uma grande festa. Um couro de boi espichado numa armação de madeira representa o momento do sacrifício do boi. Após a apresentação, os brincantes retiram o couro da armação de madeira e o guardam para o ano seguinte, ou para a próxima apresentação.

Os instrumentos musicais mais utilizados na brincadeira são: o bumbo, a gaita, o pandeiro, o maracá, o violão, o tambor de onça (espécie de cuíca) e as matracas. No início da apresentação, o responsável pela condução do folguedo, geralmente o fazendeiro, canta a toada que agrupa os brincantes, chama-se de “guarnecer”. Depois, cantam o “lá vai” ou “licença”, a louvação de abertura. No decorrer da apresentação são cantados louvores a São João, São Pedro e aos donos da casa. Outros temas são desenvolvidos, como crendices populares, política, natureza, e amor aos animais. Então chega o momento do auto, onde é realizado o drama do boi propriamente dito. Depois é cantado a “urra do boi” e a “toada de despedida”, seguindo em novo cortejo até o encerramento da apresentação.

Geralmente, as apresentações começam meses antes do sacrifício do boi. Em todas as apresentações anteriores a brincadeira se encerra quando o boi é ressuscitado. Existem três períodos onde tradicionalmente acontece o folguedo, variando de região para região: os bois natalinos, que comemoram o nascimento de Cristo, o boi de carnaval, onde as pessoas se despedem dos prazeres da carne, tendo em vista da Semana Santa, e também no mês das festas juninas, em comemoração ao período da colheita. Por ser exatamente uma brincadeira que percorre as principais estações do ano, não tem data específica para a sua representação. Já que acontecem várias apresentações antes do sacrifício do boi.

No livro, *Russas: Sua Origem, Sua Gente, Sua História*, Limério Moreira da Rocha ressalva que a origem do bumba-meu-boi em Russas, não é bem definida. No entanto, informa que em finais do século XIX, as primeiras movimentações iniciam-se nas comunidades rurais do município de Russas, chegando à sede com o nome de Pai do Campo no ano de 1919, o segundo boi de competição mais antigo do Ceará¹⁰³. A música de abertura do boi Pai do Campo era cantada por todos.

*Pai do Campo chegou
Vamos brincar
Só não quero que venha
Me incomodar.*

*Balanceia Pai do Campo
Balanceia para o povo apreciar
Só não quero que venha
Me incomodar.*

*Balanceia Pai das Ondas
Boi Torino Araçá
Brinca, brinca Pai do Campo
Para o povo apreciar.*

Brinca, brinca Pai do Campo

¹⁰³ ROCHA, Limério Moreira da. **Russas: Sua Origem, Sua Gente, Sua História**. Ed. Graf Recife, 1976; p. 141 e 142.

*Brinca, brinca eu quero olhar
Quero ver meu Pai do Campo
No salão balancear.*

No entanto, podemos observar que os embriões desse folguedo remontam a datas e a outros folguedos mais antigos, como o congo de reis e o reisado. Na ocasião da Visita Pastoral de 1792, o Revdo. João Jozé Saldanha Marinho, deixou registrado no 1º Livro do Tombo da Freguesia de Russas, as impressões, advertências e penalidades que deveriam ser adotadas na dita freguesia. É importante notar um trecho desse relatório, pois ele nos faz refletir sobre a dimensão do ambiente cultural do município de Russas e o quanto foi relevante para ser mencionado nos registros do Bispado em Pernambuco.

A experiência tem mostrado, que sendo os moradores destes Sertões promptos para Caminharem Legoads afim deverem Comedias, e outras representações theatraes; São Remissos em Caminharem para as Igrejas, para receberem o Sacramento do Matrimônio, e fazerem baptizar Seos filhos, e os filhos de seos Escravos;..¹⁰⁴

A disposição dos sertanejos em se deslocarem a lugares distantes para assistirem a apresentação de um boi, empanada de bonecos, cantoria, drama, entre outros tipos de diversão, também é mencionada nos relatos dos trabalhadores da cera da carnaúba. Segundo Francisca Rosa de Oliveira, *era difícil sair de casa e quando aparecia uma oportunidade não podia se dispensar. A gente ia pro outro lado do rio assistir apresentação de bumba-meu boi, ia todo mundo andando a pé, brincando, conversando, tinha gente que aproveitava pra namorar, num sabe? Era cansativo, mas bom demais*¹⁰⁵.

¹⁰⁴ ARAÚJO, Con. Pedro de Alcântara. **Capital e Santuário: miragens, russano – nordestinas**. Imprensa Oficial do Ceará. Fortaleza, 1986. p. 159. Transcrição da Visita Pastoral de 1792.

¹⁰⁵ Francisca Rosa de Oliveira, 79 anos. Moradora da comunidade de Boa Vista, desde criança trabalha na confecção de bolsas e chapéus. Entrevista realizada em 16/01/2006.



Foto 13 - Boi Pai do Campo, fundado em 1919, comunidade Lagoa do Toco. (Foto: Hider Albuquerque Jr.)

O bumba-meu-boi foi uma das brincadeiras mais apreciadas pelos moradores do campo e também da cidade. O envolvimento do público com o espetáculo era demonstrado através das reações diante do desenvolvimento do enredo. O público grita de medo, vaia os personagens fantásticos ou os diversos animais que se voltam contra o público. Isso acontece segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz, *pois o público nem sempre distingue entre fictício e a realidade*¹⁰⁶.

*(...) Ah! A festa de Natal era muito boa... Aí, de noite, a gente se animava logo cedo pra ir passear no mercado... Ali era um espaço bem grande... Era o bumba-meu-boi... Aí vendia tapioca, bolo, pé-de-moleque, aluá, num sabe?... Aí tinha essas coisa tudinho, era pra gente... a gente ia pra comer bolo, pra ver bumba-meu-boi, pra andar no carrossel (...)*¹⁰⁷

As apresentações do bumba-meu-boi durante os autos de Natal são, com frequência, narrados como um dos melhores momentos das festas de fim de ano, além das festividades religiosas nas comunidades. Os grupos de bumba-meu-boi apresentavam-se nas festas da Padroeira, na noite de Festa (Natal), na noite de Ano

¹⁰⁶ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil**. Petrópolis, Vozes: São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973. p. 161.

¹⁰⁷ Maria Ogarita de Sousa, 80 anos. Professora, Russas. Entrevista gravada em 15/03/2006.

Novo (Reveillon), festejos que se estendiam da igreja Matriz do Rosário até ao redor do antigo Mercado Velho (mercado público), onde ficavam as feiras e eram realizadas as brincadeiras.

3.2 - Mutirão e serões de trança da palha da carnaúba: formas de solidariedade.

A prática dos serões de trança da palha da carnaúba tem suas origens fundadas no mutirão, bastante difundido no meio rural nas primeiras décadas do século XIX, a reunião de pessoas para a realização de atividades coletivas era feito em diversos casos: na última apanha do feijão que era dividido entre o dono do plantio e os participantes, na debulha do feijão, nas farinhadas e nos serões de trança, este consistia na reunião de comadres, amigas ou vizinhas na casa da beneficiada, para darem início ao trançado da palha. No caso dos serões de trança, o objetivo da reunião estava apenas em fazer o começo das tranças, que depois eram terminadas por sua dona e chegavam a medir cinco braças (7,5m) dependendo a que se destinava à confecção de bolsa ou à confecção de chapéu, ou seja, para cada utilidade o tamanho da trança é diferente. Assim, prosseguiram os serões de trança, em sistema de rodízio nas casas das participantes.

Para confeccionar bolsas e chapéus a palha utilizada é o “olho” da carnaubeira. Este compreende as novas palhas que surgem na carnaubeira e ainda fechadas não adquiriram a forma de leque, característica da planta. Além das diferentes utilidades, a palha e o “olho” também são diferentes nos tipos de cera que produzem. A cera da palha é classificada como cera do tipo 02 e a cera do “olho” do tipo 01, sendo esta mais valorizada e de fácil comercialização no mercado exterior. O pó das palhas é extraído através de uma máquina, e como estas são cortadas em pequenos pedaços é utilizada como adubo nas plantações, recebendo o nome de paú. Já o pó dos “olhos” é extraído manualmente, pois depois de retirado o pó, a palha é destinada à confecção de bolsas, chapéus, cestas e uma grande variedade de produtos.



Foto 14 - Mulheres confeccionando tranças da palha da carnaúba.
(Foto: Sheila Oliveira)

Além dos mutirões para debulha de feijão e outras atividades, as casas de farinha também são lembrados pelos trabalhadores da cera da carnaúba, haja vista, que estes se dedicavam as diferentes atividades de acordo com as necessidades de cada período do ano, “inverno e verão”. Mencionam as casas de farinha e a importância da mandioca *para aquela época*, a primeira, por ser um importante espaço de socialização e a segunda, por ser um componente básico de sua alimentação.

Ao analisar o conteúdo dos depoimentos coletados, percebe-se que os espaços do trabalho e do lazer não estão separados. Segundo os relatos, a participação dos homens, na divisão do trabalho, não era decisiva para a realização ou não dos serões de trança. Todavia, mesmo que os rapazes não participassem efetivamente do trabalho de confecção dos chapéus, Francisca Rosa de Oliveira revelou que a presença deles era quase certa nas noites em que aconteciam os serões.

Eles iam, a gente fazia a trança e dava pra eles pelarem. Era todo mundo conversando, as solteiras namorando na maior brincadeira. Primeiro, servia um café com bolo de milho, depois botava a vitrola pra rodar, isso é, se na casa tivesse vitrola, era muito animado. Mas

*eles iam mesmo era pra olhar pra meninas, ia só pela brincadeira, pela animação*¹⁰⁸.

Diante do depoimento ressalvo, percebe-se mais uma vez, a íntima relação entre os espaços do trabalho e do lazer no sertão. Eram nos mutirões para debulha do feijão, ou nos serões de trança, onde moças e rapazes se reuniam para conversarem, contar histórias dos mais antigos ou ainda namorar *só no olhar*¹⁰⁹.

Antonio Candido define o bairro rural como um agrupamento territorial mais ou menos denso, cujos limites são traçados pela participação dos moradores em trabalhos de ajuda mútua. *É membro do bairro ou comunidade rural, quem convoca ou é convocado para tais atividades*¹¹⁰. Nesse sentido, identificamos a relação de solidariedade e ajuda mútua entre os trabalhadores rurais, tanto nos serões de trança da palha da carnaúba, debulha de feijão e outras atividades que eram realizadas em benefício próprio ou da comunidade, bairro rural.

As formas de solidariedade estavam presentes tanto em atividades domésticas entre as comadres, como na divisão de gêneros alimentícios durante os períodos de fartura, ou por ocasião de algum compadre que estivesse passando por dificuldades em adquirir tais gêneros alimentícios por motivo de saúde ou mesmo financeira.

Dona Mundinha relembra com saudade esse tempo vivido com simplicidade e não menos, com felicidade.

Lá em casa, todas trabalhavam com a palha de carnaúba. Eu mesma fiz muitas tranças pro meu consumo. Porque lá, a mamãe tinha as comades dela, que sempre iam lá em casa ajudar a fazer as tranças, aí a mamãe retribuía dando chapéus e bolsas. Olhe, antigamente tinha pobreza, mas tinha fartura. O meu falecido pai...(neste momento faz longa pausa) morava aqui e plantava a batata na vazante. Plantava feijão, batata na margem do rio... (Rio Jaguaribe). E aí as comades da mamãe iam pra casa dela, e aí, graças a Deus, não tinha vaidade de nada, mas fartura. Vaidade, luxo, não tinha, não. Móvel a gente fazia mesmo era em casa, mesa não tinha, comia em cima da esteira. Na casa do meu avô ele

¹⁰⁸ Francisca Rosa de Oliveira, 79 anos. Moradora da comunidade de Boa Vista, Russas-CE, desde criança trabalha na confecção de bolsas e chapéus. Entrevista realizada em 16/01/2006.

¹⁰⁹ Expressão utilizada por Olivenor Chaves ao mencionar os namoros no sertão do Baixo Jaguaribe no século XX. Cf: CHAVES, José Olivenor Souza. **Atravessando Sertões: Memória de velhas e velhos camponeses do Baixo -Jaguaribe - CE**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da UFPE. Recife, 2002. p. 72.

¹¹⁰ CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do rio bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Duas Cidades, 1987. p. 67.

matava era uma rês pra comer com a família e também dava pros compades dele. Mais muita gente comia e se vestia da palha de carnaúba. E o chapéu, a gente vendia, dependendo do tamanho do chapéu, era a trança. Tinha o de duas braças e meia, dava um chapéu pequeno, e o de cinco braças dava um chapéu maior. Costurava na forma que chamava de carapuça¹¹¹.

Segundo Dona Mundinha, há de se considerar, que no passado não se via a miséria que hoje se vê espalhada por todo lugar. Não somente por causa da produção de cera de carnaúba, mas, por todos os gêneros alimentícios plantados às margens do rio e pela criação de animais, como: galinhas, ovelhas, porcos e gado. Segundo sua narrativa, os camponeses em suas relações com a natureza, não encontravam dificuldades em retirar da terra, da mata e da água, o necessário para a subsistência de todos.

Percebe-se ainda, os fortes laços de amizade e solidariedade que existiam entre os compadres e comadres, bem como, a relação de dependência entre proprietários de terras e trabalhadores, onde a troca de favores predominava no meio rural, pois o ato de matar uma rês e distribuir entre parentes e vizinhos não somente representava um ato de caridade, como uma forma de fortalecer as relações de dependência entre o proprietário de terras e seus trabalhadores.

Para não construir uma visão romantizada do sertão, como um espaço de harmonia e felicidade, vale ressaltar que os depoentes deixam refletir o passado de um tempo feliz, mas vivido com muitas dificuldades.

Portanto, voltar-se para o passado nem sempre representa mergulhar na íntima contemplação daquelas paisagens que se interiorizam no fundo da alma, como querer proteger-se da própria seletividade da memória. Assim, atravessar os sertões dos vários tempos da memória pode significar, antes, desnudar as marcas que os sofrimentos passados deixaram presas no corpo e na alma. Nesse sentido, quase todos os entrevistados repetem a mesma frase: *“Pra mim o tempo é o de hoje, antes tinha muito era sofrimento. Hoje, quase todo mundo tem um pedaço de pão pro café da manhã. Antigamente, tinha muitas vezes, de não ter nem um*

¹¹¹ Raimunda Angelita de Lima, 68 anos. Confeccionava bolsas e chapéus de palha. Casada e mãe de cinco filhos. Desde sua infância vive na comunidade de Poço Redondo – Russas-CE. Entrevista realizada em 09 de março de 2003.

*punhado de farinha seca pra botar dentro do café. Isso olhe lá, quando tinha o café!*¹¹².

3.3 - A festa do padroeiro na comunidade rural.

“Passávamos o ano todo trabalhando nas plantações, criando e fazendo a cera. O ano todo esperando aquele dia, o dia da festa de Santa Luzia, 13 de dezembro. Quando chegava novembro minha mulher, Maria, já começava a fazer o crediário, pra comprar a roupa dos menino. Comprava duas peças de tecido e começava a costurar as roupas dos meninos. Começava cedo porque não tinha muito tempo, então costurava um pouco a cada dia. Para as meninas, a gente comprava um tecido com bolinhas ou xadrez, paras os meninos era tecido liso ou listrado. Então, a mulher fazia as roupas, com muito capricho, com muita medição. Os menino não gostava porque o tecido era igual, mas tinha que ser assim, porque a peça inteira saía mais barato. E ainda tinha que reservar o dinheiro dos calçados. Pois bem, depois de costurada as roupas era tudo engomado no ferro a brasa e guardado pro dia da festa. Quando faltava mais ou menos três semanas, aquelas pessoas da igreja começavam a passar na casa da gente recolhendo a prenda pro leilão, a chamada esmola do santo, né? Lá em casa a gente sempre tirava a galinha mais gorda do quintal, não era pra menos, se é pra santa que cuida da nossa visão. Isso aí já era um movimento. Na semana da festa todo mundo das redondezas se reunia para varrer o terreiro, ciscar e queimar os matos que ficava perto da igreja. Era uma animação todo mundo trabalhando, brincando, tudo em prol da santa. Mas pra ser sincero a gente não ia só pela santa, era também pela animação, principalmente porque depois do trabalho, todo mundo ia tomar banho no rio que passa pertinho da igreja. Sem falar na merenda que o padre ofertava, num ano foi manga madura, noutro qualhada e outras coisas. Pra gente que mora fora, não existia esse negócio de Natal, noite de Ano, o único evento do ano era a festa de Santa Luzia. Quando chegava o dia era todo mundo satisfeito, as crianças acordava querendo saber o que iam ganhar de presente das barraquinhas. Porque eu comprava, nem que fosse um brinquedinho de plástico. Até sempre dizia pros menino: não quero que pegue nada escondido de barraquinha, é muito feio

¹¹² Ana Cordeiro de Lima, 98 anos. Desde a infância trabalhou na confecção de bolsas e chapéus. Viúva, mãe de cinco filhos, atualmente vive com uma das filhas. Comunidade de Poço Redondo, Russas-CE. Entrevista gravada em 04/03/2003.

roubar, além do que, pega gosto. Pois, então, questão de duas horas da tarde a gente começava a se arrumar. Eu, Maria e nossos seis filhos, Evaldo, Edivaldo, Ésio, Evanice e Evanilde. Lá de casa pra saída da procissão era uns três quilômetro, a gente ia a pé, caminhando devagarzinho pra não suar muito. Às vezes os meninos reclamava do sapato que apertava, justamente aquele que ficava com o sapato do irmão mais velho. Depois da procissão, começava o bom da festa, aquela ruma de gente da cidade, tudo passeando, gastando. A nossa diversão era visitar as barraquinhas e procurar os brinquedos mais baratos pros menino e mais no final da festa merendar um pedaço de bolo com refresco ou tomar um caldo. Do leilão, não participava não, mas ficava feliz quando via compadre Dezim gritar: Quem dá mais? Olha a galinha gorda, dada por “Seu” Eliésio de Jesus! Aquilo, pra mim era uma satisfação. A volta pra casa era mais cansativo, os menino já vinham querendo dormir, e se não conseguisse uma carona o jeito era voltar a pé. E assim, a gente esperava o próximo ano pra fazer tudo de novo¹¹³”

A narrativa do Sr. Eliésio de Jesus descreve os preparativos da família para a festa de Santa Luzia, padroeira da comunidade de Boa Vista, a partir desta temos vários elementos para discutir a importância da festa do padroeiro em uma comunidade rural. Primeiro pelo aspecto agregador das pessoas em torno de um objetivo, que é a realização da festa, segundo pela devoção ao santo.

No que diz respeito ao trabalho de organização da festa, tudo era feito de modo coletivo, a limpeza do pátio da igreja, o pedido de esmolas ou ofertas era feito em pequenos grupos que se dividiam pelas comunidades vizinhas, as rezas na capela, enfim, tudo era feito no coletivo.

Vale ressaltar que a festa religiosa é senão a mais importante do meio rural. Cada santo intercede por causas diferentes, no caso de santa Luzia é a protetora da visão, e muito respeitada por aqueles que temem um dia precisar de sua intercessão. Na verdade, a relação entre santo e devotos é de reciprocidade, segundo Maria Isaura:

A religião rústica brasileira tem, pois, um papel antes de mais nada social. Seu segundo atributo é ser utilitário. Com efeito, o culto dos santos, a festa, a novena, as orações têm por objetivo assegurar a

¹¹³ Trecho do depoimento de Eliésio de Jesus da Silva, 66 anos. Trabalhador rural, morador da comunidade de Boa Vista, Russas – CE. Depoimento concedido em 20 de julho de 2006.

*boa vontade dos seres sobrenaturais e uma retribuição. A relação religiosa básica entre os homens e o sobrenatural é o do ut des: dou para receber em troca.*¹¹⁴

Desse modo, era hábito dos moradores deixar o melhor animal: galinha, carneiro, porco, entre outros, para doar à santa, a quem todos devem agradar com as melhores esmolas. Por mais que não tivesse condições de arrematar algum animal no leilão, o Sr. Eliésio, assim como outros moradores, ficava feliz em ouvir o companheiro gritar que aquela galinha gorda e bem cuidada havia sido sua doação à Santa Luzia.

Candido, ao estudar a festa de São Roque, no município de Bofete – SP, também identifica a prática de se pedir esmolas para o santo: *antes dos festejos, saía, geralmente acompanhado dos outros, ou um deles, ou demais irmãos, a tirar os ajutórios, geralmente dados em espécie: leitoas, galinhas, sacos de farinha, ovos etc., para o leilão e a hospedagem dos irmãos, que durante a festa dormem na casa do santo, próximo à capela.*

Outro momento esperado da festa era a realização de batizados que eram celebrados no dia da santa. Alguns pais esperavam o ano todo para batizarem o filho durante os festejos à Santa Luzia. Nas comunidades, também era bastante comum dar aos filhos o mesmo nome dos santos de devoção, ou como forma de pagamento por alguma promessa feita e que tivesse a graça sido alcançada.

¹¹⁴ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil**. Petrópolis, Vozes: São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973. p. 95



Foto 15 - Missa em comemoração ao dia de Santa Luzia, comunidade de Boa Vista¹¹⁵.

O ritual seguido pela família de seu Eliésio durante todo o período que antecipa a festa de Santa Luzia não é diferente do que era seguido pelas outras famílias da comunidade. Na verdade, são relatos e experiências similares de pessoas que vivem também, em outras comunidades, pois cada uma tem seu padroeiro e realiza entorno do santo a festa mais esperada do ano. Desse modo, podemos perceber que a vida religiosa nas comunidades rurais amplia o campo interativo que então é mais centralizado na cidade.

Vemos mais uma vez como as relações se desenvolvem na comunidade rural, aqui mais dispenso, com casas bem distantes, diferentemente da categoria de bairro, colocada por Antônio Candido no município de Bofete, em São Paulo, nos anos de 1948 e 1954, sobretudo, pelas especificidades e características herdadas do processo de povoamento de cada região brasileira.

Embora com aspectos diferentes, a festa religiosa da comunidade de Boa Vista, também representa entre os trabalhadores, um elemento de definição da sociabilidade lúdico-religiosa, onde o trabalho e a religião se associam para configurar o âmbito e o funcionamento do grupo de vizinhança, cujas moradias, muito afastadas umas das outras, constituem unidade, na medida em que participam do desenvolvimento destas atividades.

¹¹⁵ Foto de missa na Igreja de Santa Luzia na comunidade de Boa Vista, celebrada pelo Bispo da Diocese de Limoeiro do Norte, Dom José Freire Falcão e pelo Bispo de Iguatú, Dom José Mauro Ramalho. Por nove anos a escola da comunidade funcionou na igreja, enquanto o prédio da escola era construído e recebeu o nome de Alípio Rodrigues de Oliveira, em homenagem a um proprietário de terras da comunidade.

Outro fator relevante na religiosidade camponesa são as promessas aos santos de devoção, aos quais costumam solicitar a intercessão com objetivo de solucionar os mais diversos problemas, ofertando em troca dos favores missas, “medidas” (fitas coloridas do tamanho da imagem e que depois são guardadas como agentes protetores), objetos de cera, madeira ou metal que lembrem a graça alcançada e que constituem as ofertas prometidas a troco da graça alcançada. Nos estudos sócio-culturais realizados pela SUDENE na região do Vale do Jaguaribe nos anos de 1940 a 1960, onde estão apresentados os percentuais relativos a este fenômeno, na região do vale do Jaguaribe, pode-se verificar que 70, 3% dos chefes de família costumam solicitar graças mediante a promessa de ofertar algo ao santo ou em seu louvor, sendo as promessas por uma boa lavoura e problemas de saúde as mais identificadas entre os habitantes do vale¹¹⁶.

Os santos reverenciados podem ser divididos em duas categorias: os simplesmente venerados por devoção, uma espécie de culto particular desinteressado, e os santos de promessa, que seriam possuidores de poderes específicos. Entre eles, o estudo releva os mais citados pelos entrevistados: Santa Rita, protetora dos casamentos ou propiciadora de uniões matrimoniais felizes; São José, com os mesmos poderes; São Judas Tadeu, invocado para as coisas julgadas impossíveis e finalmente Santa Luzia, protetora dos olhos e intercessora na cura das doenças da vista. Por isso, o Sr. Eliésio, relata que o momento mais importante da festa é tocar nos olhos da santa e depois nos seus, como gesto de agradecimento por sua visão.

A gente enfrentava aquela fila medonha, também vinha gente de todo canto. Aí era aquela fila, todo mundo queria passar a mão nos olhos da santa e depois passava a mão nos seus. Eu levava os meninos tudim, levantava nos braços um por um, por que a santa ficava no altar que era alto. Mas esse era o momento mais emocionante, tocar nos olhos da santa, pedir a benção e agradecer por nossa visão¹¹⁷.

¹¹⁶ Estudo Geral de Base do Vale do Jaguaribe. Aspectos Sócio-culturais. V. IX. IJNPS. Publicação: 1967. p.146 a 147.

¹¹⁷ Eliésio de Jesus da Silva. Trabalhador rural, morador da comunidade de Boa Vista, Russas – CE. Depoimento concedido em 20 de julho de 2006.

Assim, percebemos que a devoção ao santo estava diretamente ligada à sua história de vida e martírio propagado, bem como, à tradição oral que vinha avolumando histórias de graças alcançadas quase sempre impossíveis.

Dos santos de promessa, o mais famoso entre os sertanejos é São Francisco (de Canindé), cujos milagres extraordinários ultrapassam as barreiras dos limites humanos, pois com frequência encontram-se velhas senhoras que relatam o sofrimento vivido nas romarias que eram feitas a Canindé, onde as viagens realizadas a pé ou em lombos de jumentos era o grande sacrifício para chegar perto da imagem do Santo e agradecer as graças alcançadas. Não sendo raro, os casos de mulheres que tiveram bebês à beira da estrada ou chegaram ao aborto devido o esforço sofrido pela longa caminhada, com pouco tempo dedicado ao descanso para uma mulher grávida e a poucos meses de dar à luz.

Em todos os movimentos religiosos, a presença de lideranças comunitárias é sempre observada, tanto para a organização da festa da padroeira, como para a realização de uma romaria. Estas pessoas enquadram-se numa hierarquia religiosa existente entre os próprios sertanejos, pois eram encarregadas de organizar todo movimento da igreja na ausência do padre responsável pela comunidade. Inclusive recebiam ordem superior para realizar celebrações e distribuir hóstias, sendo também responsáveis pela realização das novenas do padroeiro, bem como, o recebimento do dinheiro arrecadado durante as novenas. Entre os adultos, alguém respeitado, entre as crianças, alguém temido, “quase o capeta”¹¹⁸, pois como estas pessoas sempre tinham ligação com a escola, eram professores ou diretores, além de realizarem as reuniões da primeira eucaristia, as crianças estavam em contato diariamente e eram conduzidas aos valores e à moral cristã. Claro que todo esse temor dava-se ao modo arbitrário e castigos que algumas eram submetidas sempre que descumpriam as ordens estabelecidas.

Ainda segundo o Estudo Geral de Base do Vale do Jaguaribe¹¹⁹, na tabela 80 - Profissão desejada para os filhos, na profissão mais desejada para as filhas, a de freira aparece no quarto lugar e para os filhos, a de padre em quinto lugar. Na tabela 79, que se refere à ocupação de maior prestígio regional, a posição de Vigário

¹¹⁸ Informações cedidas durante as visitas e conversas realizadas com moradores da Comunidade de Boa Vista. Antônio José da Silva. 50 anos, agricultor. Pesquisa de campo, Junho de 2006.

¹¹⁹ Estudo Geral de Base do Vale do Jaguaribe. Aspectos Sócio-culturais. V. IX. IJNPS. Publicação: 1967. Tabelas, 79 e 80.

ocupa o sexto lugar, ganhando com grande margem de opiniões as de juiz, chefe político e delegado.

Nesta ordem hierárquica, vemos as diferenciações que existiam entre fazendeiros e trabalhadores rurais. Os primeiros, para não se deslocarem até a igreja ou simplesmente como uma forma de demonstrarem o prestígio que exerciam na ordem local, chamavam o padre e realizavam missas e casamentos em sua própria casa, bem como, outros privilégios: missa em ação de graças, sepultura especial, missas perpétuas para todos os membros da família já falecidos e destaque de suas doações no leilão da festa da padroeira. Diferentemente de “seu” Eliésio de Jesus que doava, mas não participava do leilão, os fazendeiros ou proprietários de terras com carnaubais, às vezes, arrematavam sua própria doação por um valor muito além do estimado.

Ainda seguindo as tradições religiosas do homem sertanejo, vale ressaltar que sua crença vai além dos ensinamentos da igreja católica. As experiências cotidianas, a relação com a natureza e o poder de fé nas crenças e práticas ligadas, sobretudo, ao trabalho e à saúde, fazem do homem sertanejo o profeta das chuvas, o curador das doenças e o protetor das lavouras. Saberes populares, que sempre foram desconsiderados pela igreja católica e que na passagem do século XIX para XX passaram pelo processo de superação dos ditos saberes não-científicos.

Num estudo acerca da cultura e saberes populares em comunidades rurais de Limoeiro do Norte, Josberto Montenegro identifica as diversas tradições observadas por sertanejos, em torno da natureza, para a previsão de chuvas ou de secas. Os trabalhos dos rezadeiras, benzedeiros, curandeiros e parteiras que por várias gerações desenvolvem práticas de cura e proteção do corpo contra os males físicos e psíquicos, eram realizados tanto em pessoas como em animais, bem como, para impedir incêndios e afastar possíveis ataques de animais venenosos, entre outras situações difíceis que enfrentam os habitantes de comunidades rurais.

Nesse ambiente complexo, marcado pelas excludentes relações sócio-culturais, pela irregularidade climática, como pelos saberes e técnicas desenvolvidas, a população sertaneja constrói os elementos da sua cultura. Sempre em relações de intercâmbio com a natureza, que lhes permitem estabelecer meios para lidar com as adversidades

*de conhecimentos transmitidos pelos mais velhos e atualizados através de gerações*¹²⁰.

Assim, percebemos o tamanho do universo cultural no qual estão situados não só os trabalhadores do processo de extração e produção da cera da carnaúba, mas o sertanejo de modo geral. Pois, os mesmos trabalhadores que durante a extração da palha fazem rezas para livrar-se de animais e cobras venenosas quando adentravam os carnaubais, também procuravam no contato com a natureza, sinais de um bom inverno. Logo, sabiam que assim que acabasse o período de corte, teriam de se dedicar aos trabalhos na agricultura.

Esse aspecto da cultura sertaneja, mais uma vez nos remete ao conceito de rusticidade das práticas da vida cotidiana sertaneja. Os modos de vida na comunidade ou bairro disperso, o isolamento do mundo urbanizado faz com que estas práticas de fé e saberes populares perpetuem-se por gerações e gerações, ou até mesmo pela resistência desses velhos profetas e curandeiros em aceitar o conhecimento científico, haja vista, que uma das principais características das práticas sertanejas está em atender suas necessidades imediatas, como a cura de uma doença ou a reza para apagar incêndios nas plantações.

¹²⁰ SOUSA, José Josberto Montenegro. **Cultura e saberes populares em comunidades rurais do Vale do Jaguaribe, Ceará**. Dissertação de Mestrado em História Social – PUC. São Paulo, 2004.p. 80.

Considerações finais

A preocupação central que me motivou a realizar este trabalho de pesquisa foi documentar e interpretar os elementos constitutivos dos modos de vida e solidariedade nos bairros rurais do município de Russas, caracterizados pela cultura rústica que, na sua relação criativa com o mundo natural, explora sazonalmente a carnaúba extraindo e produzindo cera.

Busquei compreender a relação homem/natureza a partir do seu aspecto histórico, não para falar da origem do povoamento ou das múltiplas vantagens da carnaúba para a vida naquela região semi-árida, mas para visualizar as representações sociais e culturais que ao longo dos séculos XIX e XX, constituíram um imaginário da carnaúba e das formas como os homens a utilizam.

Parti assim, para a análise dos viajantes, cronistas, historiadores etc, e também para análise dos elementos formadores do espaço colonial, da maneira como a terra foi dividida e explorada, e como se formou as estruturas de poder e de organização do trabalho na região.

Como estava preocupada com a desagregação cultural dos camponeses dos bairros rurais de Russas que vivem a desarticulação das suas formas de trabalho e sociabilidade, documentei a divisão do trabalho na extração da cera da carnaúba e a maneira como se dava a organização deste trabalho de equipe na primeira metade do século XX.

Observei que o trabalho era organizado por equipes extremamente hierarquizadas, com tarefas distintas, onde o conhecimento da paisagem natural era determinante para a formação das hierarquias entre os trabalhadores da extração do pó e produção da cera da carnaúba. A alimentação e os meios de obter os recursos alimentares configuram-se numa das especificidades da cultura rústica do sertanejo, onde buscar o alimento, também, é uma forma de diversão, através da caça, da pesca etc, além de evidenciar a adaptação deste homem às estações do ano, que sazonalmente trabalha na extração da carnaúba e no período chuvoso se ocupa da agricultura de subsistência.

Documentei, ainda, os tipos de moradia do trabalhador da cera da carnaúba, e sua historicidade, mostrando a relação que o mesmo mantém com sua casa e como os espaços são utilizados pelos membros da família e qual o lugar da casa do trabalhador em relação à casa do patrão dentro do mesmo bairro rural.

Ao identificar as formas de sociabilidade no meio rural, tivemos contato com as mais diferentes práticas de lazer e vida social destes trabalhadores, que também, estabeleciam uma ligação entre trabalho e diversão, através da prática do mutirão, onde as pessoas que se reúnem em prol da ajuda a um vizinho ou amigo, também o faziam pelo caráter de divertimento que a reunião proporcionava.

A festa do padroeiro aparece nas narrativas como a festa mais esperada do ano, haja vista, que era neste momento onde os sertanejos demonstravam sua fé, ao ajudar na realização da festa e no recolhimento de ofertas, ou esmolas, para o santo, junto aos moradores do bairro rural. A festa de Santa Luzia, aparece entre os entrevistados como a santa de maior devoção entre os trabalhadores do corte das palhas da carnaúba, pois segundo eles, *para quem estava exposto a perder a visão com as pontas dos talos das folhas que caíam com o corte, só podia mesmo era se valer de Santa Luzia, a santa protetora da visão.*

Ao identificar a desestruturação das formas tradicionais de vida e de trabalho do homem sertanejo, em Russas, procurei documentar, principalmente, os aspectos que estão gradativamente perdendo suas especificidades originais.

Para Antonio Candido a cultura tradicional e os modos de vida do caipira, ou sertanejo, é algo que está sendo incorporado por outras novas formas de vida e suas práticas e costumes serão superados gradativamente. Desse modo, podemos observar nas comunidades pesquisadas que a chegada da tecnologia, com o uso da televisão, aparelho telefônico tem contribuído fortemente para a introdução de novos hábitos e costumes na cultura sertaneja, anteriormente caracterizada pelo pouco contato com outras culturas.

Desse modo também concluiu Maria Isaura Pereira de Queiroz que estudou as peculiaridades dos elementos culturais que diferenciam o *Brasil urbano* do *Brasil rural*.

As transformações em processo no mundo rural brasileiro fazem prever o desaparecimento do bairro rural tradicional, substituído seja por uma nova forma de distribuição da população agrícola (aglomerado em cidadezinhas), seja por um reagrupamento de

*pequenas propriedades em favor de médias e grandes (eliminando assim o sitiante tradicional do cenário da vida rural)*¹²¹.

Em Russas, principalmente, a indústria ceramista cresce dia após dia, o desmatamento de carnaubais já é extramente visível e assustador, os proprietários de terras com carnaubais vêm mais lucros em vender o barro que é utilizado como matéria-prima na produção de telhas e tijolos do que arrendar os carnaubais uma vez por ano. Assim, cabe ao trabalhador rural se ajustar às novas formas de organização social.

No entanto estas considerações não devem ser tomadas como conclusões definitivas e, sim, como hipóteses para pesquisas posteriores. Para a História não existe um trabalho pronto e acabado, mas um início para novas abordagens e novas interpretações. Muito pouco se sabe ainda sobre o meio rural da região do Baixo Jaguaribe e o que se pode concluir é que outras pesquisas profundas e aprimoradas ainda serão necessárias para que possa conhecer melhor a rusticidades das formas de vida e de relação com a natureza dos trabalhadores rurais do vale do Jaguaribe.

¹²¹ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil**. Petrópolis, Vozes: São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973. p. 96.

✓ FONTES

✓ ORAIS

✓ PERFIL DOS ENTREVISTADOS

- José Otacílio Neto, 62 anos, agricultor e criador de animais na comunidade de Boa Vista. Conhecido em toda comunidade por ser “farrista e apreciador dos prazeres carnaís”, Otacílio é um homem de muitas histórias. Casado por duas vezes, hoje vive sozinho em uma propriedade abaixo da Serra do Vieira. Fazendeiro, só vem à cidade para comprar mantimentos, remédios para as reses ou como ele diz: Quando preciso pegar uma “caboca” pra tomar um banho de açude. Coleciona garrafas de cachaça. Entrevista realizada em 25 de julho de 2006.
- João Batista Marques Neto, 49 anos. Filho de um casal de agricultores, o Sr. Francisco Miguel da Silva, conhecido por Chico Miguel, agricultor, cortador de palha da carnaúba e sua mãe, Francisca Marques da Silva, conhecida por Chiquinha, agricultora e trabalhava na confecção de bolsas e chapéus. Rendeiro e trabalhador do processo de extração da palha e produção da cera da carnaúba. Durante o período chuvoso dedica-se a agricultura e criação de porcos. Pai de cinco filhos com a primeira mulher, hoje vive com uma jovem de vinte e cinco anos e tem uma filha de dois anos, morador da comunidade de Ingá, Russas-CE.
- João Felício Xavier, 80 anos. Viúvo, pai de sete filhos, atualmente vive com uma filha na comunidade de Ingá. Agricultor trabalhava como vareiro no período do corte da palha de carnaúba. Entrevista gravada na comunidade de Ingá, no dia 13/03/2006.
- Ana Cordeiro de Lima, 98 anos. Desde a infância trabalhou na confecção de bolsas e chapéus. Viúva, de cinco filhos, atualmente vive com uma das filhas. Comunidade de Poço Redondo, Russas-Ce. Entrevista gravada em 04/03/2003.
- Raimunda Angelita de Lima, 66 anos. Confeccionava bolsas, vassouras e chapéus de palha. Casada e mãe de cinco filhos, Atualmente mantém a

plantação e conservação de um pomar, juntamente com o marido de 78 anos, os dois são aposentados pelo INSS. Desde sua infância vive na comunidade de Poço Redondo – Russas. Entrevista realizada em 09 de março de 2003.

- Eliésio de Jesus da Silva, 66 anos. Trabalhador rural, morador da comunidade de Boa Vista, Russas – CE. Atualmente trabalha em Cerâmica. Entrevista gravada em 20 de julho de 2006.
- Bernardo Ferreira de Lima, 84 anos. Pequeno proprietário de terras, agricultor e arrendatário de carnaubais para extração do pó da carnaúba. Boa Vista, Russas. Entrevista gravada em 26/02/2006.
- Francisco Agaci Fernandes da Silva, 62 anos. Ex-proprietário de armazéns de cera, castanha de caju e algodão, Deputado Estadual (1987-1991) e Prefeito (1993-1996), atualmente ocupa uma vaga como Vereador na Câmara Municipal de Russas. Entrevista gravada em 02/03/2006.
- Francisca Rosa de Oliveira, 79 anos. Moradora da comunidade de Boa Vista, desde criança trabalha na confecção de bolsas e chapéus. Entrevista realizada em 16/01/2006.
- Maria Ogarita de Sousa, 80 anos. Professora, Russas. Conhecida na cidade por sua habilidade em narrar com detalhes memórias da história do município. Entrevista gravada em 15/03/2006.
- Maria Terezinha da Silva, 82 anos. Trabalhadora rural, comunidade de Malhadinha. Entrevista realizada em 12/05/2006.

✓ FONTES PUBLICADAS

- Arquivo do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Agência de Russas.
- BRAGA, Renato. **História da Comissão Científica de Exploração**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.
- BAYMA, Cunha. **Carnaúba**. In: Produtos Rurais nº 09. Ministério da Agricultura, 1958.

- FONSECA, Paulino Nogueira Borges da - **A Carnaúba**. In: A Quinzena: Propriedade do Club Litterario, 05 de julho de 1887. Edição fac-similar. Fortaleza-Ceará, BNB, 1984.
- DENIS, Jean Ferdinand. **Brésil**. Paris: Firmin Didot Frères Editeurs, 1837.
- GARDNER, George. Viagem ao interior do Brasil: principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836 – 1841. Ed. da Universidade de São Paulo.
- KOSTER, Henry. **Viagens ao interior do Brasil**. Tradução de Luis da Câmara Cascudo. 2ª edição. Recife – 1978.
- KIDDER, Daniel P. **Notícias Históricas e Geográficas do Império e das Diversas Províncias**. Coleção Reconquista do Brasil. Editora da Universidade de São Paulo.
- **O Ceará no Centenário da Independência do Brasil**. Org. Dr. Thomaz Pompeo de Sousa Brasil. Ceará. Fortaleza. 1926.
- THEOPHILO, Rodolpho. **História da Secca do Ceará (1877-1880)**. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

✓ JORNAIS

- JORNAL DO RECIFE. R. da Cunha – Uma Excursão pelo Ceará, 23 de julho de 1859.
- JORNAL AVANTE DE RUSSAS.
Artigos:
 - A carnaubeira. Rantzual de Sousa. 30 de janeiro de 1948.
 - O fabrico da cêra. Róseo de Oliveira. 30 de janeiro de 1948.

Bibliografia

- ALBANO, Hidelfonso. **A cultura algodoeira no Ceará**. Notas oferecidas à Primeira Conferência Algodoeira, organizada no Rio de Janeiro em Junho de 1916 pela Sociedade Nacional de Agricultura sob os auspícios do Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro. 1918.
- _____. **A crise do algodão**. Discurso pronunciado na Câmara dos Deputados em 11 de dezembro de 1915.
- ARAÚJO, Con. Pedro de Alcântara. **Capital e Santuário: miragens, russano – nordestinas**. Imprensa Oficial do Ceará. Fortaleza, 1986.
- ARAUJO, Soraya Geronazzo – **O Muro do Demônio: economia e cultura na Guerra dos Bárbaros no nordeste colonial do Brasil (séculos XVII e XVIII)**, Fortaleza: Mestrado em História Social da UFC, 2007.
- ARENDT, Hannah. **O Conceito de História – Antigo e Moderno**. In: Entre o Passado e o Futuro. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste. **Tendências recentes em perspectivas da cera de carnaúba**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1970. (BNB publicações).
- BARBOSA, Ivone Cordeiro. **SERTÃO: UM LUGAR IMCOMUM – O sertão do Ceará na literatura do século XIX**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. Fortaleza, Ce. Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.
- BURKE, Peter. **A Escrita da História**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do rio bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Duas Cidades, 1987.
- CARDOSO, Joaquim. **Um tipo de casa rural do Distrito Federal e Estado do Rio de Janeiro**. In: Modernidade da repartição. Org. Lauro Cavalcante. 2ª edição. Editora UERJ / MINC – IPHAN.
- CASTORIADIS, Cornelius. Introdução: a questão da história do movimento operário. **A Experiência do Movimento Operário**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

- CHAVES, José Olivenor Souza. **Atravessando Sertões: Memória de velhas e velhos camponeses do Baixo - Jaguaribe - Ce.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da UFPE. Recife, 2002.
- CLAVAL, Paul. **Campo e Perspectiva da Geografia Cultural.** In: Geografia Cultural: Um século (3) org. Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendahl. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- **Estudo Geral de Base do Vale do Jaguaribe.** Aspectos Sócio-culturais. V. IX. IJNPS. Publicação: 1967.
- FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. **Comunidade Operária, Migração nordestina e Lutas Sociais: São Miguel Paulista (1945-1966).** Tese de doutorado apresentada ao Programa da Pós-Graduação do Departamento de História da UNICAMP. Campinas, SP. 2002.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na Ordem Escravocrata.** Publicação do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo – Brasil. 1969.
- FREYRE, Gilberto. **A Casa Brasileira.** Grifo edições, 1971. Rio de Janeiro.
- GIRÃO, Raimundo e FILHO, Martins. **O Ceará.** 3ª edição, 1966. Editora Instituto do Ceará. Fortaleza – CE.
- GIRÃO, Raimundo. **Evolução Histórica Cearense.** Fortaleza:BNB/ETENE.1985.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Livros de viagem (1803 – 1900).** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- LEONARDI, victor. **Os historiadores e os rios: natureza e ruína na amazônia brasileira.** Editora UnB, 1999.
- LEONARDI, victor. **Entre árvores e esquecimentos: História Social nos Sertões do Brasil.** Editora UnB, 1996.
- LIMA, Luiz Cruz. **Produção do espaço, sistemas técnicos e divisão territorial do trabalho.** *Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, vol. VI, nº 119 (63), 2002.
- MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916).** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- MEDEIROS, Ricardo Pinto – **Povos indígenas do sertão do nordeste no período colonial: descobrimentos, alianças, resistências e encobrimento** IN:

- FUMDHAMENTOS, Publicação da Fundação do Museu do Homem Americano, São Raimundo Nonato: FMHA/Centro Cultural Sérgio Motta, volume 1, n.2, 2002
- NETO, Manoel Fernandes de Sousa. **Formação Continuada para Professores – Geografia, fascículo nº 06**. Edições Demócrito Rocha.
 - NEVES, Frederico de Castro. **A Lei de Terras e a Lei da Vida: Transformações do mundo rural no Ceará do século XIX**. Estudos de História, Franca, 2001.
 - NOBRE, Daniel Praciano. Artigo publicado no Site: www.radiojornalismo.com.br. 10/11/1997.
 - **O Ceará no Centenário da Independência do Brasil**. Org. Dr. Thomaz Pompeo de Sousa Brasil. Ceará. Fortaleza. 1926.
 - OLIVEIRA, Sheila. **Carnaúba: a árvore que arranha**. Fortaleza: Tempo d'Imagem, 2005.
 - PESAVENTO, Sandra Jatahy. In: **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS. 200.
 - PESSOTI, Isaías. **Entre o fascínio do passado e o enigma do futuro**. Margem / Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Nº 05, 1996. São Paulo, EDUC.
 - PORTELLI, Alessandro. **O que faz a História Oral diferente**. In. Projeto História, nº 14, São Paulo: PUC. Fev. 1997.
 - PUNTONI, Pedro – **A Guerra dos Bárbaros – Povos Indígenas e a Colonização do Sertao Nordeste do Brasil (1650-1720)**, São Paulo: HUCITEC, 2002.
 - POMPEU, Thomaz. **Estado do Ceará na Exposição de Chicago**. In: Documentos: Revista do Arquivo Público do Ceará: Ciência e Tecnologia/Arquivo Público do Ceará. Fortaleza, v 1 – 2005.
 - PRADO Jr, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. Brasiliense. Ed. 23^a. De 1994. São Paulo.
 - PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Tradução: Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru, OS: EDUSC, 1999.
 - QUEIROZ, Teresinha de J. M. **Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo**. 2^a ed. EDUFPI, 1998.

- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil**. Petrópolis, Vozes: São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.
- REIS, José Carlos. **Tempo, História e Evasão**. Campinas: Papirus Editora, 1994.
- SALVDOR, Frei Vicente do. **Historia do Brasil: 1500-1627**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982
- SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Errantes do Fim do Século**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- SOARES, Hidelbrando dos Santos. **Agricultura e Reorganização do Espaço: A Rizicultura Irrigada em Limoeiro do Norte – Ce**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós – Graduação em Geografia da UFPE. Recife, 1999.
- _____ **Agricultura e modernização socioespacial em Limoeiro do Norte**. In: **Modernização excludente**. Org. Denise Elias, Jorge Levi Furtado Sampaio. Coleção: Paradigmas da agricultura cearense. Edições Demócrito Rocha. Fortaleza – CE, 2002.
- SOBRINHO, Pompeu. **Aspecto Fisiográfico e Antropogeográfico**. In: GIRÃO, Raimundo e FILHO, Martins. **O Ceará**. 3ª edição, 1966. Editora Instituto do Ceará. Fortaleza – CE.
- SOUSA, José Josberto Montenegro. **Cultura e saberes populares em comunidades rurais do Vale do Jaguaribe, Ceará**. Dissertação de Mestrado em História Social – PUC. São Paulo, 2004.
- THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- THOMPSON, E. P. A formação da classe operária inglesa, vol. I. **São Paulo**:
- THOMPSON, E. P. **Estrutura e Processo e a História como processo. A Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro: Zahar. 1981.
- THOMPSON. E.P. **Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional**. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

- VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas, São Paulo, Editora Autores Associados, 2002.
- WEBER, Regina. **Os operários e a colméia: trabalho e etnicidade no Sul do Brasil**. Ed. Unijuí, 2002. Coleção Ciências Sociais.

ANEXOS



Fonte: DASC – Departamento de Ação Social e Comunitária do Município de Russas.

Mapa do município de Russas com seus distritos. A comunidade de Boa Vista está localizada no distrito sede e as demais comunidades pesquisadas localizam-se nos arredores.



Fonte: www.portalbrasil.net/images/mapa_ce.jpg

No Mapa do Ceará observa-se algumas das cidades cortadas pelo Rio Jaguaribe.

**Fotografias do processo de extração e produção da cera,
em comunidades rurais do município de Russas – CE.**

Foto 01 - Corte da palha da carnaúba



Foto 02 – O aparador junta as palhas em feixes de 25 palhas.



Foto 03 - Após o corte, as palhas são levadas ao palheiro ou secador.



Foto 04 - No palheiro as palhas são estendidas para secar ao sol



Foto 05 – Trabalhador junta as palhas para levar a máquina extratora.



Foto 06 – Do secador as palhas são levedas à maquina de triturar, onde o pó é extraído da palha.



Foto 07 – Na casa de cera o pó é fundido em água fervente, onde é transformado em cera bruta após a secagem.



Foto 08 – Prensagem da cera líquida, para retirada do bagaço.



Foto 09 – Do “olho” da carnaubeira se produz a cera do tipo 01, ou cera branca.



Foto 10 - Da palha da carnaubeira se produz a cera do tipo 02, ou cera arenosa.



Foto 11 – Da casa de presa, a cera em barra, segue para Fortaleza



Foto 12 – Casa feita de lasca de carnaúba, ainda é habitada no meio rural



Foto 13 – Raimundo Nonato Damasceno, 83 anos, trabalhador rural, vive da produção artesanal de vassouras de palha da carnaúba.



Foto 14 – Maria Nazaré de Jesus, 82 anos, trabalha desde jovem na produção de chapéus e bolsas de palha.



LISTA DE FOTOS

Foto 01 – Paisagem de matas nativas do Município de Russas.

Foto 02 - Paisagem natural com rio e carnaubais (Ferdinand Denis – 1837).

Foto 03 – carnaubal cultivado na comunidade de Jardim de São José – Russa

Foto 04 – Aparador trabalhando no corte dos talos, após o corte da palha.

Foto 05 - Trabalhadores prensando cera, comunidade de Borges de Russas – CE,(21 de setembro de 1999).

Foto 06 - Cera tipo 01, produzida da palha do “olho” da carnaúba.

Foto 07 - Cera tipo 02, produzida das palhas da carnaúba.

Foto 08 - Trabalho de trincar das palhas para retirada do pó para confecção de bolsas e chapéus.

Foto 09 – A comida dos trabalhadores é preparada no meio do mato.

Foto 10 – Casa construída com lascas da carnaúba, Distrito do Peixe, Russas –CE.

Foto 11- Casarão construído em 1940, comunidade de Pitombeira I, Russas-CE.

Foto 12 - Casa de alvenaria construída em 1940.

Foto 13 - Boi Pai do Campo, fundado em 1919, comunidade Lagoa do Toco.

Foto 14 - Mulheres confeccionando tranças da palha da carnaúba.

Foto 15 - Missa em comemoração ao dia de Santa Luzia, comunidade de Boa Vista